RELATÓRIO DE INVESTIMENTOS DEZEMBRO

Diretoria Executiva

Processo IPMU/203/2020

Sumário

1	INTRODUÇÃO	3
2	CENÁRIO MACROECONÔMICO	3-4
3	CENÁRIO INTERNACIONAL	4-5
4	CENÁRIO DOMÉSTICO	6
4.1	Taxa Básica de Juros	6
4.2	Inflação	7
4.3	Produto Interno Bruto (PIB)	8
4.4	Emprego	9
5	PROJEÇÕES ECONÔMICAS	10-13
6	APLICAÇÕES FINANCEIRAS	14
6.1	Renda Fixa	15-18
6.2	Renda Variável	19-20
6.2.1	Ibovespa no mês de Dezembro	20-22
6.2.2	A Trajetória do Ibovespa em 2020	23
6.2.2.1	A Retomada Gradual	23-24
6.2.2.2	A Segunda Onda	24
6.2.2.3	Novembro: o rali das vacinas e dos estrangeiros	25
6.2.2.4	Raio-X da Bolsa: 2020, vários anos em um	26-28
6.2.2.5	Ibovespa zera as perdas de 2020	28-29
6.2.3	Desempenho	29-32
7	CARTEIRA DE INVESTIMENTOS	33-34
7.1	Risco x Retorno	35-37
7.2	Value at Risk (VaR)	38
7.3	Sharpe	39
7.4	Rentabilidade	40-43
7.5	Composição dos Investimentos	44
7.6	Distribuição dos Investimentos	45
7.7	Rentabilidade das Aplicações Financeiras	46-56
7.8	Evolução dos Investimentos nos últimos 12 meses	57
7.9	Meta Atuarial	58-60
7.10	Aplicação por enquadramento	61-62
7.11	Composição dos Investimentos	63-64
7.12	Análise de liquidez	65
7.13	Alocação por gestor	66-67

1- INTRODUÇÃO

Relatório Mensal de Investimentos do Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU, referente ao mês de **dezembro de 2020**, contemplando obrigações da Resolução CMN 3.922/2010, alterada pela Resolução CMN nº 4.604/2017, Resolução CMN nº 4.695/2018, Portaria 419/2002, Portaria 185/2015 e Portaria MPS 519/2011, apresentando as operações dos ativos alocados em fundos de investimentos e aderência à Política de Investimentos e Meta Atuarial para o exercício de 2020.

O relatório tem por finalidade demonstrar o cenário econômico, as informações relevantes sobre os investimentos e apresentar a evolução patrimonial dos recursos financeiros do IPMU no mês, em consonância com a legislação em vigor e a transparência da gestão.

2- CENÁRIO MACROECONÔMICO

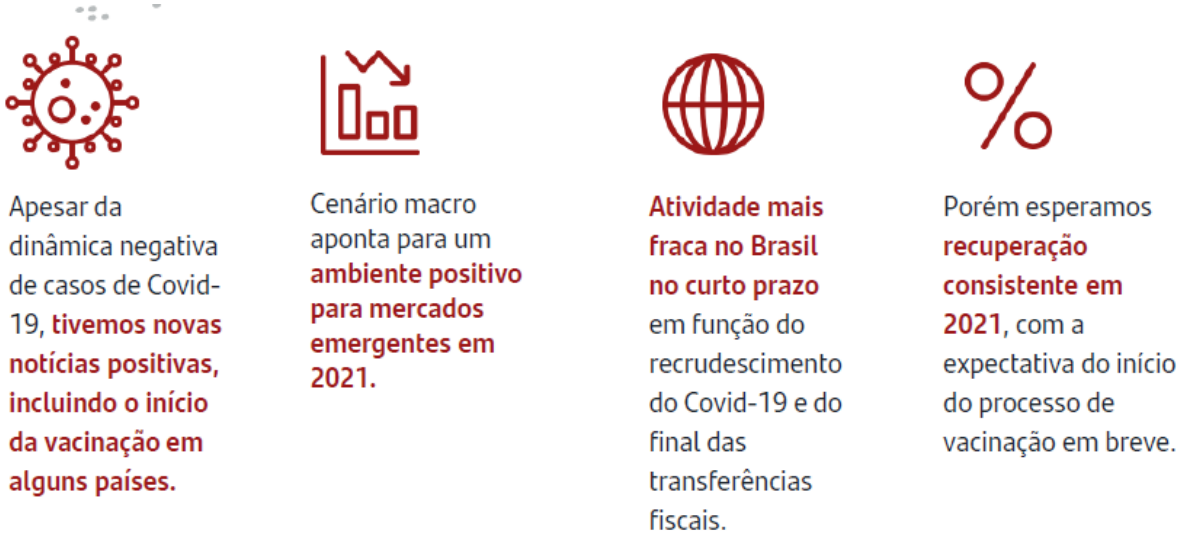
Dezembro foi marcado pelo início da vacinação contra o covid-19 em diversos países, começando pela Inglaterra. Depois do período de impasse, o Reino Unido e a União Europeia chegaram a um acordo comercial sobre as relações entre as partes após o Brexit, selando assim a saída britânica do bloco. No Brasil, ainda não foi iniciada a campanha de vacinação e continua a alta nos números de casos e mortes por coronavírus. Muitos Estados voltaram a adotar medidas mais restritivas de distanciamento para evitar aglomerações nas festas de final de ano.

Dezembro foi uma continuidade de novembro para os mercados globais, ainda que com menor intensidade. As vacinas, desta vez com alguns países já iniciando programas de imunização, continuaram a dar o tom positivo. O pacote adicional de estímulo fiscal, no valor de US$ 900 bilhões, que vinha sendo discutido desde antes das eleições, finalmente foi aprovado nos EUA, o que também ajudou a manter o bom humor dos mercados.

Do ponto de vista de política monetária, os dois principais Bancos Centrais do mundo, Fed e BCE, sem muitos instrumentos à mão para aliviar ainda mais as condições monetárias, tomaram decisões que, passam a mensagem de acomodação até onde a vista alcança. No caso do Fed (Banco Central Americano), a expressão "progresso substancial", adicionada para caracterizar a desejada normalização dos níveis de inflação e desemprego antes de se pensar em normalizar a política monetária, reforça a visão de que o Fed vai esperar bastante antes de voltar a subir as taxas de juros. Já o BCE (Banco Central Europeu) estendeu o Programa Emergencial de Compras de títulos durante a Pandemia por mais nove meses, até março de 2022, o que representa aumento de quase 40% no valor total do programa. Mesmo com a perspectiva do início da vacinação, os principais bancos centrais do mundo permanecem dispostos a manter os incentivos monetários.

Um ambiente propício à tomada de risco comandou os negócios durante o mês de dezembro. O último mês de um ano atípico termina de forma mais otimista, com a aprovação da utilização emergencial de vacinas em diversos países, uma campanha global de vacinação se inicia. Nos últimos meses, a força da segunda onda da pandemia, a maior certeza com relação ao risco de reinfecção e a identificação no Reino Unido de uma variante que acelera a transmissão mostram que apenas a vacinação em massa é solução definitiva para a pandemia. Neste sentido, de acordo com os analistas, combinado com os estímulos monetários e fiscais introduzidos, uma campanha de vacinação global bem sucedida cria um ambiente favorável para uma recuperação rápida da economia global ao longo de 2021.

O mês trouxe clima de maior otimismo aos mercados. Houve grande fluxo de investimentos para mercados emergentes. Observamos forte valorização da bolsa brasileira e apreciação do Real frente ao dólar americano. Na Renda Fixa, os juros reais e nominais tiveram queda acentuada, refletindo o cenário global benigno e a ausência de ruídos domésticos.
Em monitoramento o processo de vacinação ao redor do mundo, evolução da nova variante do vírus da Covid-19 e extensão dos estímulos econômicos globais. No âmbito local, trajetória de recuperação da economia e evolução do quadro fiscal.



3- CENÁRIO INTERNACIONAL

Europa

Com a ressurgência de casos de Covid-19, o Banco Central Europeu ampliou políticas de compra de ativos e refinanciamento. O BCE manteve o patamar da taxa de depósito em (-0,5%), da taxa de refinanciamento em 0,0% e da taxa de empréstimo em 0,25%. A novidade veio com a ampliação e extensão das políticas de compra de títulos e refinanciamento que o banco já vinha implementando. O Programa Pandêmico de Compras Emergenciais foi expandindo em 500 bilhões de euros, chegando à 1,85 trilhões em compra de ativos, e o horizonte de compras foi estendido até março de 2022. O banco também anunciou a ampliação das políticas de refinanciamento de longo prazo. Na entrevista após a reunião de dezembro, a presidente do BCE, Christine Lagarde, destacou que a segunda onda de COVID-19 e as novas medidas de restrição adotadas para conter a economia podem resultar em contração significativa na região. Por outro lado, a inflação se mantém baixa. Diante desse cenário, Lagarde deixou claro que o BCE segue determinado a manter o grau necessário de política monetária acomodatícia.

Estados Unidos

Fed mantém juros e se compromete a continuar comprando títulos até que a economia volte ao pleno emprego. Fomc decidiu mais uma vez manter os juros nos EUA, se comprometendo com a compra mensal de US$ 120 bilhões em títulos. O Federal Reserve manteve as taxas de juros nos Estados Unidos próximas de zero. Além disso, a autoridade monetária americana reforçou seu compromisso de comprar pelo menos US$ 120 bilhões em títulos por mês "até que um progresso substancial tenha sido feito em direção às metas máximas de emprego e estabilidade de preços do Comitê".

Essas compras de ativos ajudam a promover o funcionamento suave do mercado e condições financeiras acomodatícias, apoiando assim o fluxo de crédito para famílias e empresas. Por outro lado, o comitê deixou claro que não irá estender a duração dessas compras de títulos. Desde o início da pandemia, o Fed tem comprado principalmente títulos mais curtos, em um esforço para manter o funcionamento dos mercados.

Em reuniões recentes do Fomc, autoridades têm discutido as vantagens de alongar os prazos dos títulos em um esforço mais direcionado para impulsionar a economia, da mesma forma que fez no rescaldo da crise financeira de 2008. Prolongar as durações ajuda a baixar as taxas de longo prazo, reduzindo os custos de empréstimos e ajudando a empurrar os investidores em busca de rendimento para ativos mais arriscados, como ações.

Os integrantes do Fomc também elevaram suas perspectivas sobre a economia em relação ao que era projetado no encontro de setembro. A mediana da expectativa para o Produto Interno Bruto (PIB) em 2020 agora é de queda de 2,4%, ante a queda de 3,7% prevista antes. Já a perspectiva para 2021 passou 4% para 4,2%.

O comitê também mostrou uma visão mais otimista sobre o desemprego. Em 2020, a taxa prevista agora é de 6,7%, contra 7,6% esperados em setembro. Para 2021, a projeção mediana é de 5%, ante 5,5%, enquanto para 2022 e 2023 são de 4,2% (4,6% antes) e 3,7% (contra 4%). As autoridades ainda esperam ser tímidas em relação ao objetivo de inflação de 2% do Fed até 2023, embora 2020 e os próximos dois anos apontem para aumentos de 0,1 pontos percentuais na previsão, para 1,4%, 1,8% e 1,9%, respectivamente.

China

Indicadores econômicos de novembro da China reforçam a rápida recuperação econômica do país. A produção industrial chinesa cresceu 7,0% em relação a novembro do ano passado, após alta de 6,9% em outubro. Já as vendas no varejo cresceram 5,0% na mesma métrica, uma aceleração frente ao avanço de 4,3% em outubro. Novembro foi o quarto mês consecutivo de alta do comércio, importante indicador da tendência de consumo no país asiático. A China deve manter trajetória de aceleração da retomada, crescendo cerca de 2,5% em 2020.

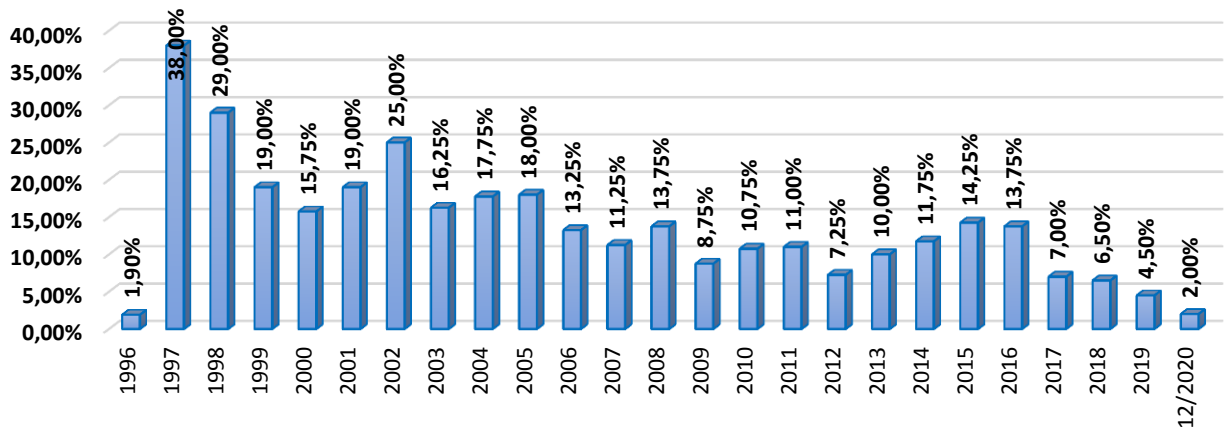
4- CENÁRIO DOMÉSTICO

A disputa pela presidência da Câmara dos Deputados gerou a possibilidade, não concretizada, de votação de medidas com impacto fiscal relevante, além da paralisia da agenda de reformas no último mês. O recesso parlamentar diminuirá os ruídos políticos nas próximas semanas, mas uma maior visibilidade sobre a consolidação fiscal dependerá do rebalanceamento de forças após a mudança das mesas diretoras do poder legislativo. Na economia, o mercado de trabalho segue em forte recuperação, embora o fim do auxílio emergencial, o aumento do número de casos de Covid-19 e a estabilização dos indicadores de confiança indiquem uma acomodação no primeiro trimestre.

4.1- Taxa Básica de Juros

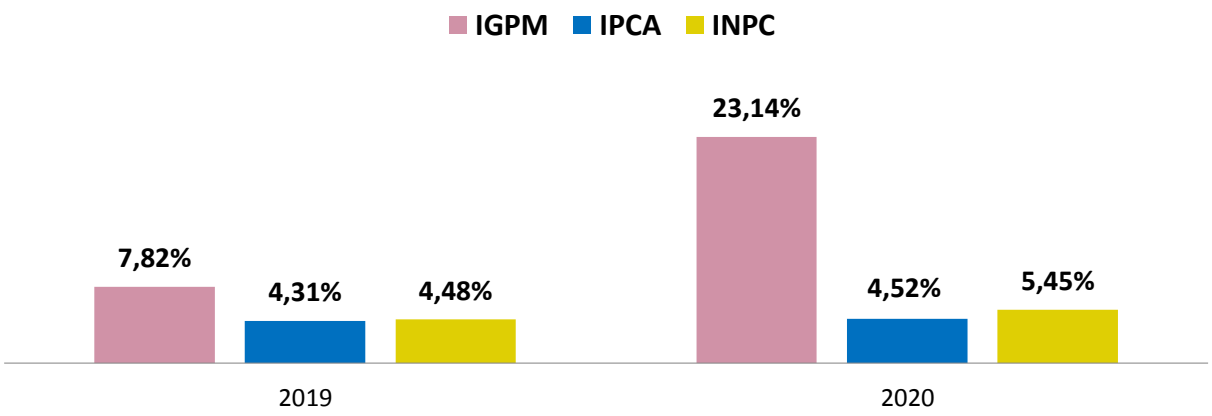
Selic mantida em 2%. Conforme amplamente esperado pelos investidores, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, manteve a taxa Selic inalterada em 2% ao ano (10/12) na última reunião do colegiado no ano. E após nove cortes consecutivos, que levaram a taxa básica de juros para o menor patamar histórico, o mercado agora já precifica o início de um ciclo de alta dos juros a partir de 2021, diante de uma crescente pressão inflacionária.

Em dois documentos divulgados no mês, o Banco Central avaliou a evolução da inflação e da atividade econômica no país e detalhou as projeções e perspectivas para os próximos trimestres. Em ata de reunião na qual a Selic foi mantida em 2,00% a.a., os membros enfatizaram que as condições para manter o compromisso de não elevar a taxa de juros podem, em breve, não ser mais satisfeitas. O segundo documento divulgado, o Relatório Trimestral de Inflação, trouxe a abertura da projeção do Banco Central para a inflação, que foi revisada para cima e se situa pouco abaixo da meta para 2021 e próxima à meta para 2022. Em linhas gerais, os dois documentos reforçam o cenário no qual uma elevação da taxa de juros não acontecerá nos primeiros meses do próximo ano. O movimento dependerá, a nosso ver, da evolução da atividade e da inflação no começo de 2021, quando os efeitos dos auxílios emergenciais se dissiparão e o nível de mobilidade se recuperará.



4.2- Inflação

IGPM desacelera e tem alta de 0,96% em dezembro de 2020. Com este resultado, o índice acumula elevação de 23,14% nos últimos 12 meses e, portanto, em todo o ano de 2020.
O Índice Geral de Preços Mercado (IGPM) apresentou uma desaceleração em dezembro de 2020, em comparação ao mês anterior. De acordo com dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o índice teve alta de 0,96% no último mês do ano, contra os 3,28% registrados em novembro. Com este resultado, o IGPM acumula elevação de 23,14% nos últimos 12 meses e, portanto, em todo o ano de 2020. Em dezembro de 2019 o IGP-M marcou alta de 2,09% e apresentou um crescimento de 7,30% nos 12 meses anteriores. Em novembro deste ano, a alta mensal foi de 3,28%.
De acordo com a FGV, o IPA-M, índice que representa 60% do cálculo do IGPM, subiu 0,90% em dezembro, contra alta de 4,26% no mês anterior. O IPC-M avançou 1,21% na nova medição, após subir 0,72% em novembro. Enquanto o INCC-M aumentou 0,88%, contra 1,29% do mês passado.
Com alta de 1,35% em dezembro, em boa parte puxada pela conta de luz mais cara, o **Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)**, o indicador oficial de inflação do País, fechou 2020 com avanço de 4,52%, o maior desde 2016. O resultado, informado pelo **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, ficou acima do centro da meta perseguida pelo **Banco Central (BC)**, de 4,0%, com margem de tolerância de 1,5 ponto para mais ou para menos. No ano marcado pela **covid-19**, os preços dos alimentos deram o tom.
Quando a pandemia se abateu sobre a economia, provocando a recessão global, o IPCA chegou a registrar taxas negativas. Com as atividades paradas, os preços, especialmente de serviços, despencaram nos primeiros meses de isolamento social. Todas as previsões apontavam, na época, para um IPCA abaixo da meta do BC no ano passado.
Conta de luz ficará mais barata em janeiro, com bandeira amarela O cenário virou a partir de meados do ano. Com a concentração da demanda em itens básicos e a alta do dólar, os alimentos para consumo no domicílio começaram a encarecer rapidamente.
Fecharam 2020 com alta de 14,09%, a maior desde 2002, quando foi de 19,47%.

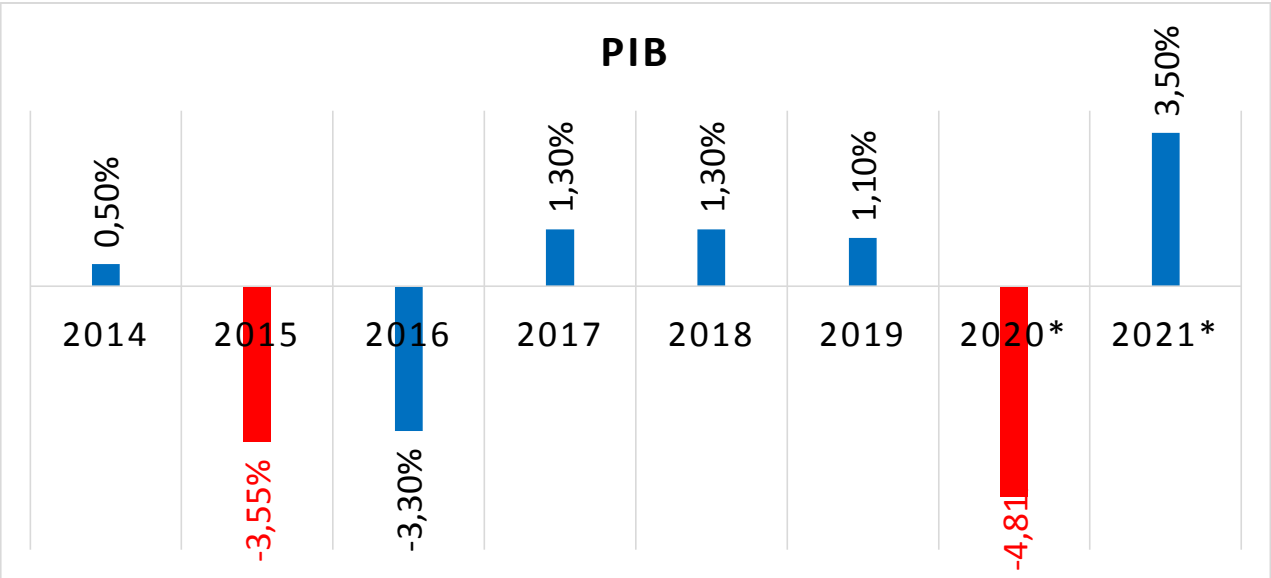


4.3- Produto Interno Bruto (PIB)

O PIB do 3º trimestre de 2020, divulgado pelo IBGE, cresceu 7,7% em relação ao 2º trimestre de 2020, já descontados os efeitos sazonais. O resultado veio pior que nossa estimativa de 8,5% e também do consenso de mercado (8,7%). Vale destacar que houve forte incremento nas expectativas ao longo do trimestre. Inicialmente, chegamos a esperar alta de 5,5% no trimestre, com parte do mercado projetando números próximos a 6%. Com a reabertura gradual e os efeitos das transferências governamentais (com anúncio de extensão até o final do ano), a previsão de alta foi ganhando força entre os analistas. Por fim, o IBGE revisou as séries trimestrais dos últimos anos. Mais uma vez, houve forte revisão das séries originais e trimestrais e isto também influenciou nos erros de previsão. O 2º trimestre de 2020, por exemplo, passou de uma queda de 11,4% em relação ao segundo trimestre de 2019, para uma queda de 10,9%.

Espera-se que a recuperação continue no 4º trimestre de 2020 (2,3% Tri/Tri), porém, em intensidade menor, em função da continuidade do relaxamento do isolamento social, dos grandes volumes de transferências (auxílio emergencial, compensações para estados, etc) e dos efeitos defasados da Política Monetária expansionista. Os dados divulgados de outubro ainda mostram recuperação em vários segmentos da Indústria de Transformação, Varejo e Construção – lado da oferta – e também do consumo e investimentos – lado da demanda.

Apesar do bom desempenho ao longo do segundo semestre de 2020, não espera-se que este ritmo se mantenha nos próximos trimestres. O fim do auxílio emergencial, o desemprego ainda alto e as limitações do setor de Serviços devem fazer com que tenhamos crescimento mais modesto nos próximos trimestres.



4.4- Emprego

O Brasil iniciou o quarto trimestre com aumento no número de desempregados diante da maior procura por emprego, mas ao mesmo tempo apresentou no período alta na população ocupada, indicando recomposição do mercado de trabalho. Entre agosto e outubro a taxa de desemprego foi a 14,3%, segundo os dados divulgados nesta terça-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado ficou bem acima da taxa de 13,8% vista no trimestre imediatamente anterior, de maio a julho, mas cedeu ante os 14,6% vistos no trimestre até setembro, máxima da série histórica da Pnad Contínua iniciada em 2012. O resultado reflete o fato de as pessoas terem passado a sair mais para procurar emprego diante do relaxamento das medidas de contenção.

Mas o número de pessoas ocupadas também aumentou nos três meses até outubro, totalizando 84,301 milhões, aumento de 2,8% sobre o trimestre imediatamente anterior mas queda de 10,4% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Esse cenário pode estar relacionado a uma recomposição, ao retorno das pessoas que estavam em afastamento. Nesse trimestre percebemos uma redução da população fora da força de trabalho e isso pode ter refletido no aumento de pessoas sendo absorvidas pelo mercado de trabalho e também no crescimento da procura por trabalho. Ao longo do ano, acompanhamos a expansão da população fora da força de trabalho, de pessoas se retirando do mercado de trabalho, e nesse momento percebemos o retorno de parcela desses trabalhadores.

Os empregados no setor privado com carteira de trabalho assinada somavam 29,769 milhões nos três meses até outubro, de 29,385 milhões nos três meses imediatamente anteriores. Os que não tinham carteira assinada no período eram 9,470 milhões, de 8,691 milhões antes, mostraram os dados do IBGE, destacando que a maior parte do aumento no número de ocupados no período veio exatamente do trabalho informal, que soma os profissionais sem carteira assinada (empregados do setor privado e trabalhadores domésticos), sem CNPJ (empregadores e por conta própria) ou sem remuneração (auxiliam em trabalhos para a família).

Na leitura geral, o mercado de trabalho vem apresentando uma trajetória benigna. Tanto o Caged em novembro quanto a Pnad Contínua em outubro reforçam uma boa recuperação dos empregos destruídos no início da pandemia. A maior fonte de incerteza para o mercado de trabalho é o fim da ajuda do governo às empresas e famílias.

5- PROJEÇÕES ECONÔMICAS

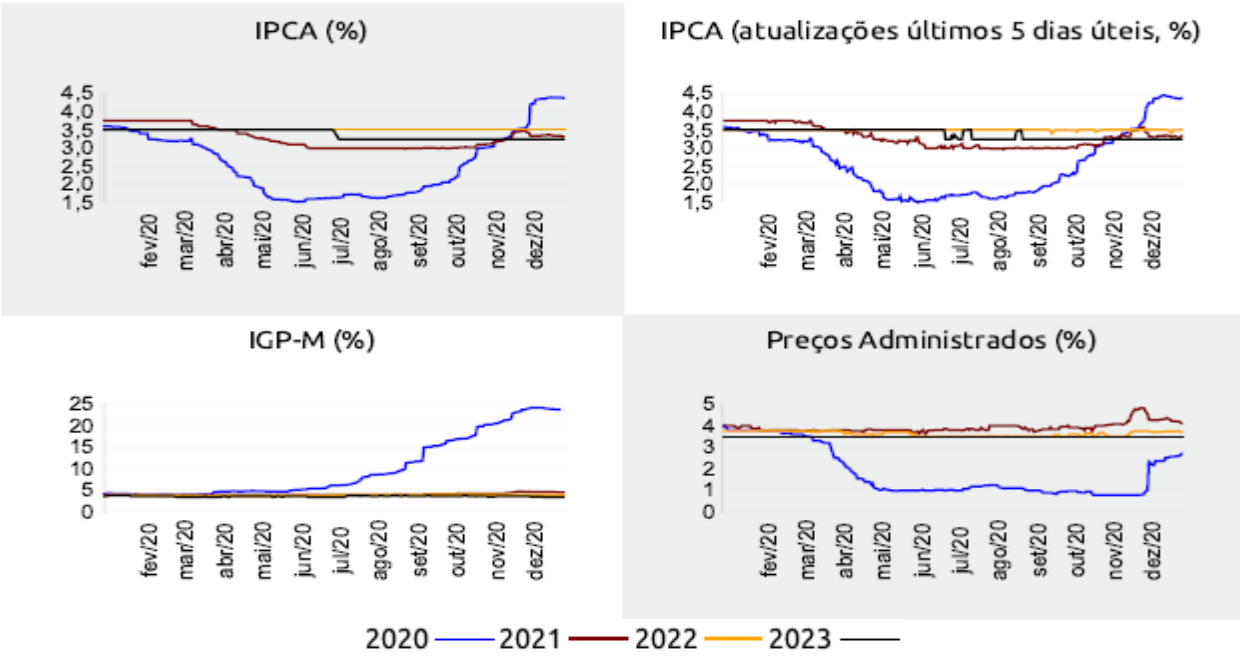
BRASIL | Focus Relatório de Mercado

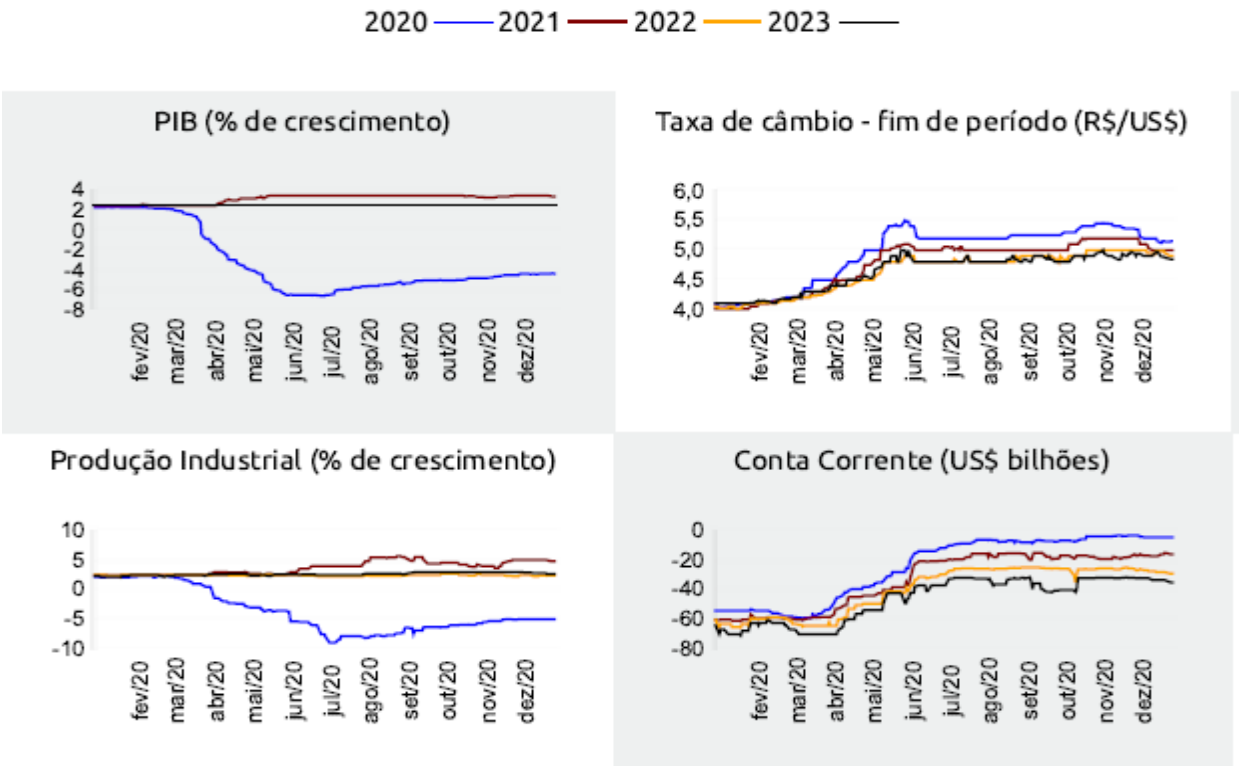
Expectativas de Mercado

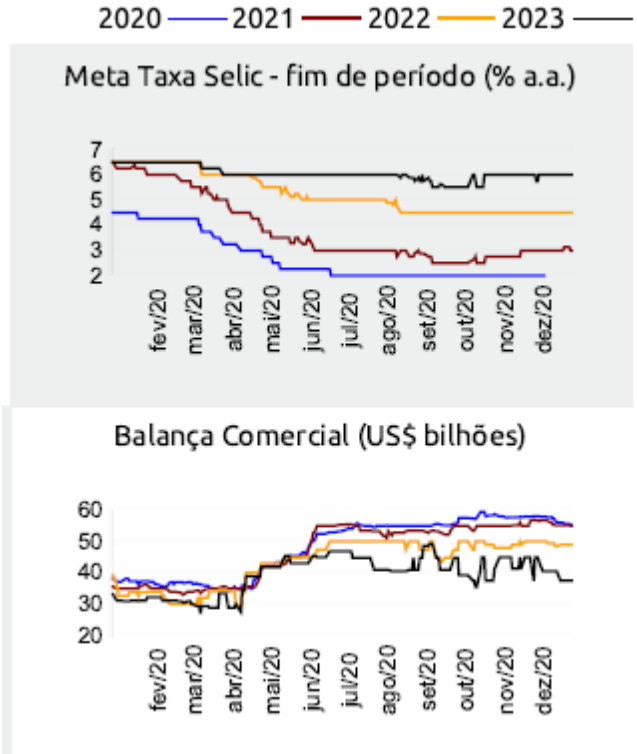
31 de dezembro de 2020

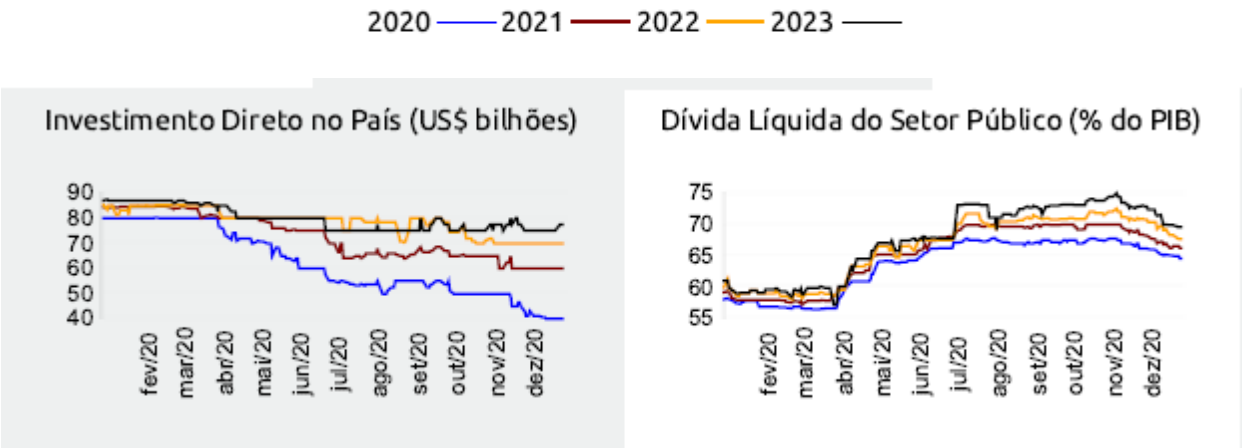
▲Aumento ▼Diminuição = Estabilidade

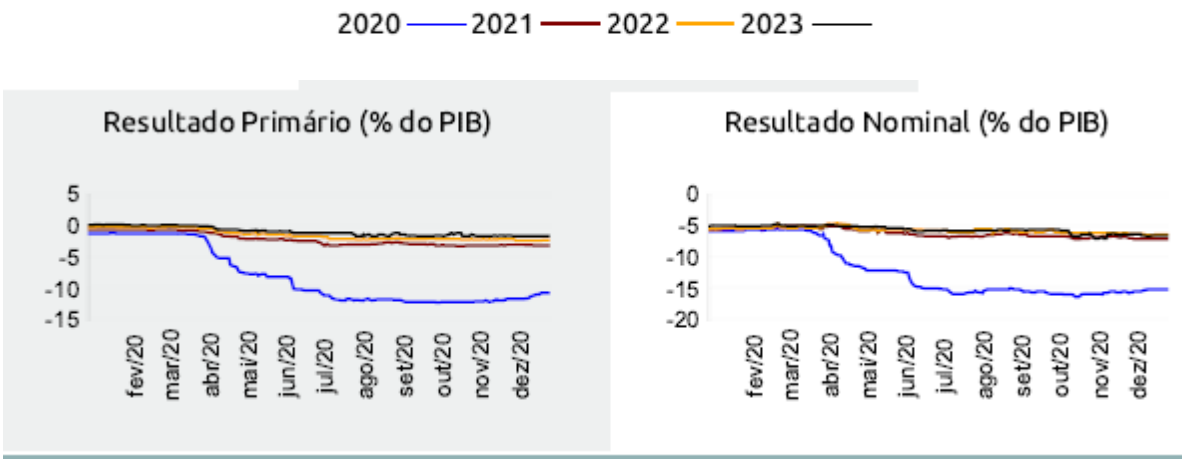
Mediana - Agregado	2020						2021					
	Há 4 Rel. de Mercado	Último Rel. de Mercado	Hoje	Comp. semanal *		Resp. **	Há 4 Rel. de Mercado	Último Rel. de Mercado	Hoje	Comp. semanal *		Resp. **
IPCA (%)	4,21	4,39	4,38	▼	(1)	118	3,34	3,34	3,32	▼	(2)	118
IPCA (atualizações últimos 5 dias úteis, %)	4,25	4,39	4,38	▼	(2)	36	3,33	3,34	3,34	=	(1)	36
PIB (% de crescimento)	-4,40	-4,40	-4,36	▲	(1)	70	3,50	3,49	3,40	▼	(1)	70
Taxa de câmbio - fim de período (R$/US$)	5,22	5,14	-				5,10	5,00	5,00	=	(2)	99
Meta Taxa Selic - fim de período (% a.a.)	2,00	-	-				3,00	3,13	3,00	▼	(1)	103
IGP-M (%)	24,09	23,75	-				4,73	4,66	4,58	▼	(3)	67
Preços Administrados (%)	2,33	2,57	2,70	▲	(6)	27	4,27	4,20	4,11	▼	(2)	27
Produção Industrial (% de crescimento)	-5,00	-5,00	-5,00	=	(4)	11	5,00	5,00	4,78	▼	(1)	10
Conta Corrente (US$ bilhões)	-4,22	-4,50	-4,60	▼	(1)	18	-16,00	-15,00	-16,00	▼	(1)	18
Balança Comercial (US$ bilhões)	58,00	55,55	55,05	▼	(4)	20	56,50	55,10	55,10	=	(2)	20
Investimento Direto no País (US$ bilhões)	43,15	40,00	40,00	=	(2)	19	60,00	60,00	60,00	=	(7)	19
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	66,10	65,00	64,60	▼	(6)	19	68,10	66,60	66,30	▼	(8)	19
Resultado Primário (% do PIB)	-11,50	-10,60	-10,60	=	(1)	21	-2,90	-3,00	-3,00	=	(2)	21
Resultado Nominal (% do PIB)	-15,31	-15,00	-15,00	=	(2)	19	-7,00	-7,00	-7,00	=	(4)	19




2020 2021 2022 2023
PIB (% de crescimento)
Taxa de câmbio - fim de período (R$/US$)
Produção Industrial (% de crescimento)
Conta Corrente (US$ bilhões)
fev/20 mar/20 abr/20 mai/20 jun/20 jul/20 ago/20 set/20 out/20 nov/20 dez/20


2020 2021 2022 2023
Meta Taxa Selic - fim de período (% a.a.)
Balança Comercial (US$ bilhões)
fev/20 mar/20 abr/20 mai/20 jun/20 jul/20 ago/20 set/20 out/20 nov/20 dez/20


2020
2021
2022
2023
Investimento Direto no País (US$ bilhões)
90
80
70
60
50
40
fev/20
mar/20
abr/20
mai/20
jun/20
jul/20
ago/20
set/20
out/20
nov/20
dez/20
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)
75
70
65
60
55
fev/20
mar/20
abr/20
mai/20
jun/20
jul/20
ago/20
set/20
out/20
nov/20
dez/20


2020
2021
2022
2023
Resultado Primário (% do PIB)
5
0
-5
-10
-15
fev/20
mar/20
abr/20
mai/20
jun/20
jul/20
ago/20
set/20
out/20
nov/20
dez/20
Resultado Nominal (% do PIB)
0
-5
-10
-15
-20
fev/20
mar/20
abr/20
mai/20
jun/20
jul/20
ago/20
set/20
out/20
nov/20
dez/20

						PROJEÇÃO	
ATIVIDADE ECONÔMICA	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
PIB, crescimento real (%)	-3,5	-3,5	1,3	1,3	1,1	-4,5	3,5
Taxa de Desemprego, média anual (%)	8,3	11,3	12,7	12,3	11,9	13,8	14,6
INFLAÇÃO E TAXA DE JUROS							
Inflação (IPCA/IBGE) (%)	10,7	6,3	2,9	3,7	4,3	4,4	3,0
Taxa de juro nominal, final do ano (Selic)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	3,00
TAXA DE CÂMBIO E CONTAS EXTERNAS							
Taxa de câmbio final (R$/US$)	3,90	3,26	3,31	3,87	4,03	5,20	4,90
Saldo da balança comercial (US$ bi)	20	48	64	53	40	54	57
Saldo em conta corrente (% do PIB)	-3,0	-1,3	-0,7	-2,2	-2,8	-0,4	-0,7
Investimento direto do país (% do PIB)	3,6	4,1	3,3	4,1	4,3	2,2	2,9
FISCAL							
Resultado primário do setor público (% do PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,6	-0,9	-11,5	-2,5
Dívida bruta do governo geral (% do PIB)	65.5	69.9	74.1	76.7	75.8	94,1	92,7

Fonte: IBGE, BCB, Tesouro Nacional | Dezembro 2020

6- APLICAÇÕES FINANCEIRAS

Num ano em que a pandemia do novo coronavírus assombrou o mundo, derrubou os mercados e enfraqueceu as economias globais, o ouro – considerado um porto seguro para momentos de turbulência no mercado – liderou o ranking dos investimentos de 2020 no País, com valorização de 55,93%. O ativo foi acompanhado pelo euro e o dólar, que renderam 41,95% e 29,34%, respectivamente.

O Ibovespa, principal índice da B3, por pouco não terminou como a pior aplicação de 2020, num cenário completamente contrário ao do início do ano. Em **janeiro**, o mercado acionário era visto como uma das principais alternativas de investimentos por causa do intenso movimento de diversificação de portfólio do brasileiro. Com os juros em queda, era preciso migrar da renda fixa para ativos de maior risco, como a Bolsa. Mas a pandemia pegou o investidor local no contrapé, no meio dessa migração.

Por várias vezes, a Bolsa teve de acionar o chamado **circuit breaker**, um mecanismo que paralisa as operações quando o Ibovespa cai mais de 10% no dia.

Passamos **março, abril e maio em pânico**, com uma forte pressão sobre câmbio e Bolsa, e os investidores correndo para ativos mais seguros.

Conforme os auxílios emergenciais foram sendo anunciados mundo afora, esse pânico foi sendo dissipado. Esses pacotes foram fundamentais para dar suporte às economias e ajudaram na retomada dos ativos de risco. Mas foi apenas no último trimestre que o Ibovespa conseguiu ter mais fôlego para sair do terreno negativo e recuperar as perdas do ano.

Com o início da vacinação em alguns países, o investidor estrangeiro se sentiu um pouco mais confortável para voltar aos países emergentes. De novembro até o final de dezembro, o saldo foi positivo em cerca de R$ 43 bilhões. Nesse cenário, a Bolsa brasileira fechou o último pregão de 2020 com alta de 2,92% no ano, em 119.017 pontos, depois de esbarrar na máxima histórica de 119.527 pontos de janeiro.

Em dólar o Ibovespa continua negativo em 20%, depois de recuar mais de 57%, o que pode atrair ainda mais a atenção do investidor estrangeiro.

Na avaliação de economistas, em 2021, o investidor local também deverá voltar a apostar na renda variável. "A temática do início do ano continua", com a migração do investidor da renda fixa para renda variável. A a busca por **ativos de risco** aumentou nos últimos meses ao mesmo tempo em que as taxas de juros no longo prazo caíram. Em novembro, as taxas para 2023 e 2024 estavam próximas de 9%. Agora, no final de 2020, já estão em 7,3%.

Atualmente, a taxa Selic está em 2% ao ano. A expectativa é que ela possa subir um pouco no ano que vem, mas ainda assim haverá necessidade de buscar outras formas de aplicação se o investidor quiser um retorno maior.

Em 2020, os investimentos ligados aos juros ficaram na lanterna. Os fundos DI, considerados mais conservadores e que acompanham de perto a taxa básica de juros, ficaram na penúltima colocação do ranking, com um ganho médio de 2,31%; e os de renda fixa, 2,37%. As aplicações atreladas ao juro tiveram perdas reais (quando descontada a inflação) de até 2,5% em 2020. Quem investiu na poupança, por exemplo, viu o dinheiro perder 2,2% do poder de compra.

6.1 Renda Fixa

A Renda Fixa fechou 2020 com chave de ouro, principalmente nos vencimentos mais longos, em função da melhora global na percepção de risco. Mas o destaque do ano ficou para a parte curta/intermediária da curva prefixada, com os cortes na taxa Selic e perspectiva de inflação bem-comportada a partir de 2021.

Seguindo, ainda que com atraso, o bom humor dos mercados, as taxas de juros recuaram de maneira relevante neste mês de dezembro. Pegando carona na onda das vacinas e sem nenhuma ameaça à vista para o cumprimento da regra do teto de gastos, analistas observam um movimento mais acentuado na parte mais longa da curva de juros.

Para papéis atrelados à inflação, desempenho positivo, com queda expressiva das taxas nos diversos prazos, aliada a um carregamento atrativo, com os resultados ainda relativamente elevados da inflação no curto prazo.

No mercado de crédito privado, o mês manteve a trajetória positiva. Projeção de continuação do cenário de queda gradual dos spreads, em linha com a retomada da atividade econômica. Destaque também a estabilização dos fluxos dos fundos.

Olhando à frente, o cenário para os ativos de renda fixa permanece moderadamente favorável, com prêmios atrativos dentro de um cenário de juros estáveis até o terceiro trimestre de 2021. Os analistas continuam monitorando atentamente a evolução do quadro fiscal e a trajetória da inflação.

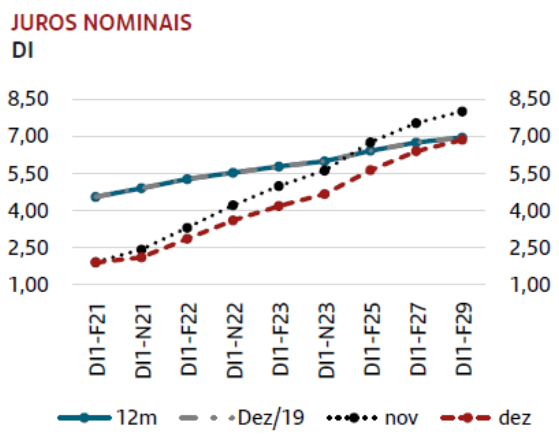


Figura 1: Juros Nominais (DI)
Fonte: Bloomberg

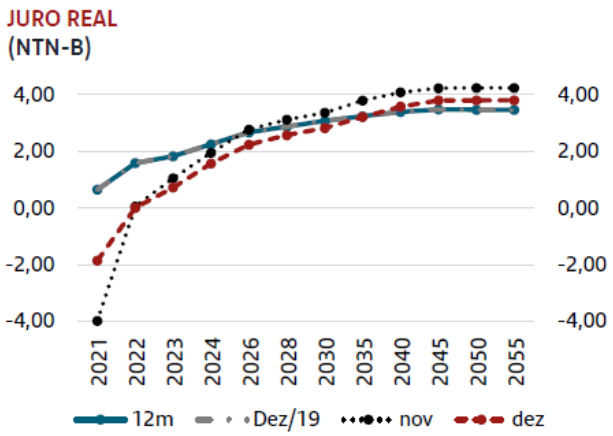
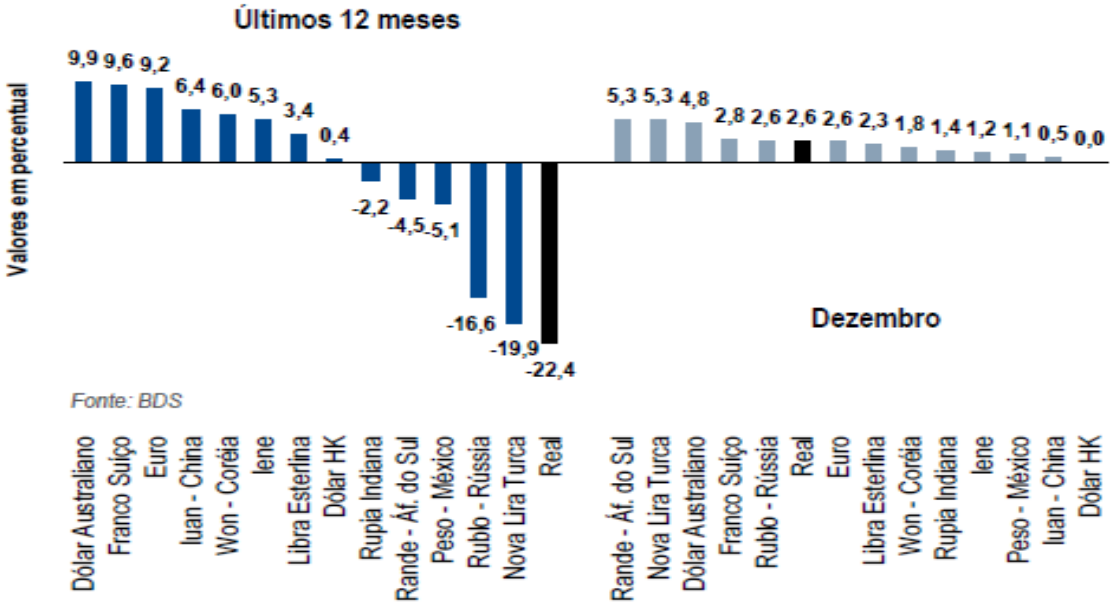


Figura 2: Juro Real (NTN-B)
Fonte: Bloomberg

O **Real valorizou-se mais 2,6% em dezembro em relação ao dólar**, mas não foi suficiente para tirar o troféu de pior moeda dentre as principais do mundo em 2020, com desvalorização acumulada de 22,4% no ano. Pesa sobre a moeda brasileira as incertezas fiscais domésticas, além da perspectiva de baixo crescimento econômico comparado com outras economias emergentes. De qualquer forma, consideramos que o atual patamar do câmbio, do ponto de vista fundamentalista, ainda está um pouco subvalorizado em relação ao que seria um câmbio de equilíbrio de longo prazo. Além disso, a tendência global de desvalorização do dólar deve continuar. Sendo assim, tudo o mais constante, avaliamos que há espaço para valorizações adicionais, ainda que não na mesma magnitude dos últimos dois meses. Mas no ano, o Real foi a moeda, dentre as principais, que mais se desvalorizou.



Dólar dispara mais de 29% em 2020 marcado por pandemia, juros baixos e incertezas fiscais.
O dólar registrou leve alta contra o real no último pregão do ano, mas encerrou 2020 com ganho acumulado de mais de 29%, deixando a moeda brasileira com o segundo pior desempenho global no ano em meio à pandemia de Covid-19, juros locais extremamente baixos e incertezas fiscais domésticas persistentes.

A crise sanitária e econômica em todo o mundo balançou os mercados financeiros globais neste ano atípico e marcou presença no câmbio brasileiro, sendo apontada como um dos fatores que elevaram a busca pela segurança do dólar, em meio à paralisação de empresas, a forte redução do consumo e o aumento do desemprego em vários países.

Nos últimos meses, o forte ressurgimento dos casos de Covid-19 nas principais economias do mundo -- assim como uma nova variante mais infecciosa da doença recentemente descoberta no Reino Unido -- levou a novas medidas restritivas e de lockdown na Europa e nos Estados Unidos, deixando os investidores nervosos.

A pandemia pegou vários de surpresa; tivemos a famosa segunda onda. Mas não foram os fatores globais, relacionados à pandemia, os únicos responsáveis pela disparada da moeda norte-americana contra o real em 2020. A redução sucessiva da taxa básica de juros do Brasil, atualmente

na mínima histórica de 2% ao ano, foi um ponto determinante para a dinâmica cambial vista em 2020. O baixo patamar dos juros locais afetou o rendimento de ativos locais atrelados à taxa Selic, tornando o Brasil menos interessante para o investidor estrangeiro quando comparado a pares com nível de risco semelhante. Com a Selic a 2%, os investidores vão procurar outros países emergentes com juros maiores.

Somando-se a esse ambiente de menor ingresso de recursos do exterior, a incerteza fiscal brasileira ganhou nos últimos meses um protagonismo cada vez maior dentro do radar de riscos dos mercados domésticos. Com um Orçamento apertado para 2021 e gastos expressivos diante da pandemia, há forte temor entre os investidores de que o governo fure seu teto de gastos, abandonando a postura de austeridade que foi promessa eleitoral do presidente Jair Bolsonaro.

Há anos o Brasil tem um nível muito grande de gastos que até hoje não diminuiu. E, dado que estamos num cenário de aumento de gastos, levantamos algumas dúvidas: para onde vai o fiscal brasileiro? Diante disso, qual o nível justo da taxa de câmbio?

Os mercados querem ver medidas concretas de controle de gastos, mas, até agora, as perspectivas parecem embaçadas. Em meados de dezembro, a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) Emergencial, que tem o objetivo de regulamentar o teto de gastos com gatilhos e tratar de temas do pacto federativo, teve a apresentação adiada.

Em meio à pouca confiança na saúde das contas públicas, a agenda atrasada de reformas estruturais do governo falha em fornecer algum amparo aos investidores, que esperavam encontrar na consolidação de reformas como a administrativa ou tributária uma maneira de atrair mais investidores de fora, e consequentemente, mais recursos para o Brasil. Temos que ficar atentos nas reformas. Se não houver reformas, vamos andar para o lado.

ESPERAR PARA VER

Com o fim do ano mais turbulento das últimas décadas, os investidores passam agora a olhar para 2021, avaliando os pontos de atenção que poderiam fornecer alguma folga para o real.

O início das campanhas de vacinação contra a Covid-19 em vários países do mundo, inclusive nos Estados Unidos e na Europa, alimentava esperanças de uma retomada na atividade empresarial e de consumo nos próximos meses.

Nos EUA, o presidente Donald Trump sancionou um pacote de ajuda pela pandemia e de gastos no valor total de 2,3 trilhões de dólares, restaurando o auxílio-desemprego a milhões de norte-americanos e evitando a paralisação do governo federal.

Ajudando ainda mais esse sentimento, o Reino Unido e a União Europeia conseguiram evitar um fim caótico, sem acordo comercial, para seu divórcio, cujo processo já dura anos.

De acordo com os analistas, começamos a perceber que o mercado está voltando aos poucos, a máquina já está voltando a girar. Temos perspectivas mais positivas. No lado externo, temos as vacinas, progresso no Brexit, auxílio nos EUA.

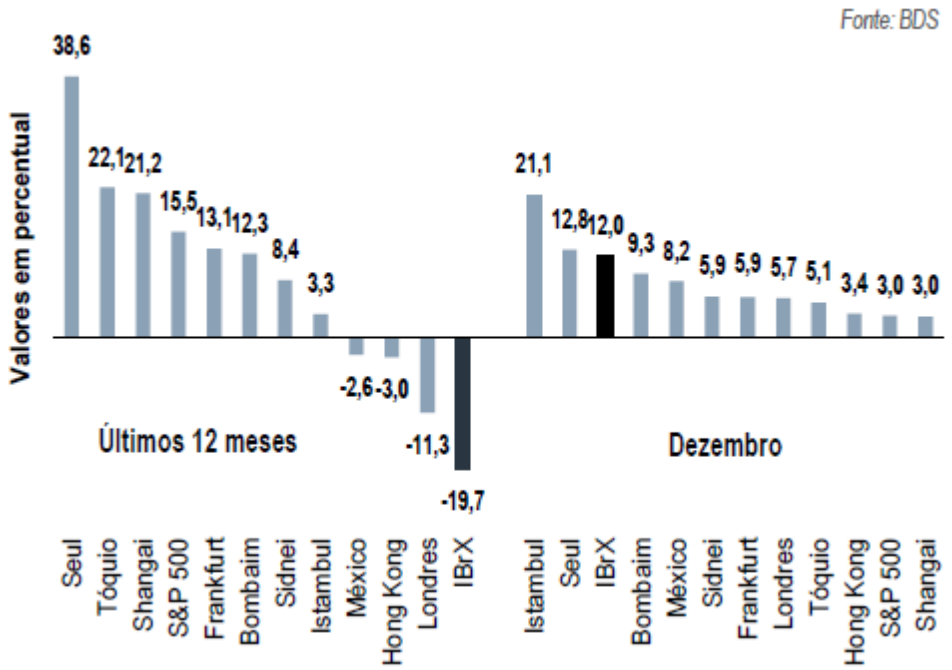
Por aqui, os analistas estavam em modo de espera, chamando a atenção para a importância da responsabilidade fiscal e da agenda de reformas. Uma parcela dos fatores que forneceriam alívio para o real parte do exterior. Necessidade de ver se o dólar vai ficar mais fraco em relação a outras moedas. Se começarmos janeiro endereçando bem as reformas e com o Congresso disposto a votar medidas importantes, a tendência é de queda para o dólar.

Se tivermos firmeza para dar segurança jurídica e implementar reformas fiscais para atrair investidores de longo prazo, tem espaço para o dólar ficar confortável (em um patamar mais baixo).
Mas se o governo não deixar claro o que pretende fazer em termos de ajuste fiscal e endividamento, haverá uma pressão mais forte de desvalorização para o real.
Daqui para frente, o que se espera é ver se o país vai seguir com a linha de redução do tamanho do Estado e não aumentar a dívida. Se seguirmos um caminho de gastos controlados, pode haver fluxo caminhando para o Brasil.
À medida que aguardam novidades nessas frentes, os investidores devem seguir de olho no Banco Central – que marcou presença no mercado de câmbio em 2020 com leilões de dólar à vista em momentos em que julgou haver oscilações exageradas na moeda norte-americana.

Cenário externo e local
A busca por ativos mais arriscados refletia o bom humor generalizado depois que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sancionou **um pacote de ajuda pela pandemia** e de gastos no valor total de US$ 2,3 trilhões, restaurando o auxílio-desemprego a milhões de norte-americanos e evitando a paralisação do governo federal. Embora houvesse indefinição em torno da votação nos EUA da ampliação de cheques diretos para os cidadãos, a presença de mais ajuda fiscal na maior economia do mundo, aliada ao avanço da vacinação contra a Covid-19 nos principais países do mundo, apoiava o bom humor dos mercados.
No exterior, o Reino Unido aprovou a vacina contra a Covid-19 desenvolvida pela Universidade de Oxford e pela farmacêutica AstraZeneca para uso na população. O país é o primeiro a conceder a aprovação. A previsão é de que as doses comecem a ser aplicadas em grupos de risco, que serão prioritários.
Já a farmacêutica chinesa Sinopharm informou que sua vacina contra a Covid-19 tem uma taxa de eficácia de 79,34% e que já solicitou às autoridades da China a autorização para o seu uso no país.
No cenário local, vários analistas também citavam o desmonte do 'overhedge' - uma proteção cambial adicional adotada por bancos que deixou de ser interessante depois de mudanças em regras tributárias - como um fator importante neste fim de ano, uma vez que zerá-lo implica compra de dólares.

6.2 Renda Variável

Dezembro foi mais um mês de valorização das bolsas no mundo inteiro, em função do início dos programas de vacinação em vários países. A bolsa brasileira seguiu a onda, o suficiente para zerar as perdas do ano. Mesmo assim, em dólar, a bolsa brasileira foi a de pior performance dentre as principais do mundo, com desvalorização.
Bolsas positivas no mundo inteiro, em função do início das campanhas de vacinação. No ano, a bolsa brasileira foi a pior em dólar.



O cenário global mais favorável a risco seguiu ajudando o seu desempenho, que foi mais uma vez superior ao das bolsas americanas (S&P +2,6%, Nasdaq +3,5%). Os setores de commodities foram os mais favorecidos por este movimento: com as altas relevantes do petróleo (+8%) e do minério de ferro (+25%), as ações associadas a estas lideraram as altas do Ibovespa.

S&P 500 mostrou valorização no mês, puxado pelo otimismo quanto ao processo de vacinação e, por consequência, pela perspectiva de retomada econômica. O avanço dos estímulos fiscais nos EUA também teve contribuição positiva. Nesse cenário, **a bolsa nacional foi influenciada pelo ambiente externo favorável**, com o avanço das vacinas e a ampla liquidez da economia global impulsionando os investimentos em mercados emergentes.

Nesse cenário, a Bolsa local também teve desempenho positivo, já que o ambiente global impulsionou o fluxo de investimentos na direção dos mercados emergentes.

Os riscos no quadro local, principalmente a percepção do quadro fiscal, passaram por um certo alívio ao longo do mês, o que também contribuiu para o desempenho positivo do Ibovespa.

As perspectivas para a Bolsa continuam favoráveis, com um cenário de ampla liquidez global, recuperação da economia local e crescimento dos lucros das empresas.

6.2.1 Ibovespa no mês de Dezembro

Ibovespa atinge patamar histórico de 120 mil pontos no último pregão do ano, encerrando o pregão em queda, mas sobe 2,9% em 2020. Apesar da crise causada pela pandemia da covid-19, principal índice da bolsa brasileira encerra o ano aos 119.017,24 pontos, patamar próximo ao seu pico histórico. O Ibovespa despencou mais de 45% até seu pior momento na crise, mas conseguiu zerar suas perdas do ano e encerrou 2020 próximo do seu patamar mais alto.

Até o último pregão de 2020 foi turbulento na Bolsa brasileira. Depois de bater no recorde histórico de 120.149 pontos no intraday, o Ibovespa perdeu força e passou a oscilar entre perdas e ganhos para fechar esta quarta-feira (30) em queda de 0,33%, aos 119.017 pontos. O volume financeiro foi de R$ 29,4 bilhões. Com esse desempenho, o principal índice da B3 não conseguiu superar seu **recorde de fechamento, que foi registrado em 23 de janeiro deste ano, aos 119.527 pontos**. Ainda assim o benchmark encerrou 2020 no azul, com uma valorização acumulada de 3%.

Pode parecer pouco perto da alta de mais de 31% registrada em 2019, mas quem viu o tombo de 29,9% do Ibovespa em março deste ano e os seis *circuit breakers* gerados pela pandemia de coronavírus só naquele mês fica até aliviado ao ver o principal índice da Bolsa brasileira terminar dezembro em terreno positivo.

Com o fim do pregão (30/12), o Ibovespa encerra a semana, o mês e também o ano da bolsa brasileira. Marcado por uma grande volatilidade do principal índice da B3, 2020 ficará para sempre na memória dos investidores. Afinal, o IBOV iniciou o ano com boas perspectivas, mas despencou mais de 45% até o final de março devido a **pandemia** da covid-19 e muitos acreditavam que ele encerraria o ano no campo negativo. Surpreendendo a todos, no entanto, o índice subiu mais 82% e **zerou as perdas do ano** no dia 15 de dezembro. O bom momento continuou na última quinzena do mês e o Ibovespa até chegou a ultrapassar seu pico histórico de fechamento nas últimas sessões do ano, mas perdeu força a não conseguiu segurar o patamar.

No agregado de 2020, o Ibovespa teve alta de 2,92%, aos 119.017,24 pontos. O patamar mais alto do índice foi no dia 23 de janeiro, aos 119.527,63 pontos. Dentre as 77 ações que compõem o índice, 31 delas encerram o ano com valorização e 46 em desvalorização. Mais um mês de destaque para os setores mais ligados a commodities, que acabaram por ser também os destaques do ano de 2020.

Os principais destaques positivos do ano foram:

	%	Valor
CSN (CSNA3)	125,73%	R$ 31,85
Weg (WEGE3)	120,17%	R$ 75,74
PetroRio (PRIO3)	112,31%	R$ 70,19
Magazine Luiza (MGLU3)	109,84%	R$ 24,95
Bradespar (BRAP4)	72,98%	R$ 63,71

Na outra ponta, as piores performances foram:

	%	Valor
IRB Brasil, (IRBR3)	-76,90%	R$ 8,18
Cogna (COGN3)	-59,49%	R$ 4,63
Embraer (EMBR3)	-55,14%	R$ 8,85
Cielo (CIEL3)	-51,46%	R$ 4,00
CVC (CVCB3).	-50,06%	R$ 20,58

Após renovar máximas em janeiro, as ações brasileiras sentiram ainda no primeiro trimestre os reflexos das medidas de 'lockdown' para conter a disseminação do coronavírus, que minaram empresas e economias.

No pior momento do ano, em março, quando o mecanismo de circuit breaker precisou ser acionado seis vezes, o Ibovespa se aproximou dos 60 mil pontos, um tombo de quase 50% frente às máximas históricas registradas até então em janeiro.

Os meses seguintes, porém, mostrariam uma mudança no comportamento dos investidores brasileiros, principalmente a pessoa física, que continuou entrando na bolsa em busca de melhores retornos diante de juros em mínimas históricas no país.

Nem ruídos políticos ou prognósticos fiscais assustadores para o Brasil afastaram as pessoas físicas da B3, que no final de novembro registrava 3,2 milhões investidores ativos, de 1,6 milhão um ano antes.

Mesmo com forte saída de capital externo do segmento secundário de ações, as compras pelos locais garantiram o desempenho positivo do Ibovespa em abril, maio, junho e julho, antes de ajustes negativos em agosto, setembro e outubro.

Nos últimos meses do ano foi a vez de os estrangeiros chamarem para si a responsabilidade. Após uma entrada líquida de 2,9 bilhões de reais em outubro, novembro fechou com saldo positivo de 33,3 bilhões e dezembro já mostrava 17,7 bilhões. Tal movimento encontrou respaldo no desfecho relativamente tranquilo da eleição presidencial norte-americana e no noticiário promissor sobre vacinas contra a Covid-19, em meio a expressivos estímulos fiscais e monetários em todo o mundo.

No acumulado de 2020, as vendas de ações por estrangeiros ainda superam as compras em 33,9 bilhões de reais, mas é preciso contextualizar que os dados não contemplam a participação nas ofertas de ações, que foram muitas neste ano.

Entre ofertas iniciais e subsequentes, cerca de 50 companhias venderam ações na B3, com destaque para o grupo de hospitais D'Or São Luiz, que fez o maior IPO de uma companhia brasileira desde 2013.
Para 2021, não estão descartados ajustes, mas a aposta segue positiva, diante dos estímulos no exterior e ampliação da vacinação contra a Covid-19, além da previsão de crescimento maior do Brasil e Selic ainda baixa, mesmo acima do piso atual.

DESTAQUES DO ANO

- **CSN ON** capitaneou as altas do Ibovespa em 2020, fechando com elevação acumulada de 125,97%, tendo renovado máximas históricas durante dezembro, na esteira do ambiente favorável para reajuste de preços de aço no país e valorização dos preços do no exterior. A perspectiva do IPO da sua unidade de mineração no começo de 2021 reforçou a trajetória positiva das ações. No setor, VALE ON e USIMINAS PNA também se destacaram, subindo 70,93% e 55,06%, respectivamente. GERDAU PN avançou 23,12%.
- **WEG ON** valorizou-se 120,28%, com a fabricante de motores elétricos, tintas industriais e produtos de automação e controle industrial atravessando a crise desencadeada pelo coronavírus sem grandes sobressaltos. As suas ações também registraram cotações recordes durante 2020, reflexo mais uma vez da percepção positiva sobre a qualidade dos fundamentos do grupo de Santa Catarina, que hoje está presente em vários países, incluindo na China, bem como de sua capacidade de inovação.
- **MAGAZINE LUIZA ON** encerrou o ano com elevação de 109,84%, com a pandemia deflagrando um crescimento exponencial do comércio online e beneficiando ainda mais a companhia que, de acordo com muitos analistas, vem apresentando uma gestão eficiente e dando continuidade ao seu desenvolvimento tecnológico. No setor, **VIA VAREJO ON** subiu 44,67% e B2W ON avançou 20,69%, enquanto MERCADO LIVRE (NASDAQ), negociada nos EUA, saltou 199,50%.
- **IRB BRASIL** RE ON caiu 76,89%, respondendo pelo pior desempenho do Ibovespa, diante de uma crise de confiança após uma série de adversidades envolvendo a resseguradora, entre elas fraude contábil, que resultou na troca de comando e republicação de resultados financeiros, entre outras medidas. Apesar da forte queda, o papel conseguiu se recuperar
- das mínimas, diante dos primeiros sinais de recuperação no desempenho da companhia. A ação fechou a 8,18 reais. No pior momento do ano, bateu 5,33 reais.
- **COGNA ON** acumulou declínio de 59,49%, em meio a perspectivas de uma caminho turbulento para a companhia em razão dos desafios impostos pela pandemia de coronavírus e aumento da competição no setor de educação. O resultado do IPO nos EUA de sua subsidiária Vasta foi mais um componente negativo, uma vez que frustrou apostas mais otimistas. No segmento de ensino, YDUQS ON contabilizou uma perda de 29,39%.
- **EMBRAER ON** desvalorizou-se 55,14% em 2020, afetada pelo efeito bastante negativo da Covid-19 no setor aéreo mundial, que prejudicou as encomendas de novos aviões, além do fracasso do acordo com a Boeing, pelo qual venderia sua unidade de aviação comercial à norte-americana por 4,2 bilhões de dólares. Entre as companhias aéreas, GOL PN caiu 32,23% e AZUL PN perdeu 32,57% no ano.

6.2.2 A Trajetória do Ibovespa em 2020

O Ibovespa passou todo o início do ano acima dos 100 mil pontos. A perda ocorreu no auge da crise do coronavírus no pregão da sexta-feira, dia 6 de março, quando o *benchmark* caiu 4,14% a 97.996 pontos.

Quem torceu para o mercado se acalmar e retomar os 100 mil pontos na volta do fim de semana não podia ter ficado mais decepcionado: **no dia 9 de março** tivemos o primeiro dos seis *circuit breakers* do ano e o Ibovespa despencou 12,17%, a 86.067 pontos. O motivo para a derrocada foi que além da crise do coronavírus, os investidores ainda tiveram que enfrentar a guerra do petróleo, que estourou no domingo.

A Arábia Saudita (país que mais exporta petróleo no mundo) anunciou que aumentaria substancialmente sua oferta e ofereceria a commodity com até 20% de desconto em alguns mercados, em uma resposta direta à Rússia, que não aceitou reduzir sua produção. Como resultado, o barril do petróleo Brent já abriu em queda de 30% na Ásia enquanto as primeiras bolsas ocidentais levariam ainda mais sete horas para começarem as negociações.

O Ibovespa ensaiou uma recuperação no pregão seguinte, subindo 7,14%, mas o repique só serviu para abrir um espaço maior para quedas. Nos dois pregões subsequentes a Bolsa desabou 7,64% e 14,78%, acionando mais dois circuit breakers. A alta de 13,91% logo em seguida foi apenas a prova de que a racionalidade tinha abandonado de vez o mercado financeiro.

No **dia 16 de março** o Ibovespa caiu mais 13,92%, com o acionamento de outros dois *circuit breakers*. Em onze dias o principal índice da B3 saiu de 102.233 pontos para 71.168 pontos. Uma alta de 4,85% no pregão seguinte e mais um *circuit breaker* e queda de 10,35% no outro levaram o índice aos 66 mil pontos.

6.2.2.1 A Retomada Gradual

O ponto mais baixo foi atingido no dia 23 de março, quando o Ibovespa, na mínima do pregão, bateu 62.161 pontos. Desde então, a tendência virou e a Bolsa passou a subir aos poucos, fazendo valer o famoso ditado do mercado financeiro de que a Bolsa "cai de elevador e sobe de escada".

As duas maiores altas no período vieram nos pregões do dia **24 de março**, em que o benchmark disparou 9,69%, e do dia **25 de março**, no qual o índice subiu 7,5%. Os ganhos vieram em meio ao anúncio de que governo e Congresso dos EUA haviam chegado a um acordo para o lançamento de um pacote de US$ 2 trilhões em estímulos.

Já no dia **6 de abril** a Bolsa teve alta de 6,52% seguindo o exterior após o presidente americano Donald Trump afirmar que os EUA estavam passando por um "nivelamento" dos casos do coronavírus em algumas das regiões mais afetadas pela pandemia.

Desde então os mercados globais se apoiaram no aumento de liquidez promovidos pelos bancos centrais, que zeraram taxas de juros e se comprometeram com ambiciosos programas de compras de títulos para injetar dinheiro nos bancos privados e os estimularem a emprestar esse capital e fazer a moeda girar na economia.

Maior banco central do mundo, o Federal Reserve dos EUA reduziu no dia 15 de março os juros em 1% para uma faixa entre 0% e 0,25% ao ano em uma reunião extraordinária fora da agenda. O Fed ainda anunciou a compra de US$ 700 bilhões em títulos do Tesouro americano.

No dia **4 de junho**, o Banco Central Europeu (BCE), aumentou em 600 bilhões de euros seu programa de compras de títulos para enfrentar a emergência da pandemia, para 1,35 trilhão de euros mensais.
Aqui no Brasil, o Comitê de Política Monetária (Copom), cortou a Selic no dia 17/06 em 0,75 ponto percentual, para 2,25% ao ano.
Com mais dinheiro nas mãos dos investidores e a renda fixa com rendimento próximo de zero ou negativo a solução se torna investir em ações. Para diversos analistas, esse é um dos principais motivos que impulsionaram a recuperação do Ibovespa rumo aos 100 mil pontos.
Além da maior liquidez, o otimismo com a recuperação da economia global também estimulou as compras no mercado de renda variável. Em **5 de junho**, o Departamento de Trabalho dos EUA revelou que o país criou 2,5 milhões de empregos em maio. O número surpreendeu todas as expectativas, com os economistas prevendo destruição de 7,5 milhões de postos de trabalho.
No Ibovespa, isso se traduziu em uma alta de 0,86% na sexta-feira, dia 5, e de 3,18% na segunda-feira, dia 8. Os dois pregões encerraram a maior sequência de altas da Bolsa este ano: foram sete dias consecutivos de ganhos, que começaram no dia 29 de maio.
Na sexta-feira **10 de julho**, na reta final do pregão, o índice ganhou força e, após uma leve queda na véspera, fechou em alta de 0,88%, fazendo com que o índice voltasse aos 100 mil pontos. A partir daí, iniciou-se um ciclo longo do Ibovespa ganhar e perder os 100 mil pontos.

6.2.2.2 A Segunda Onda

Em 29 de julho, o benchmark chegou a 105.605 pontos, mas a partir daí, a Bolsa no Brasil não conseguiu mais acompanhar a disparada registrada pelos mercados internacionais. A grande virada ocorreu no dia **11 de agosto**, quando os secretários especiais de Desestatização e Privatização, Salim Mattar, e o de Desburocratização, Gestão e Governo Digital, Paulo Uebel, pediram demissão do Ministério da Economia.
Colocando mais lenha na fogueira, o presidente Jair Bolsonaro afirmou em **26 de agosto** que a proposta do Ministério da Economia para o programa Renda Brasil estava suspensa. Embora o fim do programa reduza a pressão sobre o Orçamento, surgiram temores acerca do que o governo iria colocar no lugar do Auxílio Emergencial, cujo prazo de validade acabava no fim do ano. Além disso, a forma como o presidente anunciou o sepultamento da proposta trouxe renovadas especulações a respeito de um enfraquecimento da equipe econômica, que estaria perdendo a queda de braço com a ala militar e desenvolvimentista do Planalto.
Se não bastasse a questão fiscal, o exterior também se tornou foco de preocupação com um sell-off nas ações de empresas de alta tecnologia dos EUA que começou em **3 de setembro**. Naquele pregão, o Ibovespa caiu 1,2%. Em Nova York, as ações da Apple despencaram 8,01%, enquanto Netflix, Amazon e Alphabet (controladora do Google), recuaram 5%.
Outro problema vindo de fora foi a segunda onda do coronavírus que atingiu a Europa. Com mais de 300 mil casos no continente em uma semana, os países voltaram a atuar com medidas severas de distanciamento social. Alguns países chegaram a implementar lockdowns novamente. Essa sucessão de fatores levou o Ibovespa a 93.952 pontos no dia **30 de outubro**.

6.2.2.3 Novembro: o rali das vacinas e dos estrangeiros

O mês passado foi agitado por diversas notícias sobre os resultados das vacinas contra o coronavírus na fase 3 de testes, a última antes da análise pela agência de segurança sanitária de cada país. Pfizer e a BioNTech trouxeram muito otimismo ao anunciarem no dia **9 de novembro** que sua vacina teve 90% de eficácia nos grupos de controle, fazendo o Ibovespa subir 2,57% no pregão daquele dia. Já na semana seguinte, a Moderna informou que sua vacina experimental foi 94,5% eficaz, de acordo com uma análise preliminar, o que garantiu uma alta de 1,63% no dia 16. Mas o que realmente chamou a atenção no mês de novembro foi a forte entrada de capital estrangeiro, na contramão da retirada que ocorreu de janeiro a outubro. O investimento estrangeiro na B3 teve um saldo positivo de R$ 30 bilhões. Esse foi o maior valor mensal de entrada de recursos desde que a Bolsa começou a fazer esse levantamento, em 1995.

Para os analistas, há três fatores que explicam esse fluxo de capital para as ações brasileiras.

1. O primeiro é o fim das incertezas relacionadas às eleições americanas, com a vitória consolidada do democrata Joe Biden e sem um controle absoluto do seu partido sobre o Congresso.
2. Já o segundo fator foi o avanço no desenvolvimento de vacinas contra o coronavírus. As taxas de eficácia acima de 90% na fase 3 de testes das profilaxias criadas por Pfizer/BioNTech, Moderna e Oxford/AztraZeneca animaram os investidores para perspectivas de um futuro livre das preocupações com a pandemia.
3. O terceiro fator que explica os ganhos da B3 foi a rotação do capital para ações de empresas que atuam em setores mais afetados pela crise da Covid-19, como é o caso de instituições financeiras e commodities, que são justamente os segmentos mais pesados na carteira teórica do Ibovespa.

Segundo os analistas a melhora do humor global foi duplamente benéfica para o mercado acionário brasileiro. Por um lado, os investidores internacionais se aproveitaram de ações cujos preços demoraram para acompanhar a alta iniciada em outubro, como por exemplo os papéis de bancos. Por outro, a melhora global das cotações de commodities como petróleo e minério de ferro beneficia ações importantes, como Petrobras (**PETR3**; **PETR4**) e Vale (**VALE3**), que têm grande peso na B3 e influenciam o movimento do mercado como um todo.
Ao fim, o Ibovespa subiu 15,9% em novembro, maior avanço mensal do índice desde março de 2016, quando subiu 17%, e o melhor novembro da Bolsa desde 1999, ano em que o benchmark registrou uma valorização de 17,8% no penúltimo mês.
Os primeiros quatro dias de dezembro mostraram a continuidade desse movimento e a Bolsa já voltou aos níveis pré-Carnaval na sexta-feira (4), quando subiu 1,3% a 113.750 pontos.
Com isso, a Bolsa finalmente superou o fechamento de 21 de fevereiro (quando o benchmark terminou a sessão em 113.681 pontos), a sexta-feira pré-Carnaval em que os investidores inadvertidamente saíram para aproveitar o feriado sem ter ideia do que os esperava na quarta-feira de Cinzas (26).
Desde então, bastaram apenas três altas em sete pregões para a Bolsa zerar as perdas no ano. Na última quinzena do ano, os ganhos foram impulsionados pelo otimismo com o início da vacinação em diversos países, a aprovação do pacote fiscal nos EUA e o acordo comercial pós-Brexit, levando o Ibovespa a superar a marca histórica de 120 mil pontos no último pregão do ano. Ainda que não tenha conseguido sustentar a alta neste patamar, os ganhos em dezembro foram de 9,30%, fazendo com que o índice fechasse no azul.

6.2.2.4 Raio-X da Bolsa: 2020, vários anos em um

Chegamos no final de 2020. Além de começarmos a pensar nas resoluções para o ano de 2021, refletimos também sobre esse ano que vai ficando para trás. 2020 foi um ano totalmente atípico e ficará para sempre marcado pela pandemia do coronavírus e os fortes impactos humanitários, econômicos e sociais causados por ela.
Para muitos investidores que passaram a investir recentemente, pode-se dizer que 2020 já trouxe muito aprendizado em apenas um ano, dada a quantidade de acontecimentos dentro do mesmo ano.

1) Otimismo (Janeiro - Fevereiro)
O ano se iniciou com um forte sentimento de **Otimismo** no Brasil e no mundo. Esperávamos que a Bolsa passaria dos 130 mil pontos, suportada por 3 pilares principais:

a) **Crescimento econômico** recuperando, que iria levar a um crescimento de lucros acima de dois dígitos para as empresas brasileiras;
b) **Reformas Estruturais** iriam continuar avançando. Após a Reforma da Previdência ter sido aprovada em Nov-2019, as Reformas Administrativas e Tributária já estavam sendo encaminhadas ao Congresso; e
c) **Taxas de Juros** em patamares mais baixos historicamente iriam continuar incentivando a migração do fluxo para Renda Variável e impulsionando investimentos produtivos no país.

De fato, começamos o ano vendo sinais de aceleração econômica no país, que deveria crescer acima de 2% a.a. pela primeira vez desde 2013. Essa aceleração daria impulso a um forte crescimento de lucros das companhias do Ibovespa, acima de 10%, o que sustentaria o mercado de ações no ano.
Em janeiro, o mundo já começava a se preocupar com a Epidemia do SARS-COV2 que surgiu em Wuhan, na China, e levou à fortes restrições nas cidades chinesas. O primeiro caso de COVID-19 no mundo foi identificado em Wuhan, província chinesa de Hubei, em dezembro de 2019.

2) Choque (Fevereiro - Março)
Durante o final de mês de fevereiro e início de março, os mercados enfrentaram um grande **Choque**, na medida em que a COVID-19 começou a se espalhar rapidamente pelo mundo, tornando-se rapidamente uma Pandemia. Durante os meses de março e abril, mais de um terço da população mundial entrou em quarentena, com os *lockdowns* se espalhando por todo o mundo. Isso fez o mundo mergulhar no maior choque econômico dos últimos 100 anos, e as Bolsas reagiram fortemente a isso, o que chamamos de "A Crise mais rápida da história".
Em março, as bolsas pelo mundo atingiram os menores valores no ano, o MSCI World chegou a depreciar (-32,1%), o S&P500, (-30,7%), o Índice Euro Stoxx, (-32,7%), a Bolsa chinesa (-13,8%), e a Bolsa brasileira (-45,0%).
A Bolsa brasileira passou por 6 *circuit breakers* em apenas 2 semanas, um recorde histórico. Circuit breaker é o mecanismo que paralisa as negociações após uma queda de preços de 10%. Em março, a Bolsa teve *circuit breakers* nos dias 9, 11, 12 (2x), 16 e 18. Em 2008 também tivemos 6 *circuit breakers*, porém mais espaçados no tempo, nos dias 29 de setembro, 6 de outubro (2x), e nos dias 10, 15 e 22 desse mesmo mês.

Naquele momento, não se sabia qual era a letalidade do vírus, como tratá-lo, quanto tempo a pandemia iria durar, quando teríamos uma cura ou vacina, e até mesmo quais seriam os impactos de segundo e terceiro graus advindos daquele choque inicial, como uma forte crise de crédito, por exemplo.
Com a desaceleração econômica, o setor mais afetado foi o de serviços, sendo também um dos que mais gera empregos. Como consequência, a taxa de desemprego aumentou rapidamente. Nos Estados Unidos, por exemplo, os pedidos de seguro desemprego dispararam de 282 mil na semana do dia 13 de março para 3,28 milhões na semana do dia 20.
Porém, o que observamos de diferente na crise de 2020 em relação à crise de 2008: essa crise veio do mundo real, e não foi originada no mercado financeiro. Justamente por isso, os governos e Bancos Centrais não esperavam para agir rapidamente e contundentemente. Após reduzir os juros para 0%, o Banco Central americano (Federal Reserve) anunciou ao final de março que não mediria esforços para prover liquidez ao sistema e auxiliar as empresas americanas, podendo pela primeira vez na história comprar títulos corporativos e até mesmo prover financiamento diretamente para elas caso fosse necessário.
Com esse importante sinal do FED e de outros Bancos Centrais, o mercado conseguiu encontrar um fundo, apesar de todas as incertezas que ainda pairavam no ar.

3) Incerteza (Maio - Outubro)
Em maio, se iniciou o período mais longo desse ano, o que chamado do período da **Incerteza**. Quem olha apenas para os preços dos ativos pode imaginar que foi um período de recuperação e aumento do otimismo gradual. Mas esse não foi o caso. Várias incertezas ainda pairavam sob os mercados. No campo econômico, houve muita discussão sobre qual seria o formato da recuperação econômica, se em formato de V, U, W, L ou qualquer outro possível.
Do lado da Pandemia, observamos uma 2ª onda de casos nos EUA durante os meses do verão (Julho-Agosto), que levou a uma pequena correção nos mercados. A Europa, que também parecia ter controlado a pandemia, também começou a sofrer com uma aceleração de casos ao final de Setembro-Outubro.
O pessimismo começou a ser reduzido com o anúncio de pacotes de estímulos fiscais e monetários ao redor do mundo. Até agosto, mais de U$20 trilhões já tinham sido anunciados em estímulos monetários e fiscais ao redor do mundo, o que corresponde a 23% do PIB global. Isso se compara a uma queda projetada do PIB Global de -4.5% em 2020. Esses estímulos foram o fator mais relevante por trás da recuperação de preços nos mercados.
No Brasil, do lado político, a pandemia e a crise econômica também levaram a uma crise política entre os três poderes, além da saída de importantes ministros do governo (Sergio Moro, Henrique Mandetta e Nelson Teich). Do lado econômico, o Banco Central realizou 5 cortes na Taxa Selic no ano: de 4,5% a.a. em janeiro até 2% a.a. em agosto. Além disso, o Brasil anunciou mais de R$1,0 trilhão de estímulos monetários e fiscais, provendo até mesmo R$600 mensais para mais de 66 milhões de brasileiros, o que se reduziu para R$300 em setembro. O Brasil deverá assim ter um déficit nominal acima de 15% do PIB em 2020, elevando a sua Dívida Bruta/PIB para próximo de 100%, entre os níveis mais altos dos Emergentes.
Isso fez com que o mercado passasse a se preocupar com a trajetória fiscal do país novamente, e precificar um aumento de prêmio de risco à frente, tanto nos juros futuros quanto no câmbio. Os

vértices mais longos da curva de CDI brasileira já precificam juros de volta aos dois dígitos, enquanto a Selic continua em 2% a.a. Já o Real era a pior moeda em performance no mundo até o mês de setembro.
Esse período de incerteza culminou com o evento mais esperado do ano, as Eleições americanas. Muito foi escrito e projetado sobre o que aconteceria com os mercados em diferentes cenários das eleições. Isso fez com que os investidores reduzissem exposição à risco ao final de outubro e aumentassem a compra de proteções nas suas carteiras. Passando o evento, o mercado conseguiu voltar mais à normalidade.

4) Esperança (Novembro-Dezembro)
As eleições americanas iniciaram o período em que os mercados se encontram agora, de **Esperança**. Mas não foram as eleições americanas o fator principal por trás desse otimismo, e sim as notícias positivas sobre as vacinas do COVID-19. Em três segundas-feiras do mês, tivemos três notícias sobre a eficácia das vacinas da Pfizer, Moderna e Astra Zeneca. Elas mostraram de 70-95% de eficácia, bem acima do mínimo requerido de 50% pelos reguladores. Além disso, é possível que pelo menos uma das vacinas já consiga aprovação para ser administrada na população americana ainda esse ano.
As vacinas reacenderam a esperança de uma "volta ao normal" na economia mundial, mesmo que a nova onda da COVID-19 esteja sendo tão grave quanto a primeira em números de mortes diárias nos EUA e Europa. O mercado já passa a olhar para um cenário que a vacina seja uma realidade nos próximos 6 meses. Além disso, poucos governantes estão indo na linha de decretar *lockdowns* totais como ocorreram no início da pandemia, e as restrições têm sido parciais, o que reduz o impacto sobre a economia.

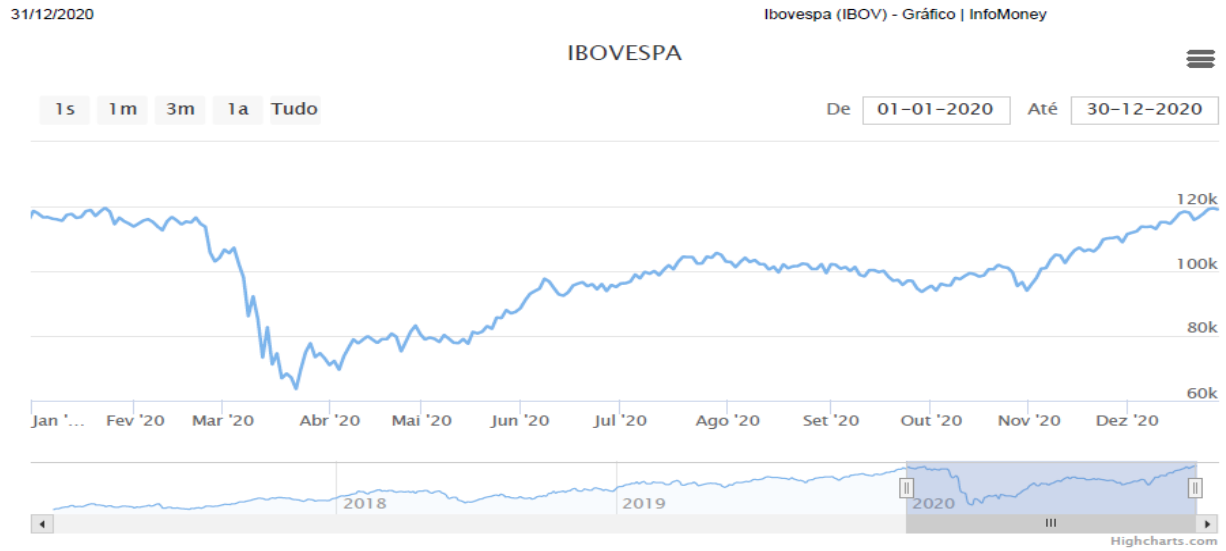
6.2.2.5 Ibovespa zera as perdas de 2020

O Ibovespa zerou as perdas de 2020 no dia 15/12 ao fechar em alta de 1,34% a 116.148 pontos, e com isso a grande dúvida que paira entre os analistas é sobre o que ocorrerá com a Bolsa daqui para frente. Desde a mínima de fechamento do ano, no auge dos temores com a pandemia do coronavírus, até o fechamento desta sessão, o índice subiu 82,17%, indo de 63.569 pontos em 23 de março até superar os 116 mil pontos nesta data.
Segundo os analistas, por mais que o índice já tenha passado dos 116 mil pontos ainda há possibilidade de subir, pois o saldo do investimento estrangeiro este ano, apesar de ter melhorado muito com a entrada maciça de capital em novembro ainda nem sequer compensou o total das retiradas de janeiro a outubro.
Continuamos atrás das principais bolsas do mundo em desempenho este ano e a taxa Selic deve continuar, mesmo se elevada no primeiro semestre de 2021, em um nível muito baixo, o que favorece a busca por ativos de renda variável.
Reforçando a visão positiva para 2021, mais da metade dos gestores de recursos da América Latina ouvidos pelo Bank of America tem projeção de que o Ibovespa fique acima de 130 mil pontos (alta de 12%) no próximo ano, com destaque para a retomada da economia global e o cenário de juros baixos para o Brasil.

O fluxo de capital é algo muito difícil de prever, no entanto, não vejo motivos para não estar otimista, por exemplo, com uma Vale em um cenário de minério de ferro a US$ 150 a tonelada. Começamos o ano com o minério em US$ 90 e durante a pandemia ele caiu para US$ 80. Então a empresa continua interessante com seu principal produto tão valorizado.

Em dólar, Ibovespa tem pior desempenho entre índices de ações da América Latina e BRICs em 2020. Especialistas apostam na volta dos estrangeiros para a Bolsa brasileira a partir de 2021 e são otimistas. Em plena pandemia de coronavírus, os principais índices de ações dos Estados Unidos encerraram 2020 no azul. O Nasdaq subiu 43,45% no ano. Dow Jones e S&P 500 também tiveram performance positiva, com altas de 6,56% e 15,54%, respectivamente.
Aqui no Brasil, o Ibovespa ganhou fôlego no final do ano, na esteira de Wall Street, que ganhava tração conforme novidades em torno das vacinas contra a Covid-19 iam surgindo. Depois de amargar perda de 29,9% em março, no auge da pandemia, com seis circuit breakers em um mesmo mês, o benchmark brasileiro se recuperou e fechou 2020 com alta de 3%.
Da mínima no ano, em 23 de março, quando atingiu 63.569 pontos, até o final do ano, o índice ganhou 55.448 pontos —terminando dezembro em 119.017 pontos. É um patamar bem próximo da máxima histórica de fechamento, atingida em 23 de janeiro de 2020, aos 119.527 pontos. Na última sessão, o Ibovespa chegou a bater históricos 120.149 pontos no intraday, um novo recorde.
Quando analisado em dólar, porém, o desempenho do Ibovespa em 2020 não fica tão bonito assim. O índice caiu 22,06%, no pior desempenho entre os principais mercados acionários da América Latina. O segundo pior desempenho em dólar na região foi do Colcap, o índice da Bolsa de Bogotá, na Colômbia, com baixa de 17,65%, seguido pelo argentino Merval, que caiu 11,43% no ano.

6.2.3. Desempenho



Quem observa apenas a **modesta alta de 2,92% do Ibovespa no ano**, com o índice renovando máximas históricas ao final de 2020, poderia até imaginar que o ano foi tranquilo, o que ficou bem longe de acontecer, em meio à forte turbulência registrada durante todos esses 12 meses encerrados no dia 30/12. E que trouxeram desempenhos bastante positivos e também bastante negativos para as ações que compõem o índice. Em destaque como a maior alta, está a ação de uma empresa que surpreendeu na reta final, figurando entre as poucas do índice que subiram mais de 100%. Trata-se da **CSN** (**CSNA3**, R$ 31,85, +126,02%), que fechou o ano com ganhos de 126% – e as perspectivas seguem positivas para 2021.

As 10 piores ações do Ibovespa em 2020

Os maiores tombos do Ibovespa no ano ficaram, majoritariamente, com as ações de empresas mais afetadas pela pandemia de covid-19, mas a maior queda recaiu sobre uma empresa que passou por diversos problemas de gestão: o IRB. As ações que amargaram as maiores desvalorizações no Ibovespa em 2020 são, em sua maioria, as que mais "apanharam" diretamente dos efeitos da crise da pandemia de covid-19. Mas o maior tombo ficou com uma empresa cujas perdas foram decorrentes de problemas na própria gestão: o **IRB Brasil**, empresa que realiza seguros para seguradoras. Ao longo do ano o IRB se envolveu em uma grande polêmica que teve início com o questionamento da gestora Squadra sobre a excepcional rentabilidade apresentada nos balanços da empresa. Segundo a gestora, é difícil ter um resultado muito mais rentável do que os concorrentes no setor de resseguros. Depois, foi divulgado pela imprensa que a Berkshire Hathaway, gestora do megainvestidor Warren Buffet, teria aumentado sua posição na IRB. A fonte das informações eram os próprios executivos do IRB em uma reunião fechada com analistas de mercado. Contudo, a informação foi desmentida pela gestora, em nota, que dizia que a "Berkshire Hathaway não é atualmente um acionista da IRB Brasil Resseguros, nunca foi e não tem intenção de se tornar acionista da IRB". Na sequência o presidente e o diretor financeiro da empresa pediram demissão. O preço da ação despencava a cada novo capítulo da epopeia. O resultado foi um derretimento de 77% no valor do papel em 2020.

Posição	Papel	Código	Variação (%)
1	IRB BRASIL RESSEGUROS ON	IRBR3	-76,90
2	COGNA ON	COGN3	-59,49
3	EMBRAER ON	EMBR3	-55,14
4	CIELO ON	CIEL3	-50,28
5	CIA HERING ON	HGTX3	-48,37
6	CVC BRASIL ON	CVCB3	-46,59
7	BR MALLS PART ON	BRML3	-45,18
8	BRF S.A. ON	BRFS3	-37,39
9	AZUL PN	AZUL4	-32,57
10	GOL PN	GOLL4	-32,23

Fonte: Valor Data

As 10 maiores altas do Ibovespa em 2020

A medalha de ouro ficou com a ação da CSN. Com ganhos de 126%, a empresa foi beneficiada pela desvalorização do real ante o dólar e pelo aumento da demanda chinesa por minério de ferro. Conquistar uma valorização de mais de 100% em um ano de pandemia e de diversos desafios econômicos não é para qualquer ação, mas 4 dos 10 papéis do Ibovespa que mais subiram em 2020 conseguiram esse feito, enquanto o principal índice da bolsa subiu minguados 3%.

A medalha de ouro ficou com a ação da **CSN**, com ganhos de 126%. A empresa foi beneficiada pela desvalorização do real ante o dólar e pelo aumento da demanda chinesa por minério de ferro. Esses dois fatores explicam também as fortes altas das ações da **Usiminas**, da **Vale** e, por consequência, de sua grande acionista, a **Bradespar.** Paloma Brum, economista da Toro Investimentos, explica que os estímulos na China ao longo do ano proporcionaram forte recuperação de margens da siderurgia e, mesmo diante da pandemia, a demanda por minério de ferro aumentou, proporcionando elevação dos preços de referência. A valorização do minério de ferro alcança 20,7% em dezembro, e os ganhos ultrapassam 72% no ano no porto de Qingdao, na China. Pedro Serra, gerente da área de análise da Ativa Investimentos, destaca que 70% da receita da CSN vêm da mineração. Além da maior demanda chinesa, Serra destaca a restrição da oferta na Austrália e a expectativa de produção abaixo do esperado como outros fatores que colaboram para a valorização do minério de ferro.

As 10 ações do Ibovespa que mais subiram em 2020

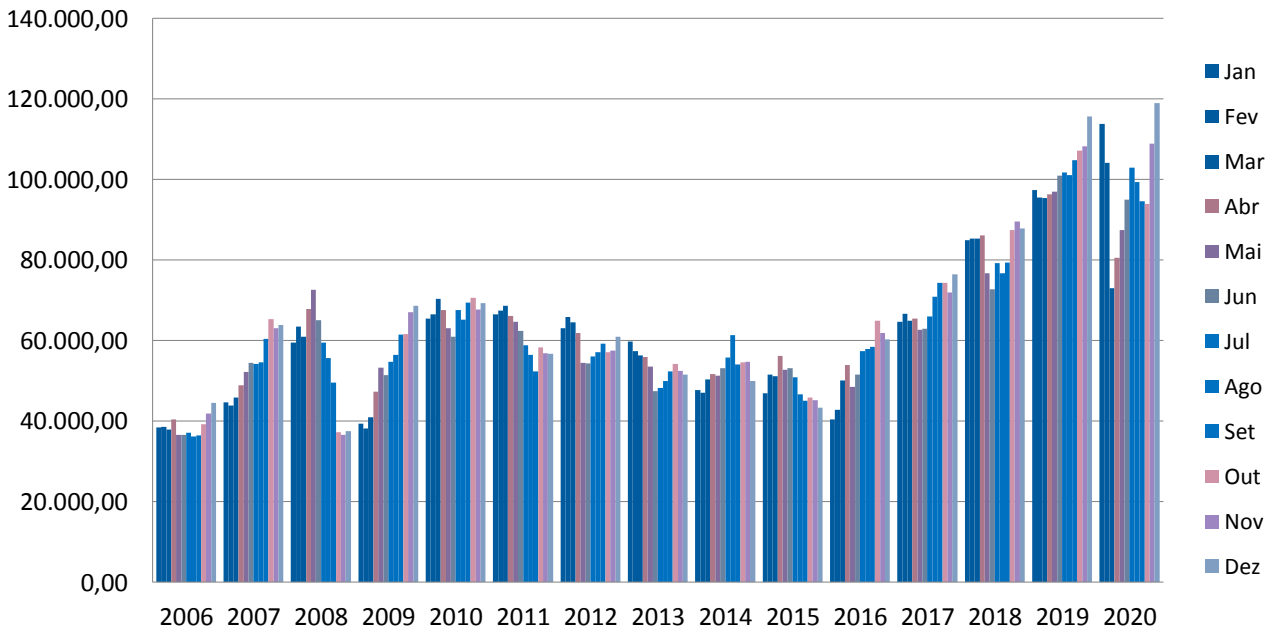
Posição	Papel	Código	Variação (%)
1	SID NACIONAL ON	CSNA3	125,73
2	WEG ON	WEGE3	120,19
3	PETRORIO ON	PRIO3	112,31
4	MAGAZINE LUIZA ON	MGLU3	109,78
5	BRADESPAR PN	BRAP4	73,06
6	VALE ON	VALE3	70,49
7	USIMINAS PNA	USIM5	55,06
8	B3 ON	B3SA3	49,96
9	SUZANO PAPEL ON	SUZB3	47,53
10	LOCALIZA ON	RENT3	46,37

Fonte: Valor Data

Bolsas positivas no mundo inteiro, em função dos avanços das vacinas. A bolsa brasileira liderou, também por conta da valorização do Real.

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2006	38.382,80	38.610,39	37.951,97	40.363,42	36.560,04	36.630,66	37.077,12	36.232,22	36.449,40	39.262,79	41.931,84	44.473,71
2007	44.641,60	43.892,31	45.804,66	48.956,39	52.268,46	54.392,06	54.182,50	54.637,24	60.465,06	65.317,70	63.006,16	63.886,10
2008	59.490,40	63.489,30	60.968,07	67.868,46	72.592,50	65.017,58	59.505,17	55.680,41	49.541,27	37.256,84	36.595,87	37.550,31
2009	39.300,79	38.183,31	40.925,87	47.289,53	53.197,73	51.465,46	54.765,72	56.488,98	61.517,89	61.545,50	67.044,44	68.588,41
2010	65.401,77	66.503,27	70.371,54	67.529,73	63.046,51	60.935,90	67.515,40	65.145,45	69.429,78	70.673,30	67.705,40	69.304,81
2011	66.574,88	67.383,22	68.586,70	66.132,86	64.620,08	62.403,64	58.823,45	56.495,12	52.324,42	58.338,39	56.874,98	56.754,08
2012	63.072,31	65.811,73	64.510,97	61.820,26	54.490,41	54.354,63	56.097,05	57.061,45	59.175,86	57.068,18	57.474,57	60.952,08
2013	59.761,49	57.424,29	56.352,09	55.910,37	53.506,08	47.457,13	48.234,49	50.011,75	52.338,19	54.256,20	52.482,49	51.507,16
2014	47.638,99	47.094,40	50.414,92	51.626,69	51.239,34	53.168,22	55.829,41	61.288,15	54.115,98	54.628,60	54.724,00	50.007,41
2015	46.907,68	51.583,09	51.150,16	56.229,38	52.760,47	53.080,88	50.864,77	46.625,52	45.059,34	45.868,81	45.120,36	43.349,96
2016	40.405,99	42.793,86	50.055,27	53.910,50	48.471,70	51.526,92	57.308,20	57.901,10	58.367,04	64.924,51	61.906,35	60.227,28
2017	64.670,78	66.662,10	64.984,06	65.403,24	62.711,47	62.899,97	65.920,36	70.835,05	74.293,50	74.308,49	71.970,99	76.402,08
2018	84.912,70	85.353,60	85.365,56	86.115,50	76.753,61	72.762,52	79.220,44	76.677,53	79.342,43	87.423,55	89.504,03	87.887,27
2019	97.393,75	95.584,35	95.414,56	96.353,33	97.030,32	100.967,20	101.812,13	101.134,61	104.745,32	107.219,83	108.233,28	115.645,34
2020	113.760,57	104.171,57	73.019,76	80.505,89	87.402,59	95.055,82	102.912,00	99.369,00	94.603,00	93.952,00	108.893,32	119.017,00

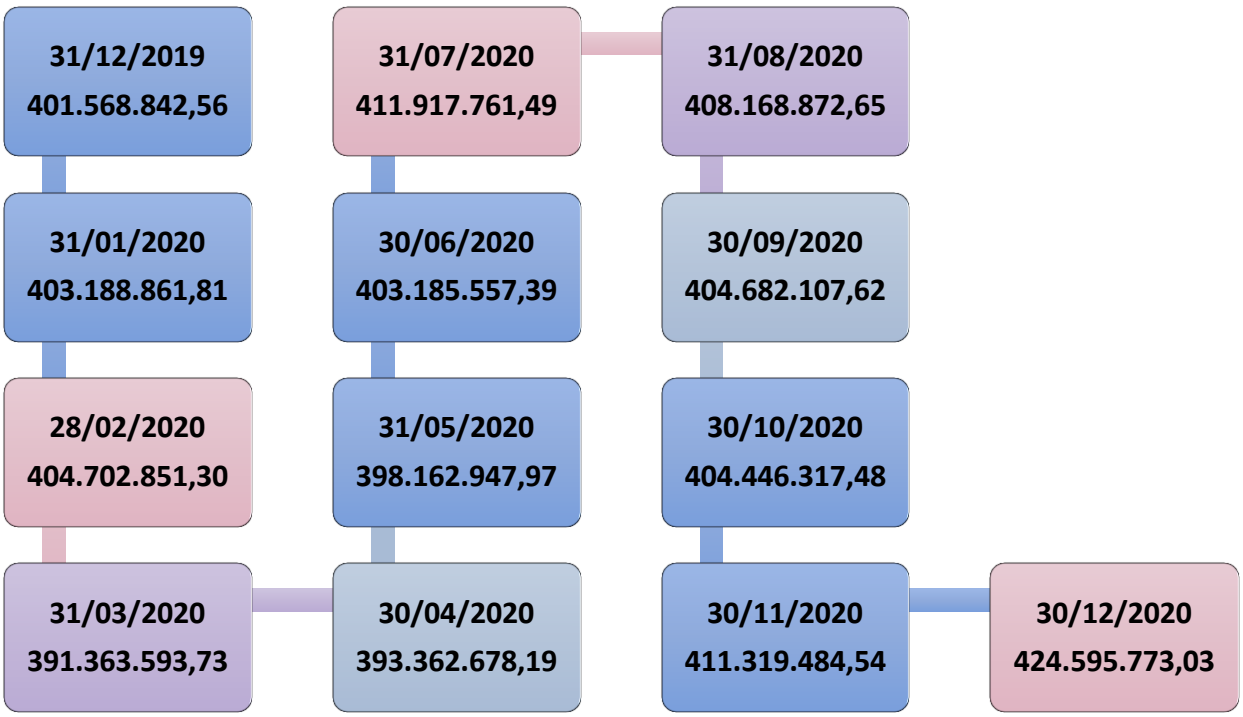
Ibovespa - Evolução



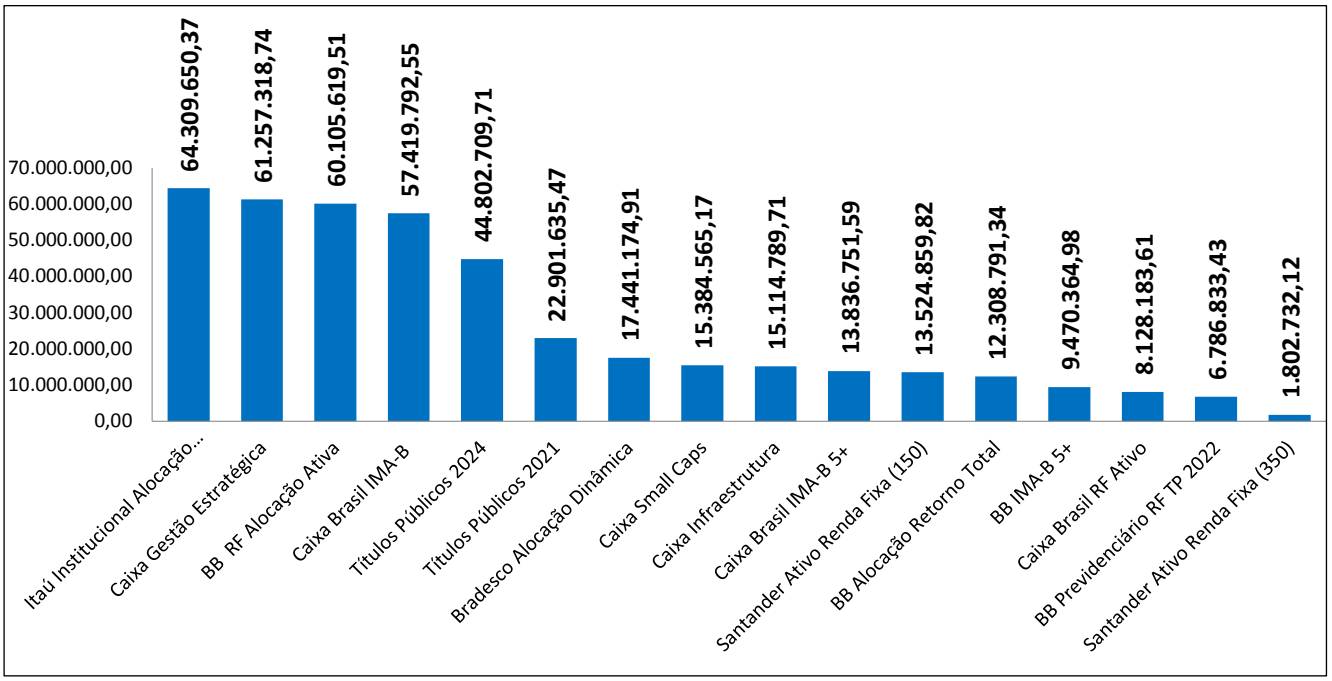
7- CARTEIRA DE INVESTIMENTOS

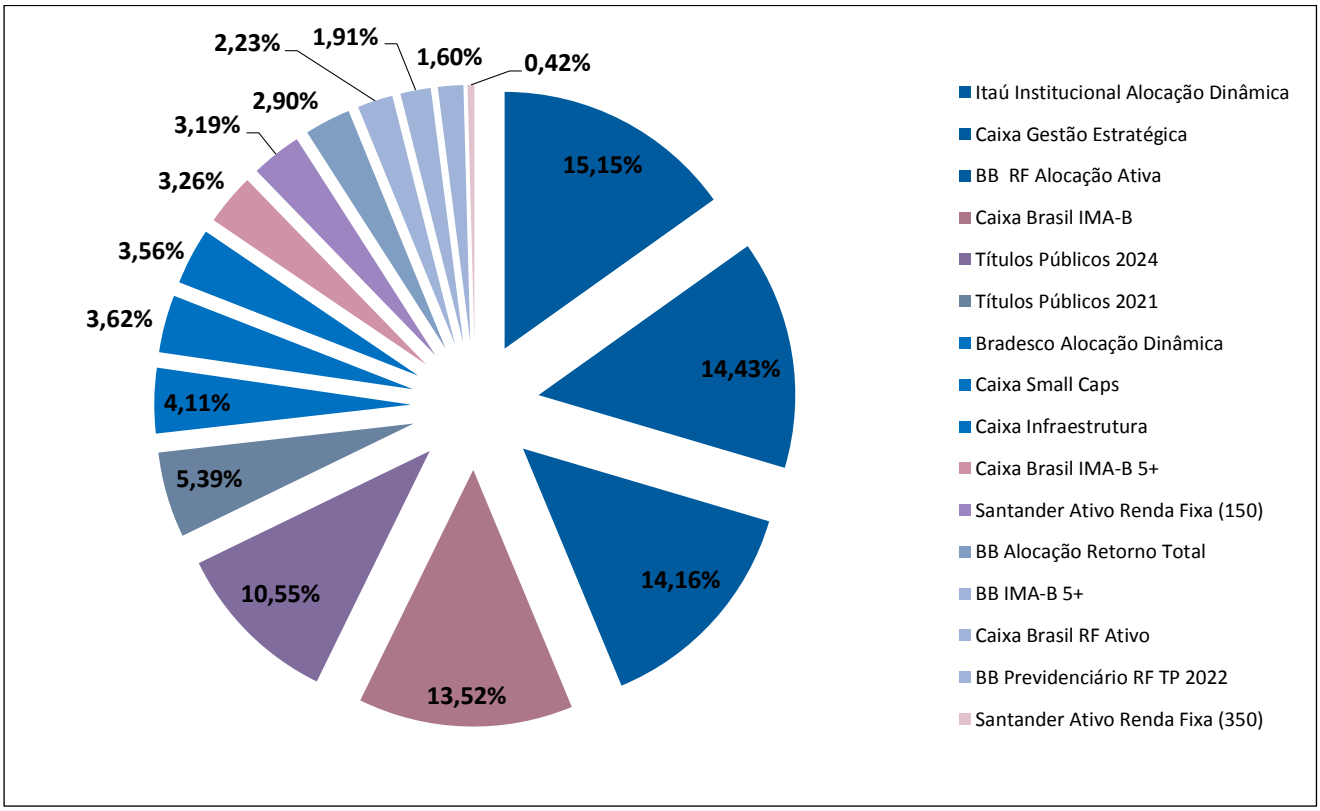
O saldo das aplicações financeiras do IPMU em 2020 sofre com a volatilidade do mercado financeiro, devido à evolução da crise Covid 19 a nível mundial e com a questão fiscal no caso mercado doméstico.

O IPMU encerrou 2019 com patrimônio de **R$ 401.568.842,56** (quatrocentos e um milhões quinhentos e sessenta e oito mil oitocentos e quarenta e dois reais e cinquenta e seis centavos) e no dia **30/12/2020**, apresenta patrimônio de **R$ 424.595.773,03** (quatrocentos e vinte e quatro milhões quinhentos e noventa e cinco mil setecentos e setenta e três reais e três centavos).



DEZEMBRO	Saldo	% PL IPMU
Itaú Institucional Alocação Dinâmica	64.309.650,37	15,146%
Caixa Gestão Estratégica	61.257.318,74	14,427%
BB RF Alocação Ativa	60.105.619,51	14,156%
Caixa Brasil IMA-B	57.419.792,55	13,523%
Títulos Públicos 2024	44.802.709,71	10,552%
Títulos Públicos 2021	22.901.635,47	5,394%
Bradesco Alocação Dinâmica	17.441.174,91	4,108%
Caixa Small Caps	15.384.565,17	3,623%
Caixa Infraestrutura	15.114.789,71	3,560%
Caixa Brasil IMA-B 5+	13.836.751,59	3,259%
Santander Ativo Renda Fixa (150)	13.524.859,82	3,185%
BB Alocação Retorno Total	12.308.791,34	2,899%
BB IMA-B 5+	9.470.364,98	2,230%
Caixa Brasil RF Ativo	8.128.183,61	1,914%
BB Previdenciário RF TP 2022	6.786.833,43	1,598%
Santander Ativo Renda Fixa (350)	1.802.732,12	0,425%
Patrimônio	**424.595.773,03**	


70.000.000,00
60.000.000,00
50.000.000,00
40.000.000,00
30.000.000,00
20.000.000,00
10.000.000,00
0,00
64.309.650,37
61.257.318,74
60.105.619,51
57.419.792,55
44.802.709,71
22.901.635,47
17.441.174,91
15.384.565,17
15.114.789,71
13.836.751,59
13.524.859,82
12.308.791,34
9.470.364,98
8.128.183,61
6.786.833,43
1.802.732,12
Itaú Institucional Alocação...
Caixa Gestão Estratégica
BB RF Alocação Ativa
Caixa Brasil IMA-B
Títulos Públicos 2024
Títulos Públicos 2021
Bradesco Alocação Dinâmica
Caixa Small Caps
Caixa Infraestrutura
Caixa Brasil IMA-B 5+
Santander Ativo Renda Fixa (150)
BB Alocação Retorno Total
BB IMA-B 5+
Caixa Brasil RF Ativo
BB Previdenciário RF TP 2022
Santander Ativo Renda Fixa (350)

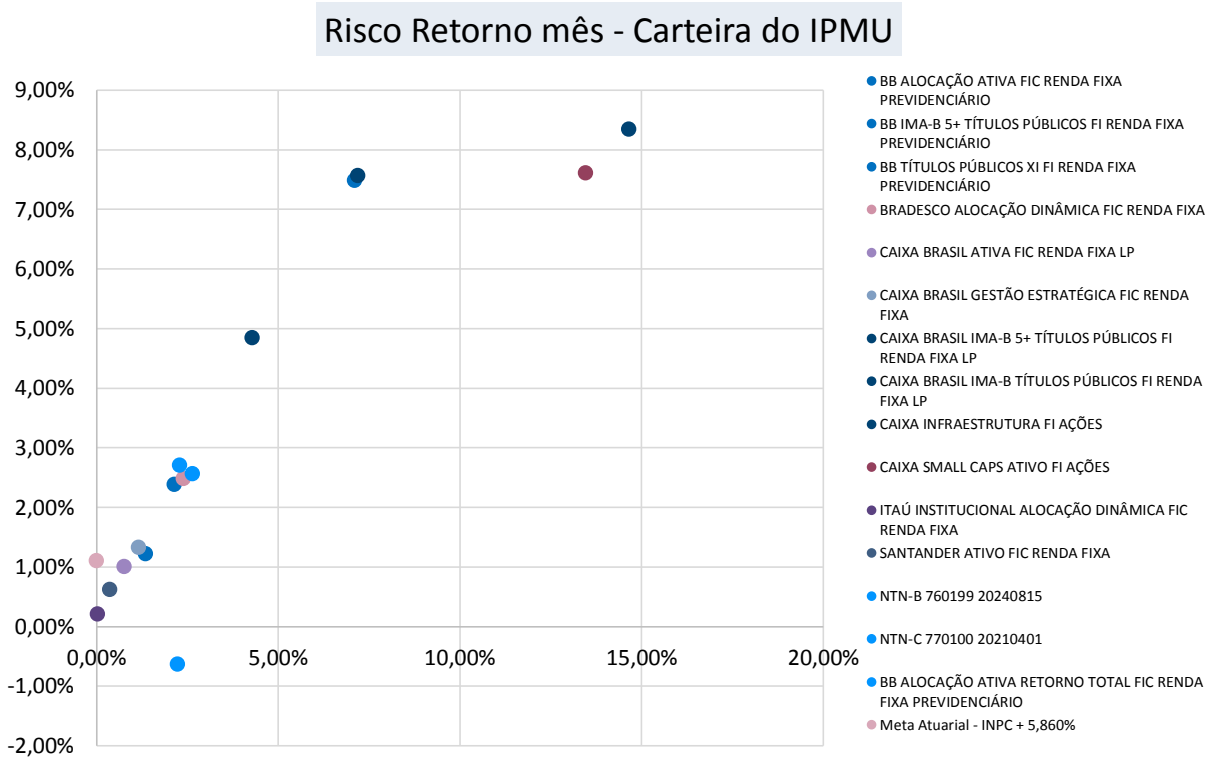

15,15%
14,43%
14,16%
13,52%
10,55%
5,39%
4,11%
3,62%
3,56%
3,26%
3,19%
2,90%
2,23%
1,91%
1,60%
0,42%
Itaú Institucional Alocação Dinâmica
Caixa Gestão Estratégica
BB RF Alocação Ativa
Caixa Brasil IMA-B
Títulos Públicos 2024
Títulos Públicos 2021
Bradesco Alocação Dinâmica
Caixa Small Caps
Caixa Infraestrutura
Caixa Brasil IMA-B 5+
Santander Ativo Renda Fixa (150)
BB Alocação Retorno Total
BB IMA-B 5+
Caixa Brasil RF Ativo
BB Previdenciário RF TP 2022
Santander Ativo Renda Fixa (350)

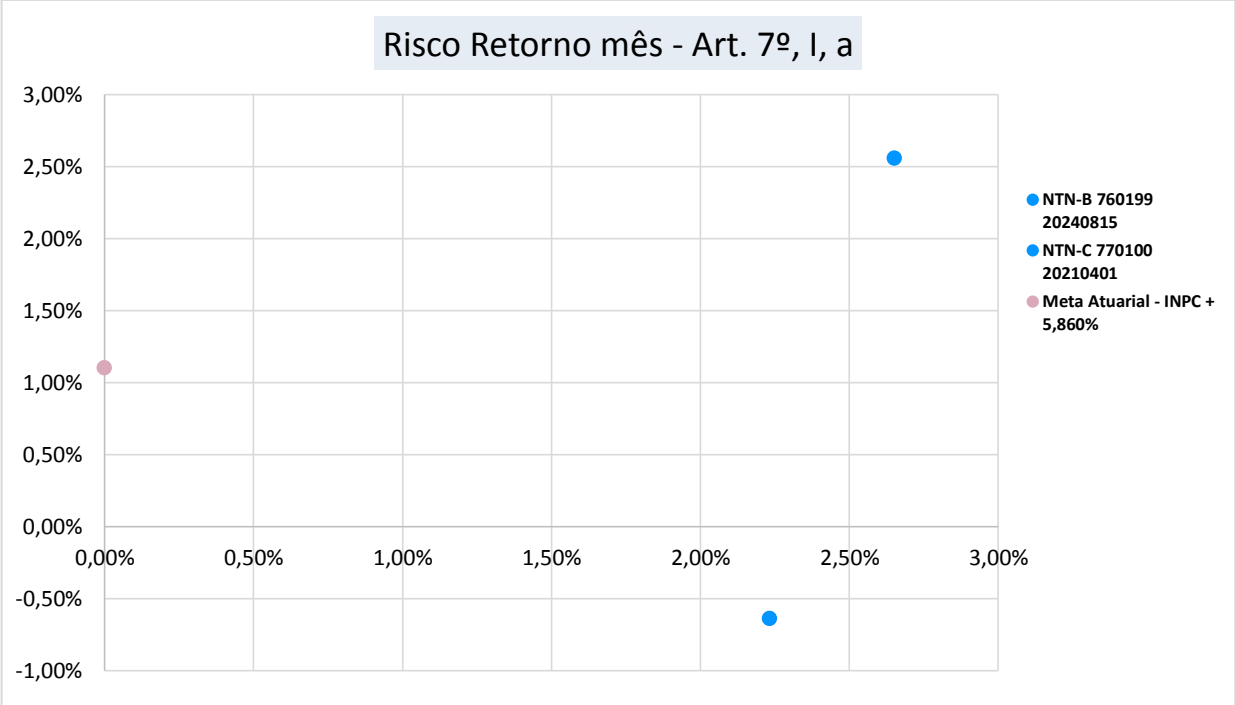
7.1- Risco x Retorno

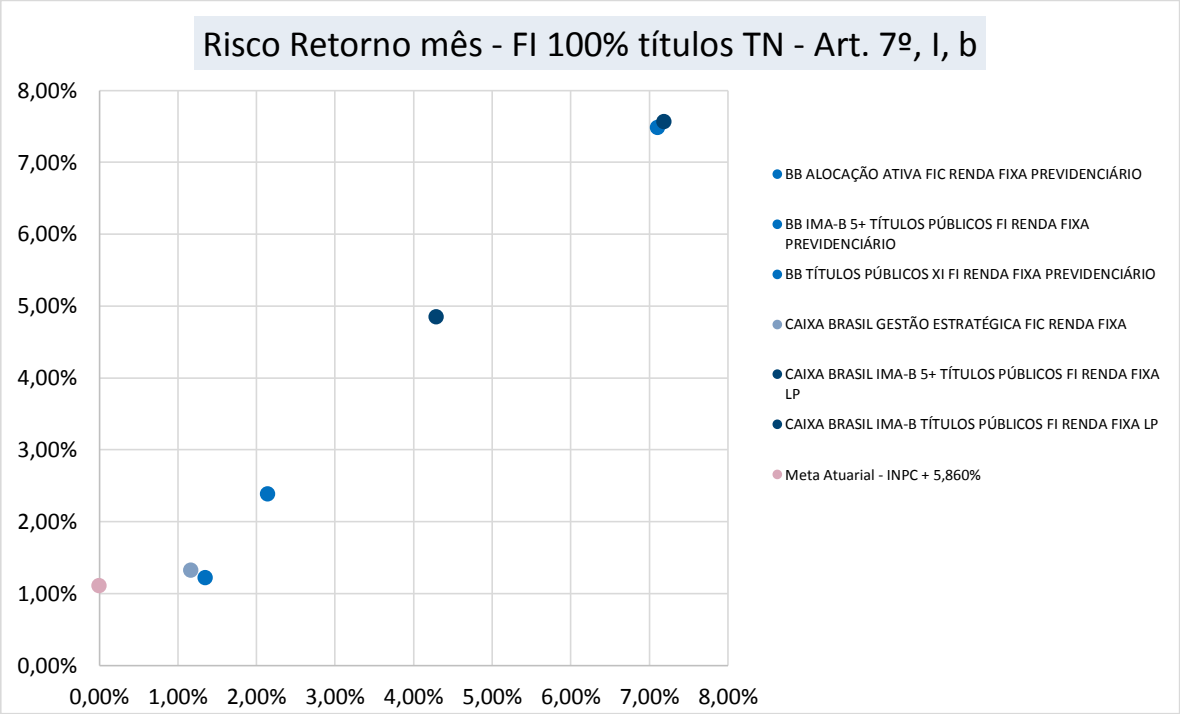
O risco está associado ao grau de incerteza sobre um investimento no futuro, havendo diversas formas de mensurá-lo. Em geral, há uma forte relação entre o risco e o retorno de um ativo: quanto maior o risco, maior a probabilidade de um retorno (ou perda) mais elevado. O gráfico representa as métricas dessa correlação para a Carteira e para os principais índices. Pontos mais acima no gráfico representam um retorno mais elevado, enquanto pontos mais à direita indicam maior risco.

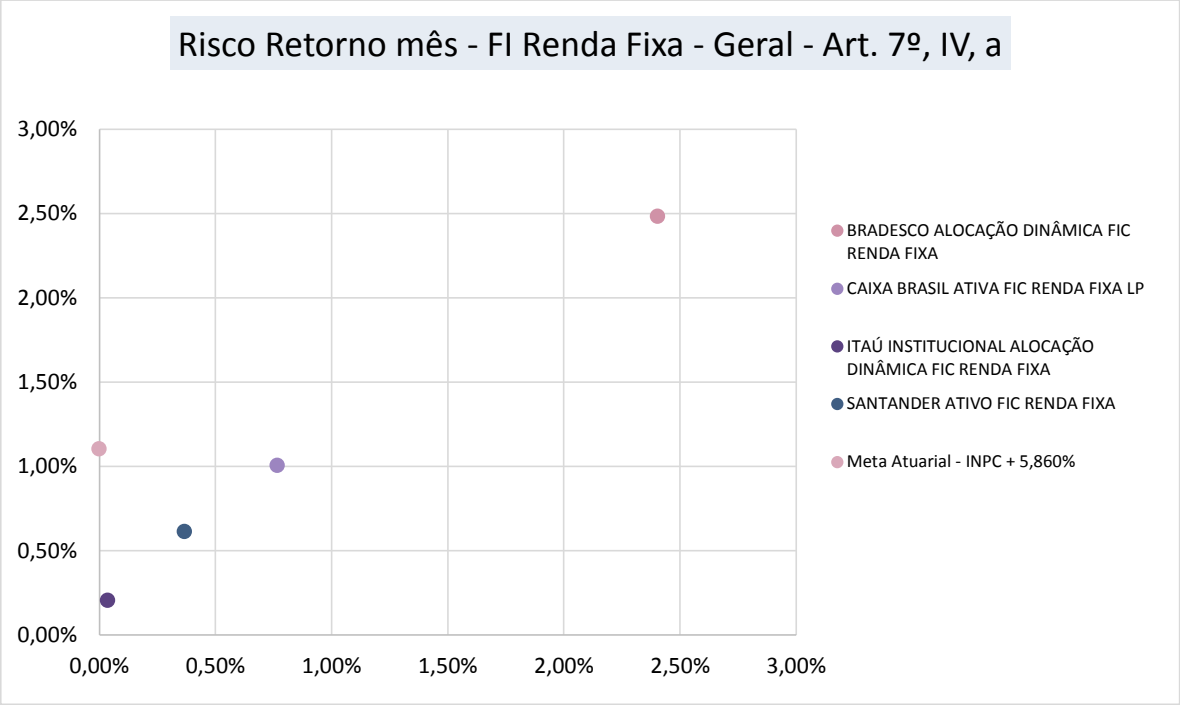
Conforme análise dos dados, observamos que carteiras mais arriscadas estão com um baixo retorno e que carteiras conservadoras estão conseguindo melhor destaque nesta crise que vem abatendo nos mercados financeiros desde março/2020 devido a pandemia do Covid-19.

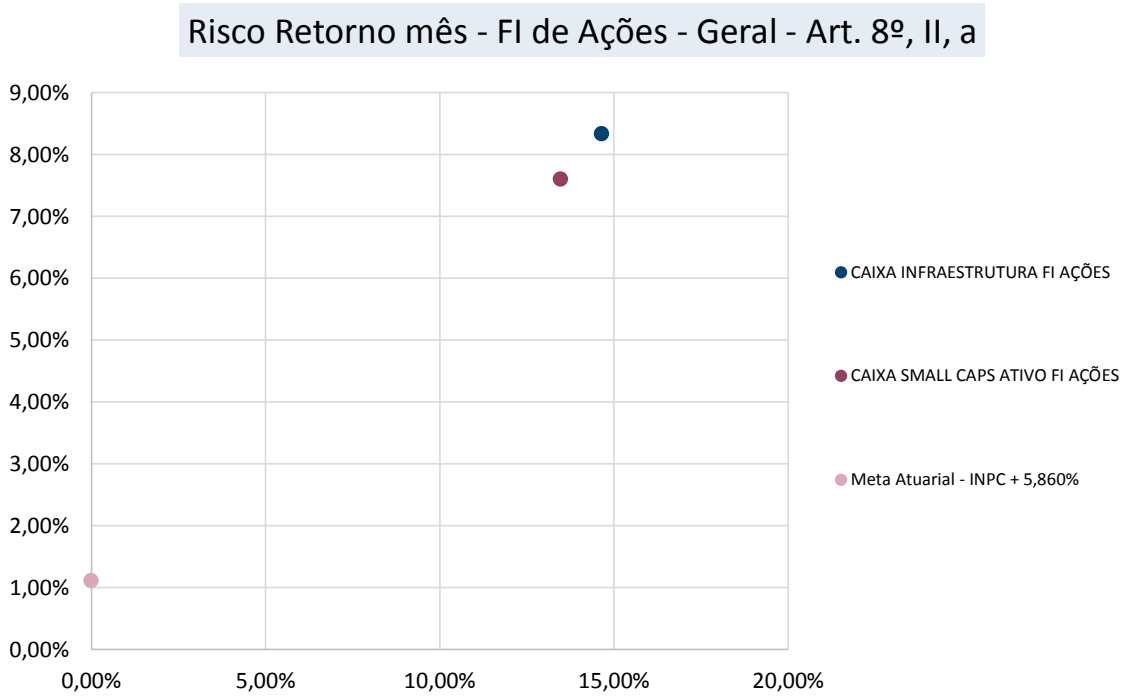
Os riscos da Carteira de Investimentos do IPMU são baixos e a diversificação tornou-se mais do que uma opção para os investidores, tornou-se uma obrigação. Quem não diversificar os investimentos corre o risco de ter resultados insatisfatórios que podem comprometer uma carteira ou um fundo de investimentos.




Risco Retorno mês - Art. 7º, I, a
3,00%
2,50%
2,00%
1,50%
1,00%
0,50%
0,00%
-0,50%
-1,00%
0,00%
0,50%
1,00%
1,50%
2,00%
2,50%
3,00%
NTN-B 760199 20240815
NTN-C 770100 20210401
Meta Atuarial - INPC + 5,860%


Risco Retorno mês - FI 100% títulos TN - Art. 7º, I, b
8,00%
7,00%
6,00%
5,00%
4,00%
3,00%
2,00%
1,00%
0,00%
0,00%
1,00%
2,00%
3,00%
4,00%
5,00%
6,00%
7,00%
8,00%
BB ALOCAÇÃO ATIVA FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BB IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
CAIXA BRASIL GESTÃO ESTRATÉGICA FIC RENDA FIXA
CAIXA BRASIL IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP
Meta Atuarial - INPC + 5,860%

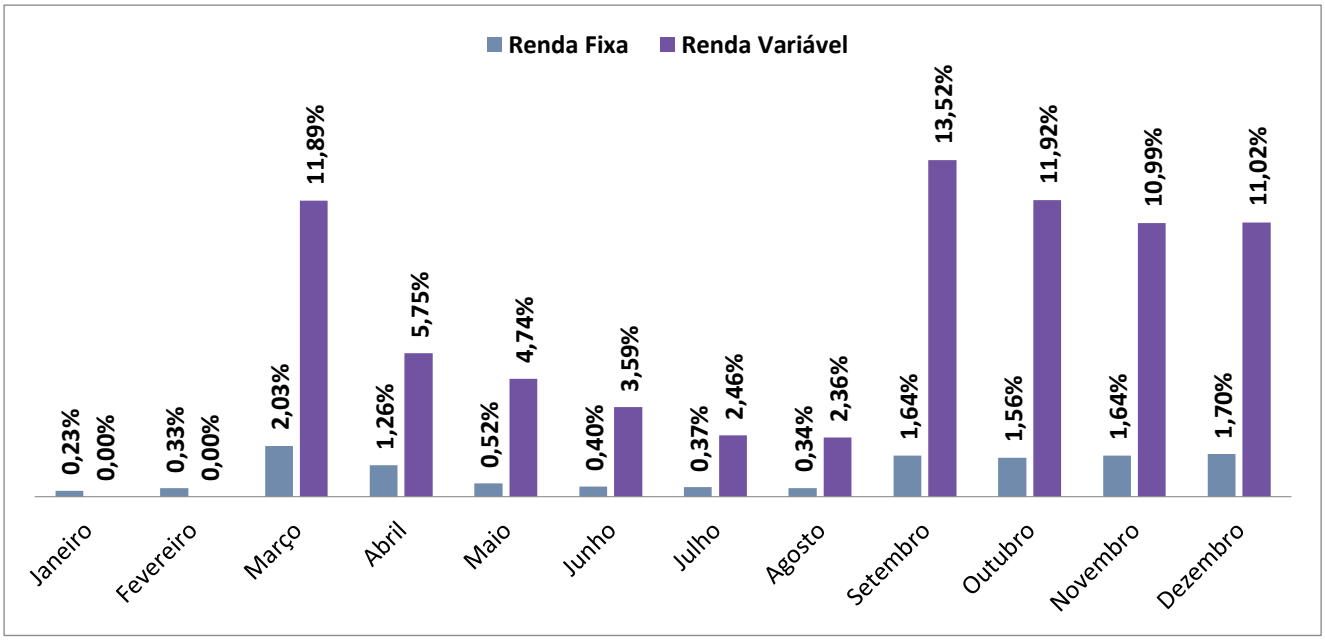

Risco Retorno mês - FI Renda Fixa - Geral - Art. 7º, IV, a
3,00%
2,50%
2,00%
1,50%
1,00%
0,50%
0,00%
0,00%
0,50%
1,00%
1,50%
2,00%
2,50%
3,00%
BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA
CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP
ITAÚ INSTITUCIONAL ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA
SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA
Meta Atuarial - INPC + 5,860%


Risco Retorno mês - FI de Ações - Geral - Art. 8º, II, a
9,00%
8,00%
7,00%
6,00%
5,00%
4,00%
3,00%
2,00%
1,00%
0,00%
0,00%
5,00%
10,00%
15,00%
20,00%
CAIXA INFRAESTRUTURA FI AÇÕES
CAIXA SMALL CAPS ATIVO FI AÇÕES
Meta Atuarial - INPC + 5,860%

7.2- Value at Risk (VaR)

Sintetiza a maior perda esperada para a Carteira no intervalo de um dia. Seu cálculo baseia-se na média e no desvio padrão dos retornos diários da Carteira, e supõe que estes seguem uma distribuição normal.

	Saldo	Renda Fixa	Renda Variável	Renda Fixa	Renda Variável	Renda Fixa	Renda Variável	Consolidado
				VaR %	VaR %	VaR R$	VaR R$	VaR R$
Janeiro	403.188.861,83	403.188.861,83	0,00	0,23%	0,00%	927.334,38	0,00	927.334,380
Fevereiro	404.702.851,40	404.702.851,40	0,00	0,33%	0,00%	1.335.519,41	0,00	1.335.519,410
Março	391.363.593,73	390.498.667,76	864.925,97	2,03%	11,89%	7.927.122,96	102.839,70	8.029.962,660
Abril	393.062.678,19	391.594.177,66	1.468.500,53	1,26%	5,75%	4.956.369,78	101.688,78	5.058.058,560
Maio	398.162.947,97	396.064.342,87	2.098.605,10	0,52%	4,48%	2.059.534,58	94.017,51	2.153.552,090
Junho	403.185.557,39	398.281.264,91	4.904.292,48	0,40%	3,59%	1.593.125,06	176.064,10	1.769.189,160
Julho	411.917.761,49	404.267.870,77	7.649.890,72	0,37%	2,46%	1.495.791,12	188.187,31	1.683.978,434
Agosto	408.168.872,65	393.480.542,41	14.688.330,24	0,34%	2,36%	1.337.833,84	346.644,59	1.684.478,438
Setembro	404.682.107,62	388.805.893,14	15.876.214,48	1,64%	13,52%	6.376.416,65	2.146.464,20	8.522.880,845
Outubro	404.446.227,48	386.313.479,14	18.132.748,34	1,56%	11,92%	6.026.490,27	2.161.423,60	8.187.913,877
Novembro	411.319.484,54	387.373.296,93	23.946.187,61	1,64%	10,99%	6.352.922,07	2.631.686,02	8.984.608,088
Dezembro	424.595.773,03	387.373.296,93	23.946.187,61	1,70%	11,02%	6.585.346,05	2.638.869,87	9.224.215,922

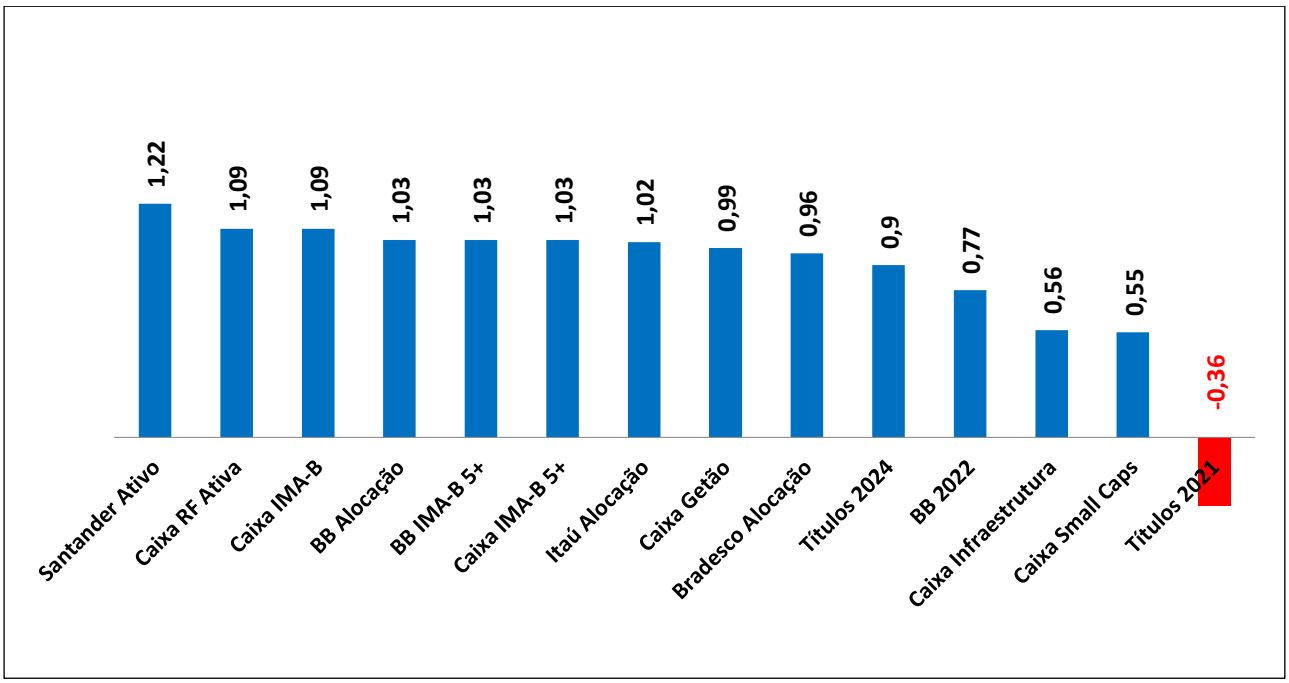


7.3- Sharpe

O **Índice Sharpe** é um indicador que mede o retorno excedente de uma aplicação financeira em relação a outra aplicação livre de risco.

Quantifica a relação entre a Volatilidade da Carteira e seu retorno excedente a um ativo livre de risco, nesse caso, a Selic. Assim, esse indicador aponta o percentual de rentabilidade que a Carteira teve acima da Selic devido à sua maior exposição ao risco. Logo, **quanto maior o Sharpe, melhor o desempenho da Carteira**, enquanto valores negativos significam que a Selic superou a rentabilidade da Carteira no período.

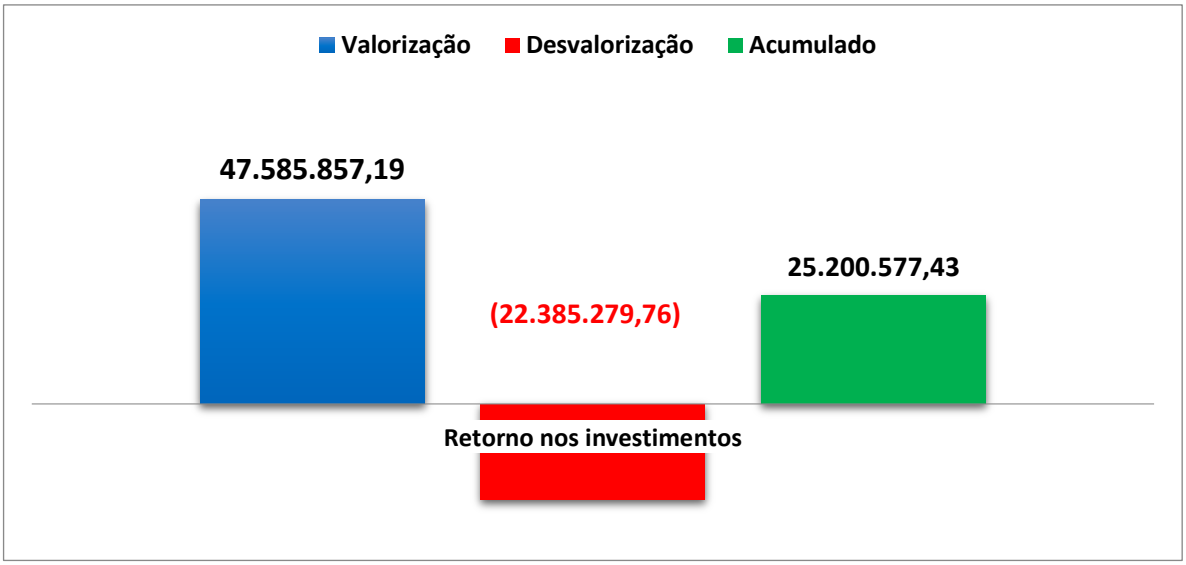
Quanto mais alto for o **Índice de Sharpe** de um **investimento**, mais consistente terá sido o seu retorno no passado. Uma aplicação que tenha um ótimo rendimento, mas alta volatilidade, terá um **Sharpe** mais baixo.



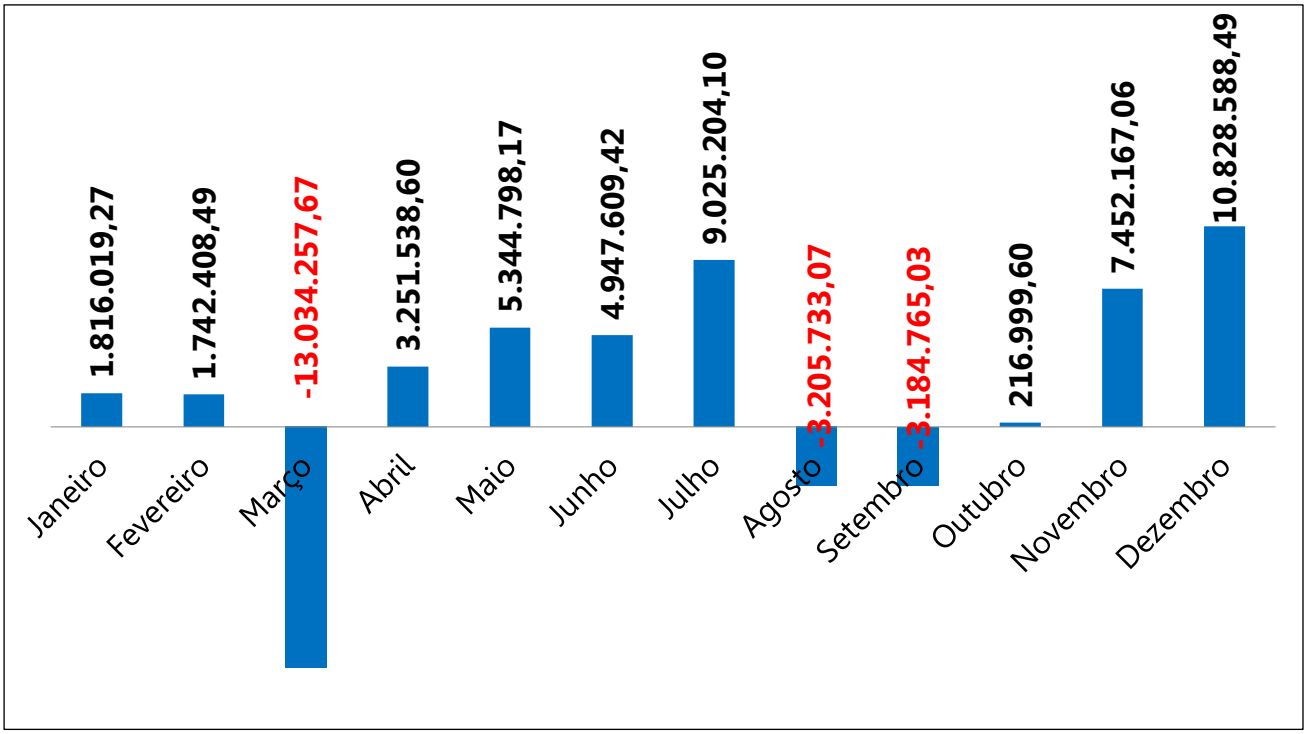
7.4- Rentabilidade

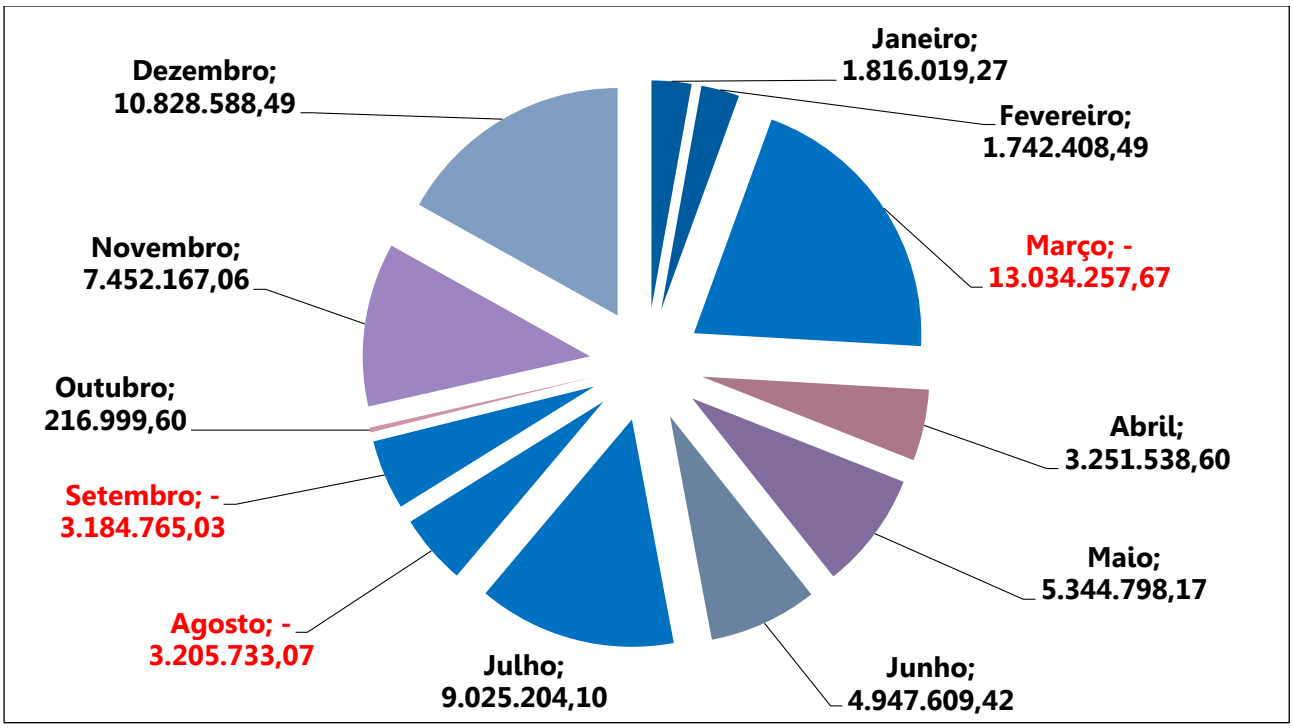
O patrimônio do IPMU apresentou variação positiva no ano de 2020, com retorno acumulado de **R$ 25.200.577,43** (vinte e cinco milhões duzentos mil quinhentos e setenta e sete reais e quarenta e três centavos), conseguindo reverter a desvalorização registrada no mês de março/2020, refletindo a grande volatilidade dos mercados financeiros devido a pandemia do "coronavírus":

Variações	Dezembro/2019	Valorização	Desvalorização	Acumulado	Dezembro
Títulos Públicos	**62.877.843,20**	**9.968.348,64**	**-1.800.731,09**	**8.167.617,55**	**67.704.345,18**
4.400 NTN-C 01.04.2021 (IGPM)	19.674.136,21	4.548.474,56	-159.734,42	4.388.740,14	22.901.635,47
11.150 NTN-B 15.08.2024 (IPCA)	43.203.706,99	5.419.874,08	-1.640.996,67	3.778.877,41	44.802.709,71
Fundos 100% Títulos Públicos	**246.181.192,14**	**27.060.606,66**	**-17.451.118,00**	**9.609.488,66**	**208.876.680,80**
BB Previdenciário Alocação	60.841.715,28	5.305.626,27	-2.372.091,23	2.933.535,04	60.105.619,51
BB Previdenciário Títulos 2022	6.588.229,70	641.916,57	-112.943,65	528.972,92	6.786.833,43
BB Previdenciário IMA-B 5+	16.942.925,22	3.451.060,61	-2.923.620,85	527.439,76	9.470.364,98
Caixa Brasil IMA-B 5+	35.933.764,47	2.794.838,01	-4.891.850,89	-2.097.012,88	13.836.751,59
Caixa Brasil Gestão Estratégica	66.906.584,92	5.157.737,33	-807.003,51	4.350.733,82	61.257.318,74
Caixa Brasil IMA-B	58.967.972,55	9.709.427,87	-6.343.607,87	3.365.820,00	57.419.792,55
Fundo Renda Fixa DI	**92.509.807,22**	**4.623.330,60**	**-1.153.214,26**	**3.470.116,34**	**117.515.392,17**
Bradesco FIC FI Alocação	16.667.821,83	1.495.415,93	-718.531,46	776.884,47	17.441.174,91
BB Previdenciário Retorno Total		308.791,34	0,00	308.791,34	12.308.791,34
Caixa Brasil RF Ativa		191.153,29	-82.969,68	108.183,61	8.128.183,61
Itaú Institucional Alocação	45.542.889,62	1.809.144,43	-227.383,68	1.581.760,75	64.309.650,37
Santander RF Ativo (350)	1.696.641,31	57.402,18	-10.311,37	47.090,81	1.802.732,12
Santander RF Ativo (150)	28.602.454,46	761.423,43	-114.018,07	647.405,36	13.524.859,82
Fundo Renda Variável	**0,00**	**5.933.571,29**	**-1.980.216,41**	**3.953.354,88**	**30.499.354,88**
Caixa Small Cap Ativo		3.033.183,24	-986.618,07	2.046.565,17	15.384.565,17
Caixa Infraestrutura		2.900.388,05	-993.598,34	1.906.789,71	15.114.789,71
Consolidado	**401.568.842,56**	**47.585.857,19**	**-22.385.279,76**	**25.200.577,43**	**424.595.773,03**



2020	Renda Fixa		Renda Variável		Total
	Valorização	Desvalorização	Valorização	Desvalorização	
Janeiro	1.829.871,12	-13.851,85	0,00	0,00	1.816.019,27
Fevereiro	1.742.408,49	0,00	0,00	0,00	1.742.408,49
Março	272.644,63	-13.081.828,27	0,00	-225.074,03	**-13.034.257,67**
Abril	3.210.392,64	-122.428,60	163.574,56	0,00	3.251.538,60
Maio	5.184.693,60	0,00	160.104,57	0,00	5.344.798,17
Junho	4.711.922,04	0,00	235.687,38	0,00	4.947.609,42
Julho	8.517.605,86	0,00	507.598,24	0,00	9.025.204,10
Agosto	655.057,93	-3.591.230,52	0,00	-269.560,48	**-3.205.733,07**
Setembro	987.202,83	-3.211.852,10	0,00	-960.115,76	**-3.184.765,03**
Outubro	978.536,81	-236.071,07	0,00	-525.466,14	216.999,60
Novembro	4.638.727,79	0,00	2.813.439,27	0,00	7.452.167,06
Dezembro	8.923.222,16	-147.800,94	2.053.167,27	0,00	10.828.588,49
Total	**41.652.285,90**	**-20.405.063,35**	**5.933.571,29**	**-1.980.216,41**	**25.200.577,43**


1.816.019,27
1.742.408,49
-13.034.257,67
3.251.538,60
5.344.798,17
4.947.609,42
9.025.204,10
-3.205.733,07
-3.184.765,03
216.999,60
7.452.167,06
10.828.588,49
Janeiro
Fevereiro
Março
Abril
Maio
Junho
Julho
Agosto
Setembro
Outubro
Novembro
Dezembro


Janeiro; 1.816.019,27
Fevereiro; 1.742.408,49
Março; - 13.034.257,67
Abril; 3.251.538,60
Maio; 5.344.798,17
Junho; 4.947.609,42
Julho; 9.025.204,10
Agosto; - 3.205.733,07
Setembro; - 3.184.765,03
Outubro; 216.999,60
Novembro; 7.452.167,06
Dezembro; 10.828.588,49

	2019			dez/20			Consolidado
Fundos	**Valorização**	**Desvalorização**	**Saldo**	**Valorização**	**Desvalorização**	**Saldo**	
Títulos Públicos (7º I A)	**9.659.406,42**	**-548.528,29**	**9.110.878,13**	**9.968.348,64**	**-1.800.731,09**	**8.167.617,55**	**17.278.495,68**
4.400 NTN-C 01.04.2021 (IGPM)	2.570.652,23	**-131.620,96**	2.439.031,27	4.548.474,56	-159.734,42	4.388.740,14	6.827.771,41
11.150 NTN-B 15.08.2024 (IPCA)	7.088.754,19	**-416.907,33**	6.671.846,86	5.419.874,08	-1.640.996,67	3.778.877,41	10.450.724,27
Fundos Títulos Públicos (7º I B)	**41.790.925,31**	**-5.376.859,53**	**36.414.065,78**	**27.060.606,66**	**-17.451.118,00**	**9.609.488,66**	**46.023.554,44**
BB Previdenciário Alocações	8.522.338,88	**-570.638,44**	7.951.700,44	5.305.626,27	-2.372.091,23	2.933.535,04	10.885.235,48
BB Previdenciário RF TP XI 2022	855.311,79	**25.148,61**	880.460,40	641.916,57	-112.943,65	528.972,92	1.409.433,32
BB Previdenciário IMA-B 5+	2.614.997,78	**-833.487,40**	1.781.510,38	3.451.060,61	-2.923.620,85	527.439,76	2.308.950,14
Caixa Brasil IMA-B	14.082.775,92	**-1.676.620,70**	12.406.155,22	9.709.427,87	-6.343.607,87	3.365.820,00	15.771.975,22
Caixa Brasil Gestão Estratégica	10.639.672,84	**-421.115,35**	10.218.557,49	5.157.737,33	-807.003,51	4.350.733,82	14.569.291,31
Caixa Brasil IMA-B 5+	5.075.828,10	**-1.900.146,25**	3.175.681,85	2.794.838,01	-4.891.850,89	-2.097.012,88	1.078.668,97
Fundo Renda Fixa (7º IV A)	**2.765.974,57**	**-189.772,69**	**2.576.201,88**	**4.623.330,60**	**-1.153.214,26**	**3.470.116,34**	**6.046.318,22**
Itaú Institucional Alocação	1.962.978,40	**0,00**	1.962.978,40	1.809.144,43	-227.383,68	1.581.760,75	3.544.739,15
Caixa RF Ativa				191.153,29	-82.969,68	108.183,61	108.183,61
BB Previdenciário Retorno Total				308.791,34	0,00	308.791,34	308.791,34
Bradesco FIC FI Alocação	691.356,50	**-189.772,69**	501.583,81	1.495.415,93	-718.531,46	776.884,47	1.278.468,28
Santander Ativo (150)	42.454,46	**0,00**	42.454,46	761.423,43	-114.018,07	647.405,36	689.859,82
Santander Ativo (350)	69.185,21	**0,00**	69.185,21	57.402,18	-10.311,37	47.090,81	116.276,02
Fundo Renda Variável (8º II A)	**0,00**	**0,00**	**0,00**	**5.933.571,29**	**-1.980.216,41**	**3.953.354,88**	**3.953.354,88**
CaixaSmall Caps				3.033.183,24	-986.618,07	2.046.565,17	2.046.565,17
Caixa Infraestrutura				2.900.388,05	-993.598,34	1.906.789,71	1.906.789,71
Consolidado	**54.216.306,30**	**-6.115.160,51**	**48.101.145,79**	**47.585.857,19**	**-22.385.279,76**	**25.200.577,43**	**69.348.368,34**

7.5- Composição dos Investimentos

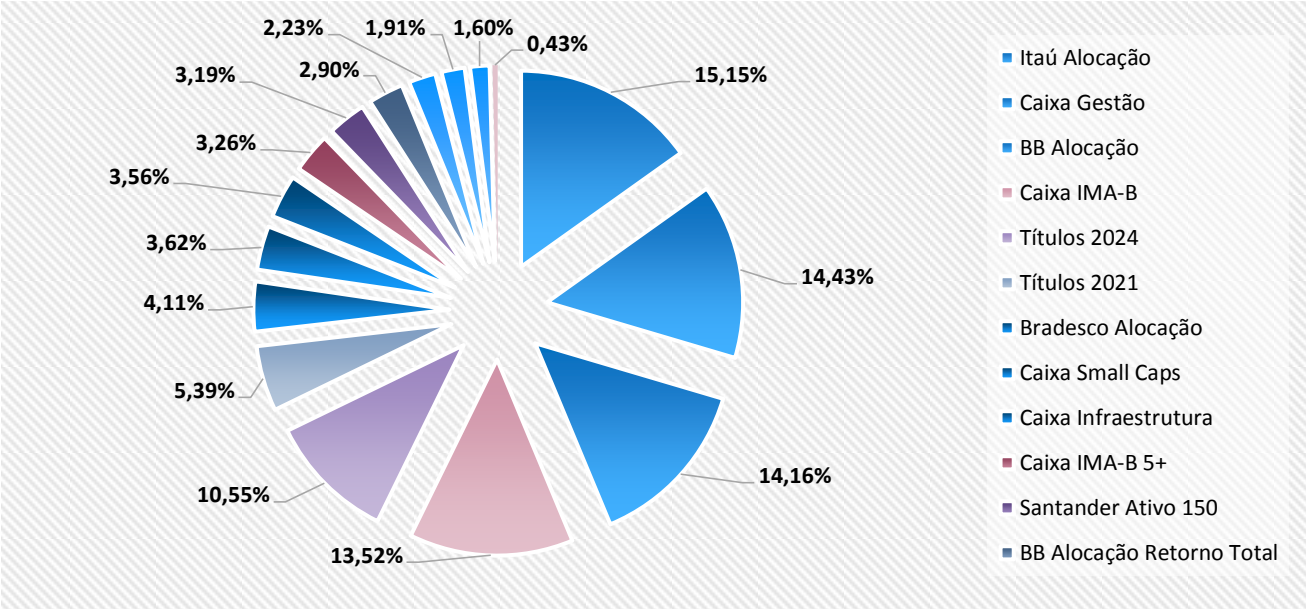
A Carteira de Investimentos do **Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU** é composta por **14 (catorze)** fundos de investimentos e por uma Carteira de Títulos Públicos com vencimento para 2021 e Títulos com vencimento para 2024:

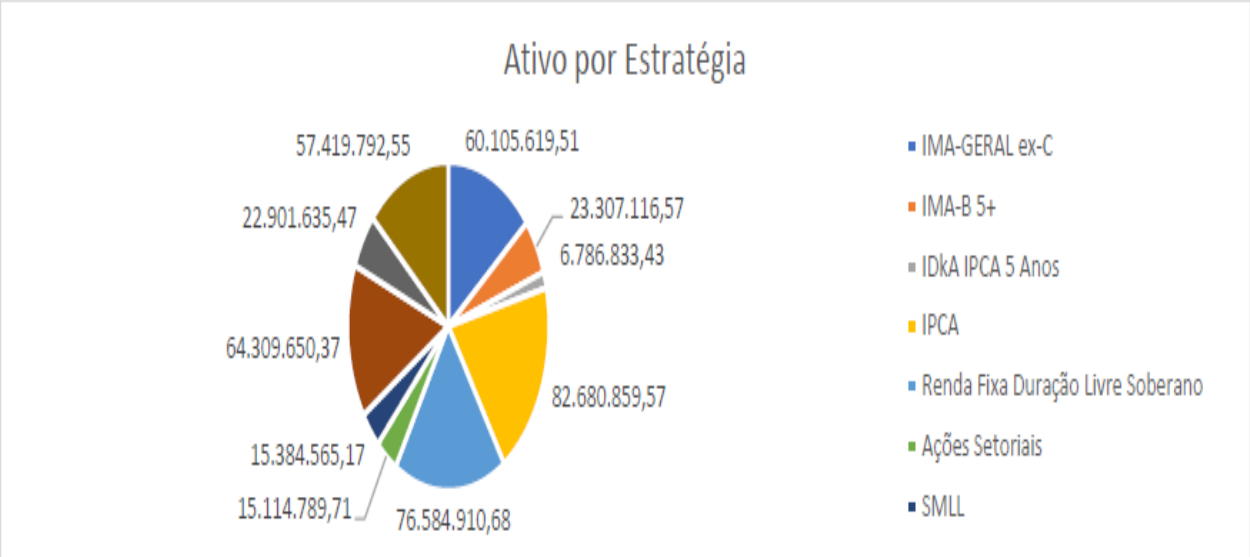
	Aplicação	% PL	% Política					
Artigo 7º – Inciso I – Alínea A (até 100%)	**67.704.345,18**	**15,95%**	**15,00%**					
4.400 NTN-C 01.04.2021 (IGPM)	22.901.635,47	5,39%						
11.150 NTN-B 15.08.2024 (IPCA)	44.802.709,71	10,55%		**Limite 25%**			**Rentabilidade**	
Artigo 7º – Inciso I – Alínea B (até 100%)	**208.876.680,80**	**49,19%**	**55,00%**	**PL Fundo**	**% PL**	**Cotista**	**Mês**	**2020**
BB Previdenciário RF Alocação Ativa	60.105.619,51	14,16%		9.563.044.096,34	0,6285%	588	2,38%	5,09%
BB Previdenciário RF TP XI 2022	6.786.833,43	1,60%		203.506.382,49	3,3349%	45	1,21%	8,29%
BB Previdenciário RF IMA-B 5+	9.470.364,98	2,23%		1.613.945.826,86	0,5868%	296	7,47%	5,06%
Caixa FI Brasil IMA-B	57.419.792,55	13,52%		6.189.324.594,61	0,9277%	899	4,84%	6,06%
Caixa FIC Brasil Gestão Estratégica	61.257.318,74	14,43%		14.717.510.150,97	0,4162%	885	1,32%	6,66%
Caixa FI Brasil IMA-B 5+	13.836.751,59	3,26%		1.732.694.458,96	0,7986%	322	7,56%	5,23%
7º – Inciso IV (até 40%)	**117.515.392,17**	**27,68%**	**20,00%**	**PL Fundo**	**% PL**	**Cotista**	**Mês**	**2020**
Itaú Alocação Ativa	64.309.650,37	15,15%		3.882.449.934,33	1,6564%	269	0,20%	2,86%
Santander Ativo Renda Fixa (150)	13.524.859,82	3,19%		903.043.313,78	1,4977%	120	0,61%	2,70%
BB RF Retorno Total	12.308.791,34	2,90%		2.661.004.841,27	0,4626%	429	2,70%	6,65%
Bradesco FIC FI Alocação Dinâmica	17.441.174,91	4,11%		1.422.574.437,09	1,2260%	196	2,48%	4,66%
Caixa FIC Brasil RF Ativa	8.128.183,61	1,91%		787.034.312,48	1,0328%	102	1,00%	3,60%
Santander Ativo Renda Fixa (350)	1.802.732,12	0,42%		903.043.313,78	0,1996%	120	0,61%	2,70%
Artigo 8º – Inciso I - A (até 30%)	**0,00**	**0,00%**	**5,00%**	**PL Fundo**	**% PL**	**Cotista**		
Artigo 8º – Inciso II - A (até 20%)	**30.499.354,88**	**7,18%**	**5,00%**	**PL Fundo**	**% PL**	**Cotista**	**Mês**	**2020**
Caixa Small Caps Ativo	15.384.565,17	3,62%		1.388.437.539,18	1,1080%	15.069	7,60%	-3,23%
Caixa Infraestrutura	15.114.789,71	3,56%		5.714.250.944,41	0,2645%	8.663	8,33%	0,56%

Consolidado	**424.595.773,03**	**100,00%**

7.6- Distribuição dos Investimentos

A Carteira de Investimentos do **Instituto de Previdência Municipal de Ubatuba – IPMU** está distribuída em **14 (catorze)** fundos de investimentos e uma Carteira de Títulos Públicos com vencimento para 2021 e 2024:

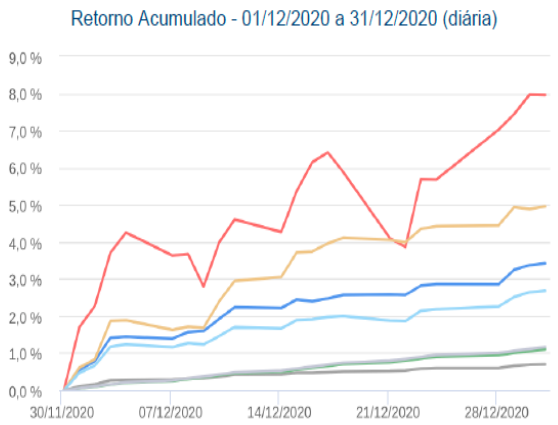


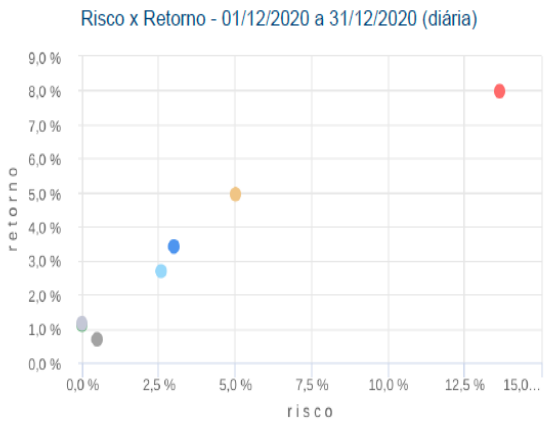


7.7- Rentabilidade das Aplicações Financeiras

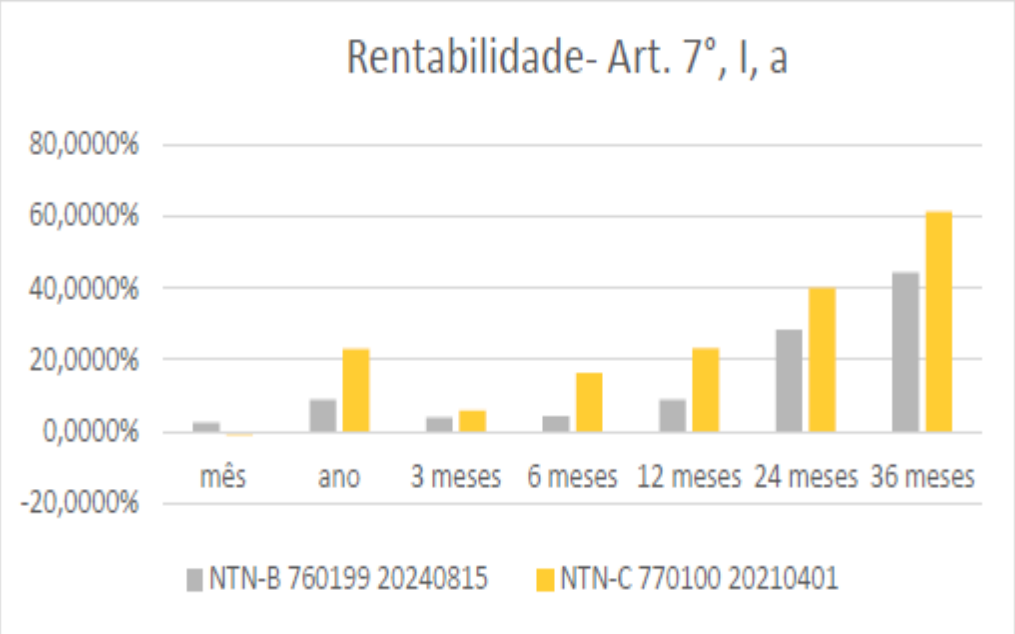
DEZEMBRO	Saldo	% PL IPMU	Mês	Ano
Itaú Institucional Alocação Dinâmica	64.309.650,37	15,146%	0,2000%	2,8600%
Caixa Gestão Estratégica	61.257.318,74	14,427%	1,3200%	6,6600%
BB RF Alocação Ativa	60.105.619,51	14,156%	2,3800%	5,0900%
Caixa Brasil IMA-B	57.419.792,55	13,523%	4,8400%	6,0600%
Títulos Públicos 2024	44.802.709,71	10,552%	2,5600%	9,0200%
Títulos Públicos 2021	22.901.635,47	5,394%	-0,6400%	23,2000%
Bradesco Alocação Dinâmica	17.441.174,91	4,108%	2,4800%	4,6600%
Caixa Small Caps	15.384.565,17	3,623%	7,6000%	-3,2300%
Caixa Infraestrutura	15.114.789,71	3,560%	8,3300%	0,5600%
Caixa Brasil IMA-B 5+	13.836.751,59	3,259%	7,5600%	5,2300%
Santander Ativo Renda Fixa (150)	13.524.859,82	3,185%	0,6100%	2,7000%
BB Alocação Retorno Total	12.308.791,34	2,899%	2,7000%	6,6500%
BB IMA-B 5+	9.470.364,98	2,230%	7,4700%	5,0600%
Caixa Brasil RF Ativo	8.128.183,61	1,914%	1,0000%	3,6000%
BB Previdenciário RF TP 2022	6.786.833,43	1,598%	1,2100%	8,2900%
Santander Ativo Renda Fixa (350)	1.802.732,12	0,425%	0,6100%	2,7000%

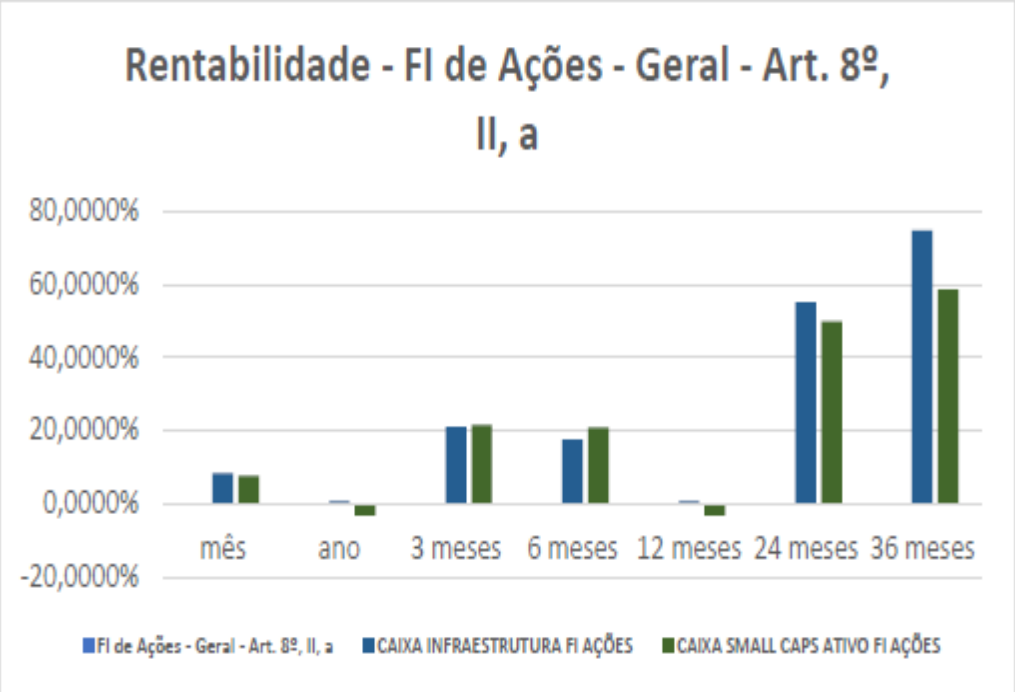
Gráficos

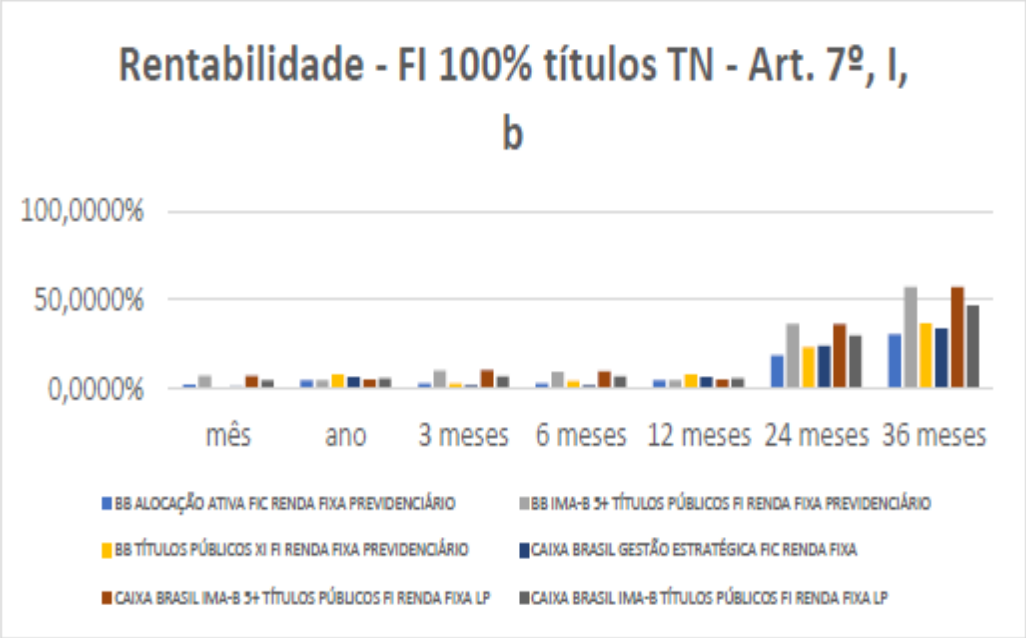


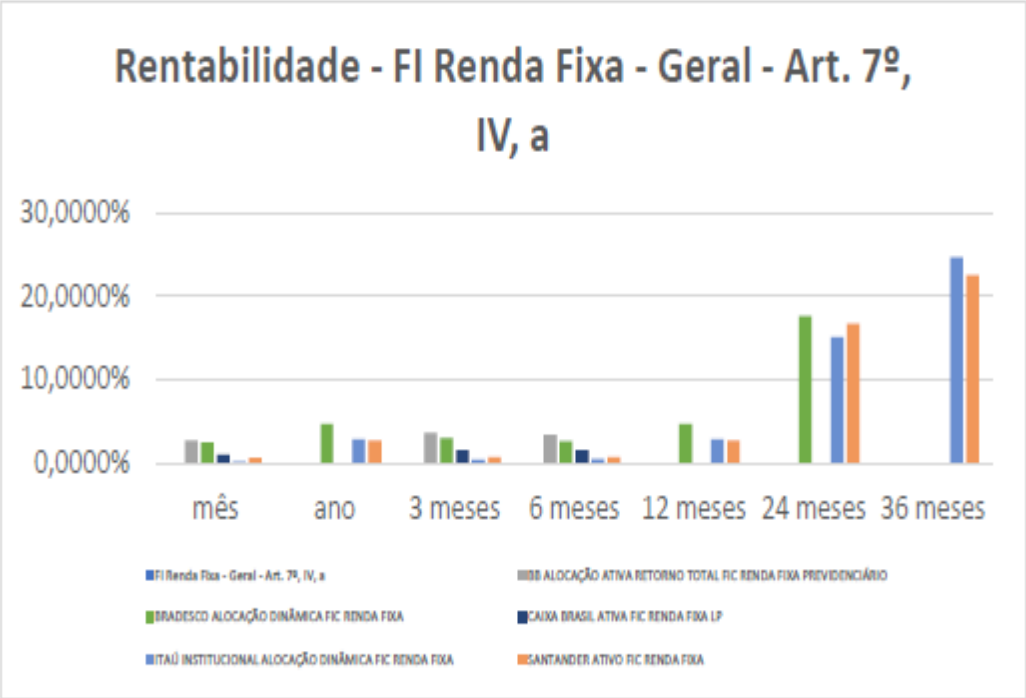


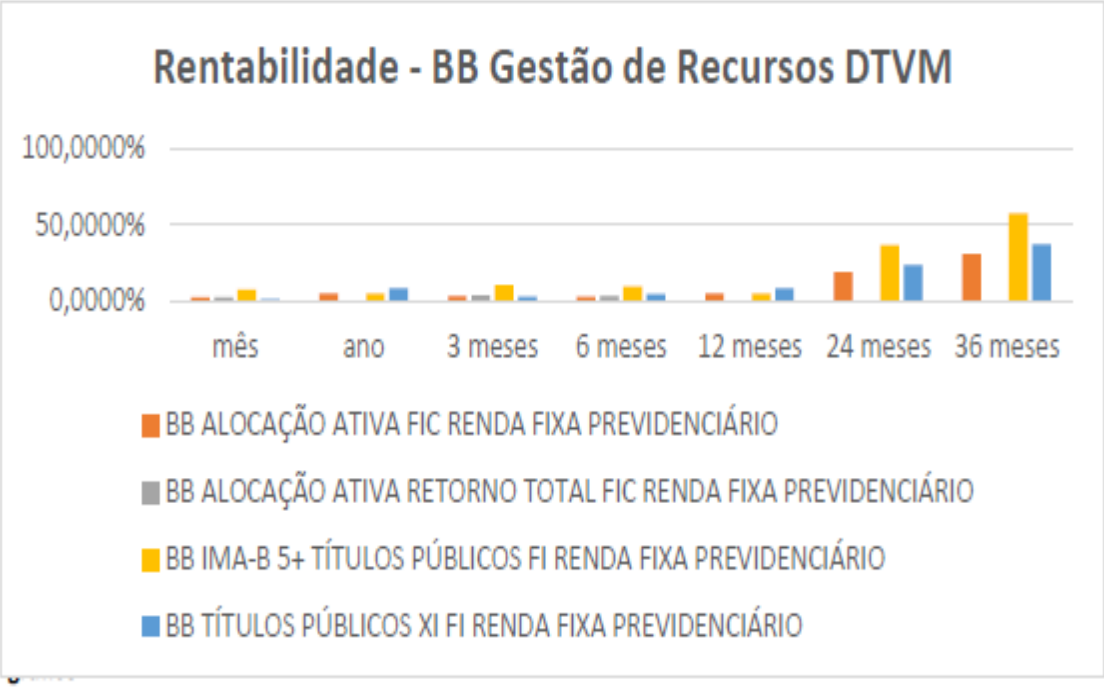
- Portfólio Art. 7°, I, a
- Portfólio - Art. 8°, II, a
- Portfólio - Art. 7°, I, b
- Portfólio Carteira IPMU 2020
- Meta Atuarial - INPC + 5,860%
- Meta Atuarial - Índice IPCA +5,860%
- Portfólio - Art. 7º, IV, a

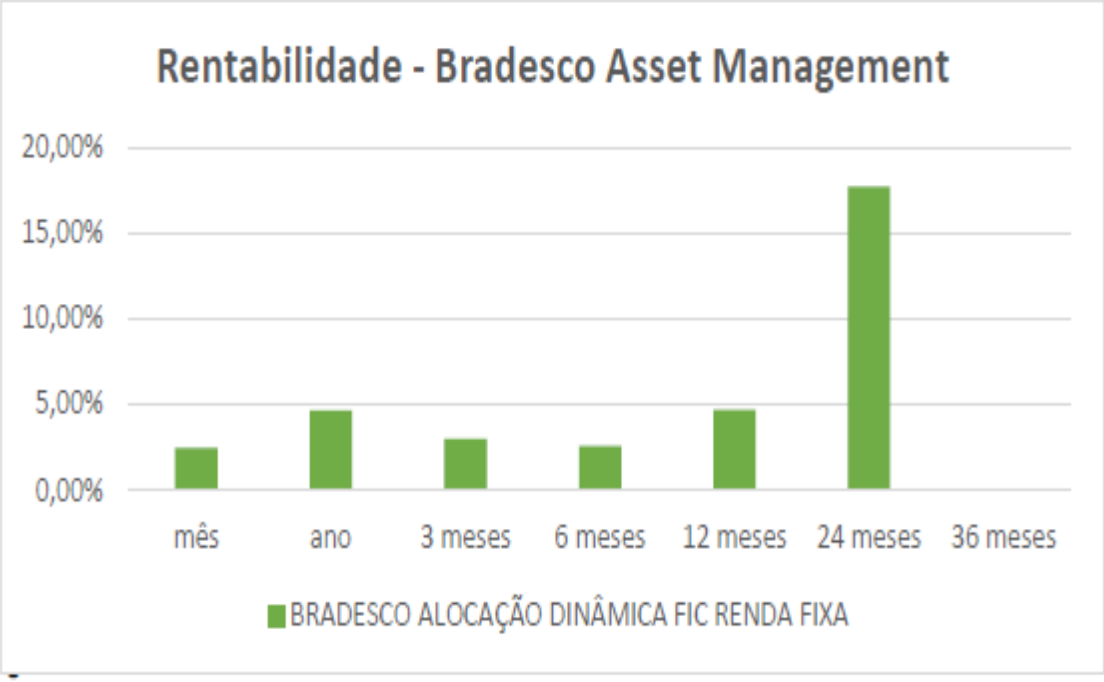

Rentabilidade- Art. 7°, I, a
80,0000%
60,0000%
40,0000%
20,0000%
0,0000%
-20,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
NTN-B 760199 20240815
NTN-C 770100 20210401

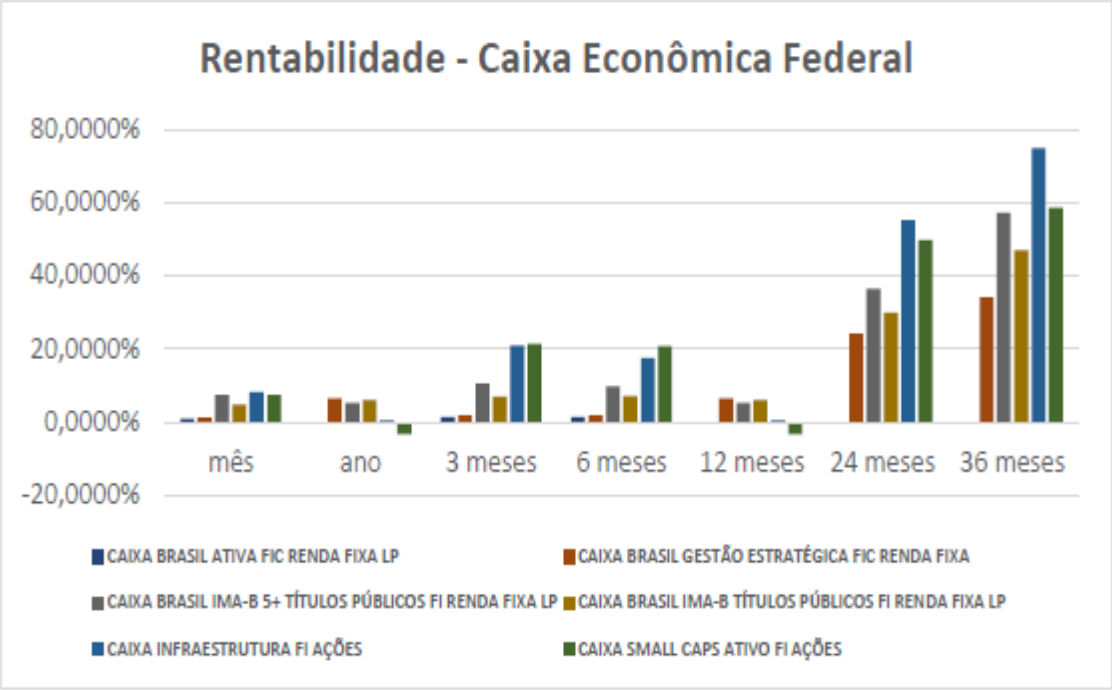

Rentabilidade - FI de Ações - Geral - Art. 8º, II, a
80,0000%
60,0000%
40,0000%
20,0000%
0,0000%
-20,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
FI de Ações - Geral - Art. 8º, II, a
CAIXA INFRAESTRUTURA FI AÇÕES
CAIXA SMALL CAPS ATIVO FI AÇÕES

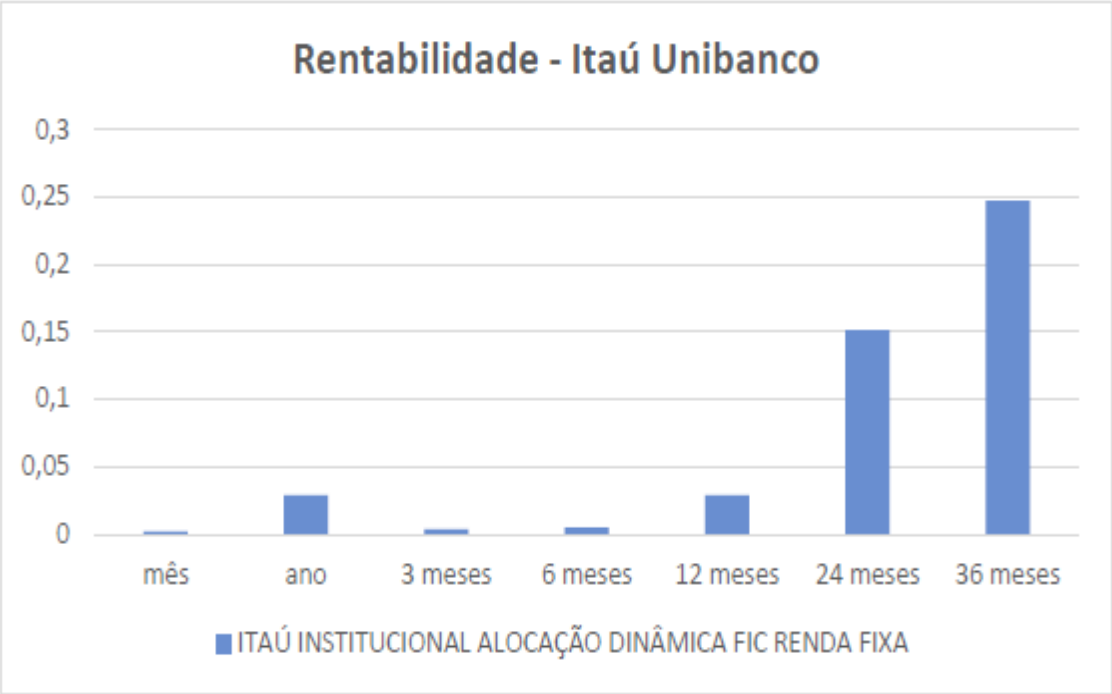

Rentabilidade - FI 100% títulos TN - Art. 7º, I, b
100,0000%
50,0000%
0,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
BB ALOCAÇÃO ATIVA FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BB IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
CAIXA BRASIL GESTÃO ESTRATÉGICA FIC RENDA FIXA
CAIXA BRASIL IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP

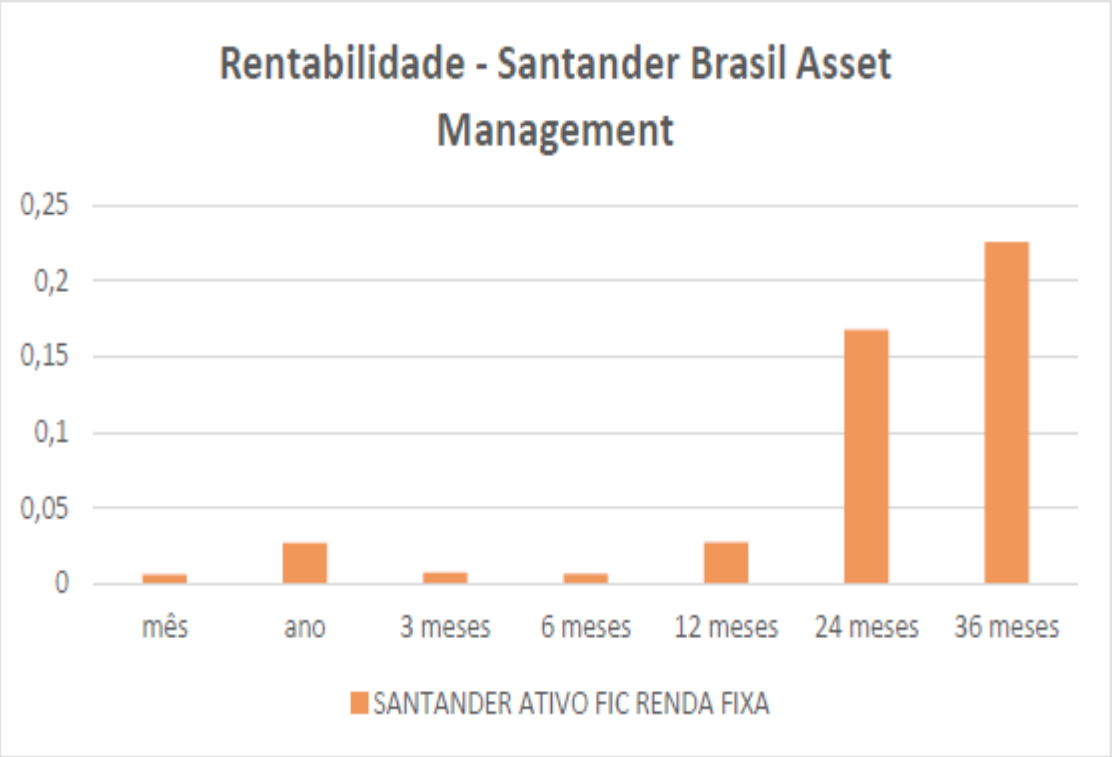

Rentabilidade - FI Renda Fixa - Geral - Art. 7º, IV, a
30,0000%
20,0000%
10,0000%
0,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
FI Renda Fixa - Geral - Art. 7º, IV, a
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA
CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP
ITAÚ INSTITUCIONAL ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA
SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA

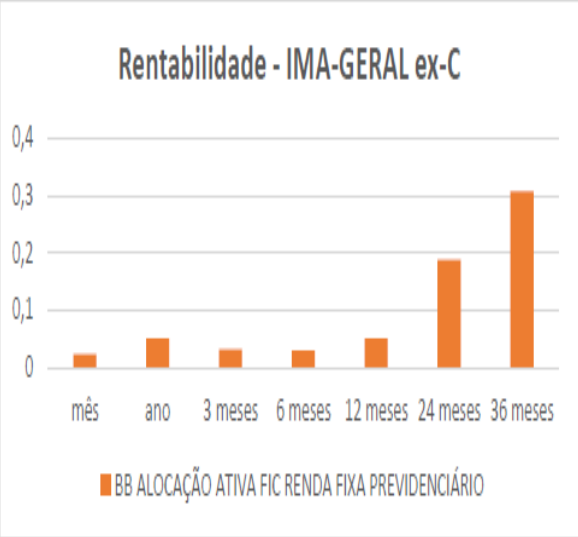

Rentabilidade - BB Gestão de Recursos DTVM
100,0000%
50,0000%
0,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
BB ALOCAÇÃO ATIVA FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BB IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO

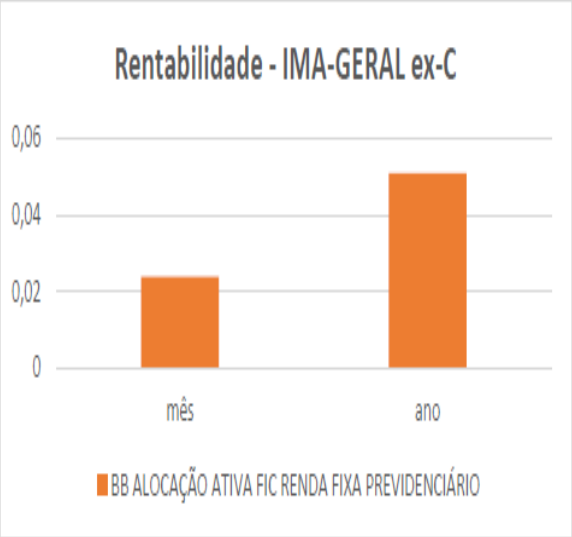

Rentabilidade - Bradesco Asset Management
20,00%
15,00%
10,00%
5,00%
0,00%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA

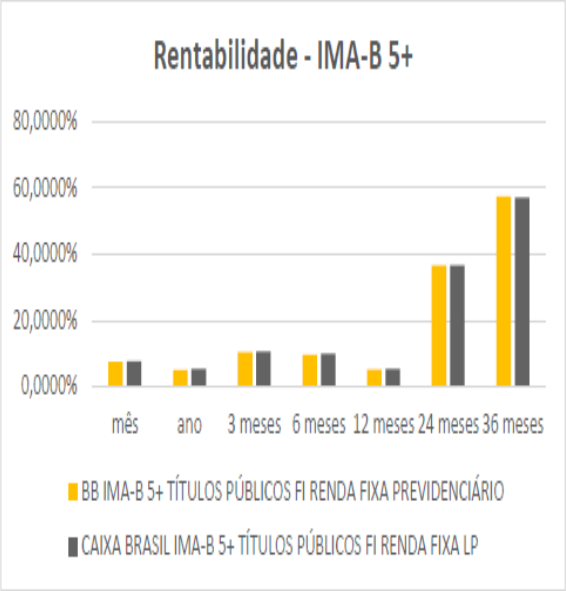

Rentabilidade - Caixa Econômica Federal
80,0000%
60,0000%
40,0000%
20,0000%
0,0000%
-20,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP
CAIXA BRASIL GESTÃO ESTRATÉGICA FIC RENDA FIXA
CAIXA BRASIL IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP
CAIXA INFRAESTRUTURA FI AÇÕES
CAIXA SMALL CAPS ATIVO FI AÇÕES

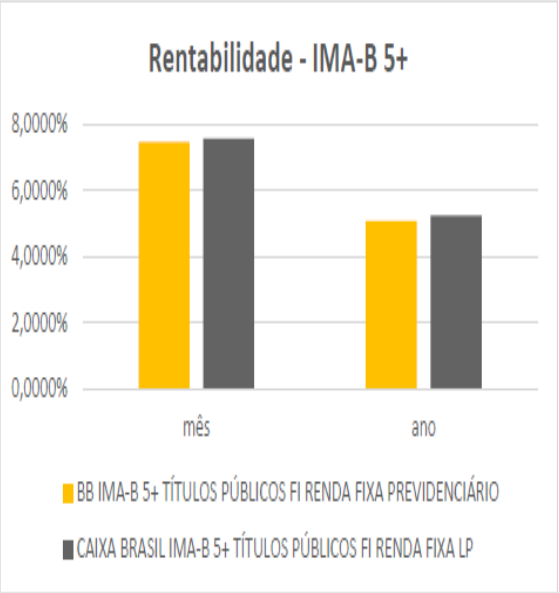

Rentabilidade - Itaú Unibanco
0,3
0,25
0,2
0,15
0,1
0,05
0
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
ITAÚ INSTITUCIONAL ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA

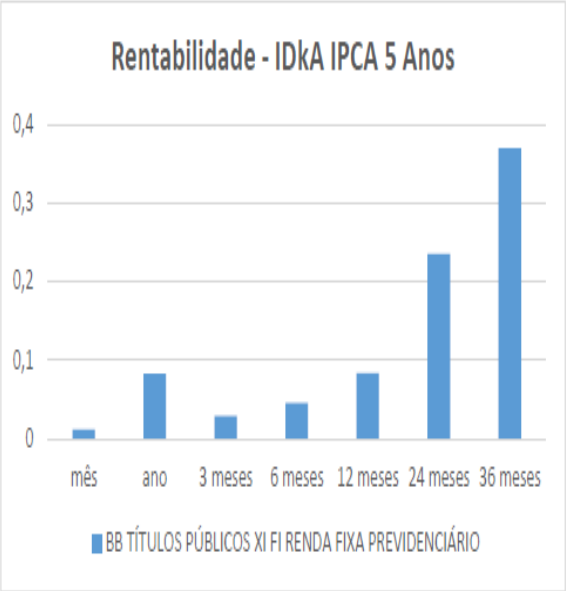

Rentabilidade - Santander Brasil Asset Management
0,25
0,2
0,15
0,1
0,05
0
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA

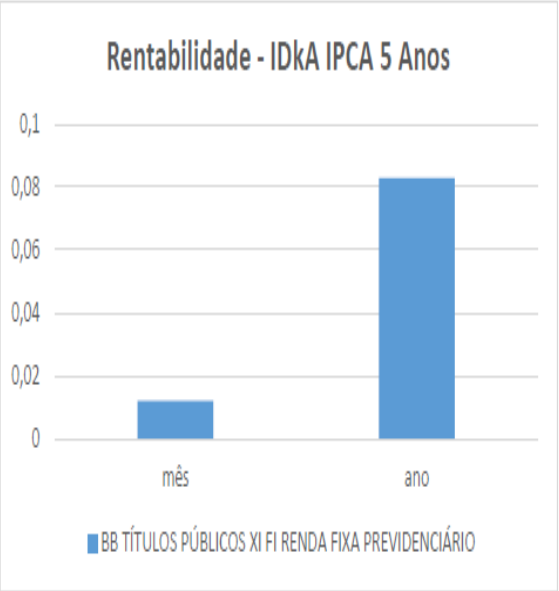

Rentabilidade - IMA-GERAL ex-C
0,4
0,3
0,2
0,1
0
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
BB ALOCAÇÃO ATIVA FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO


Rentabilidade - IMA-GERAL ex-C
0,06
0,04
0,02
0
mês
ano
BB ALOCAÇÃO ATIVA FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO

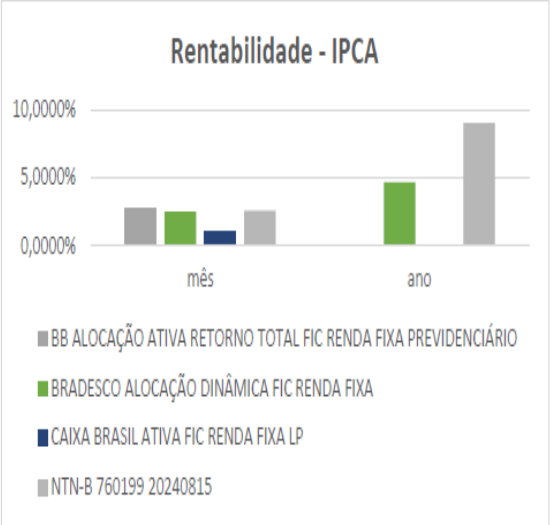

Rentabilidade - IMA-B 5+
80,0000%
60,0000%
40,0000%
20,0000%
0,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
BB IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
CAIXA BRASIL IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP

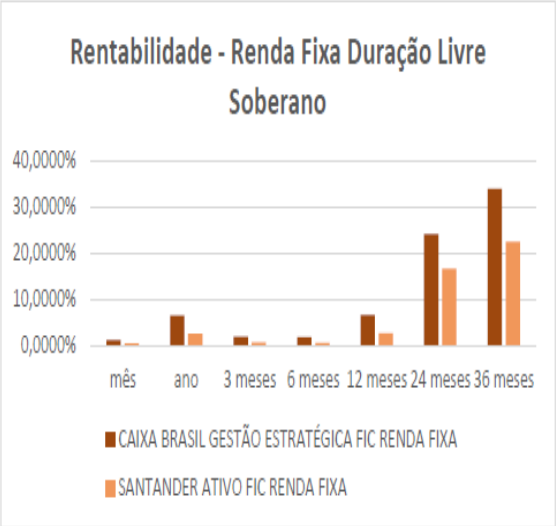

Rentabilidade - IMA-B 5+
8,0000%
6,0000%
4,0000%
2,0000%
0,0000%
mês
ano
BB IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
CAIXA BRASIL IMA-B 5+ TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP

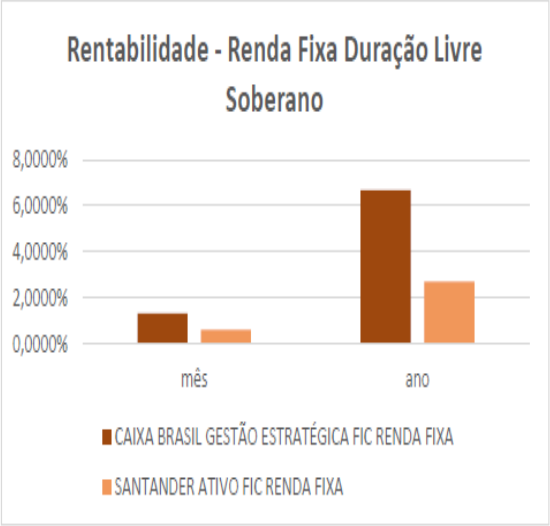

Rentabilidade - IDkA IPCA 5 Anos
0,4
0,3
0,2
0,1
0
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO

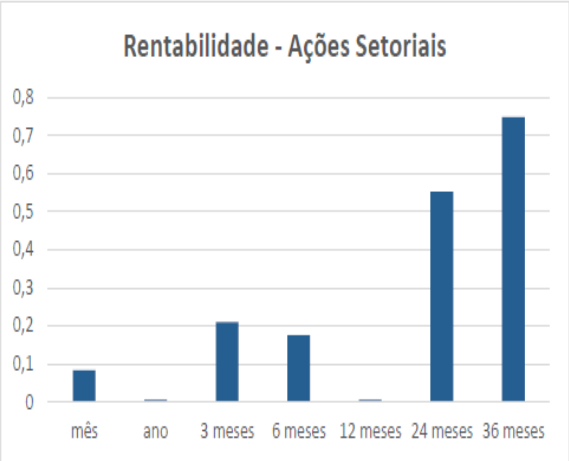

Rentabilidade - IDkA IPCA 5 Anos
0,1
0,08
0,06
0,04
0,02
0
mês
ano
BB TÍTULOS PÚBLICOS XI FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO

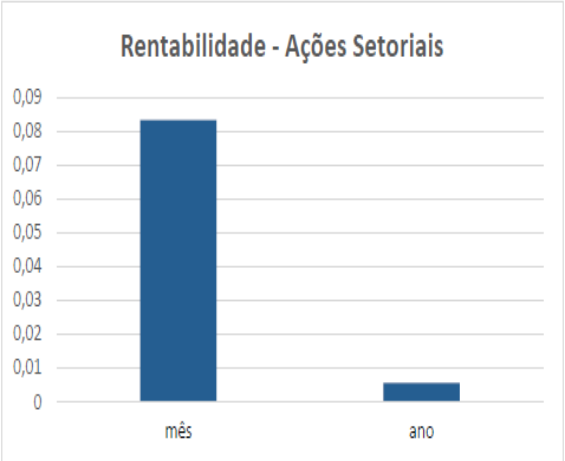
Rentabilidade - IPCA
60,0000%
40,0000%
20,0000%
0,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA
CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP
NTN-B 760199 20240815

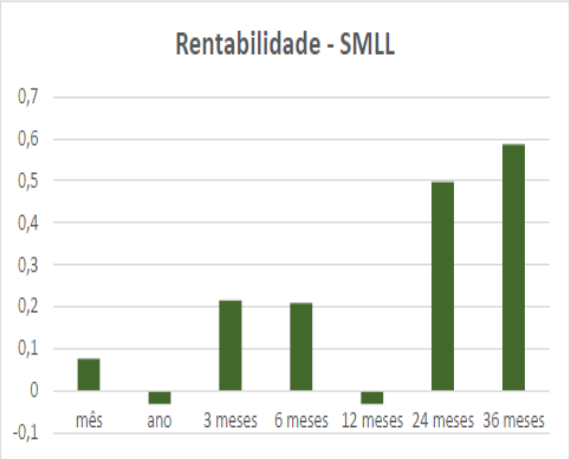

Rentabilidade - IPCA
10,0000%
5,0000%
0,0000%
mês
ano
BB ALOCAÇÃO ATIVA RETORNO TOTAL FIC RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO
BRADESCO ALOCAÇÃO DINÂMICA FIC RENDA FIXA
CAIXA BRASIL ATIVA FIC RENDA FIXA LP
NTN-B 760199 20240815

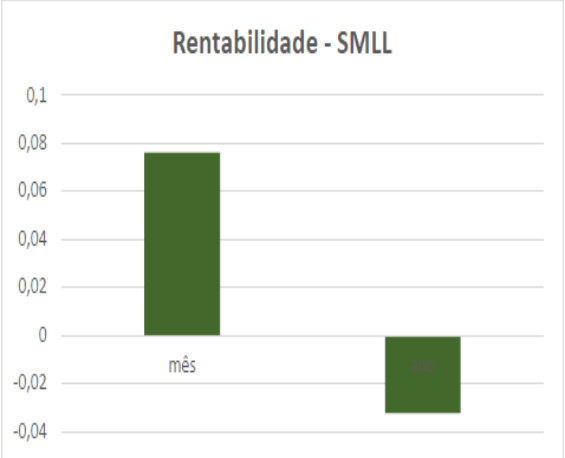

Rentabilidade - Renda Fixa Duração Livre Soberano
40,0000%
30,0000%
20,0000%
10,0000%
0,0000%
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
CAIXA BRASIL GESTÃO ESTRATÉGICA FIC RENDA FIXA
SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA

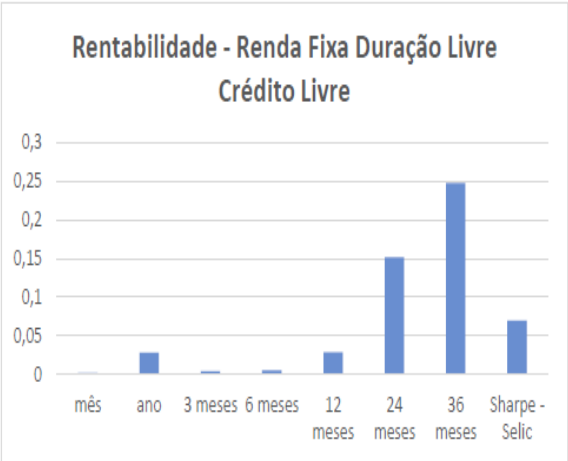

Rentabilidade - Renda Fixa Duração Livre Soberano
8,0000%
6,0000%
4,0000%
2,0000%
0,0000%
mês
ano
CAIXA BRASIL GESTÃO ESTRATÉGICA FIC RENDA FIXA
SANTANDER ATIVO FIC RENDA FIXA

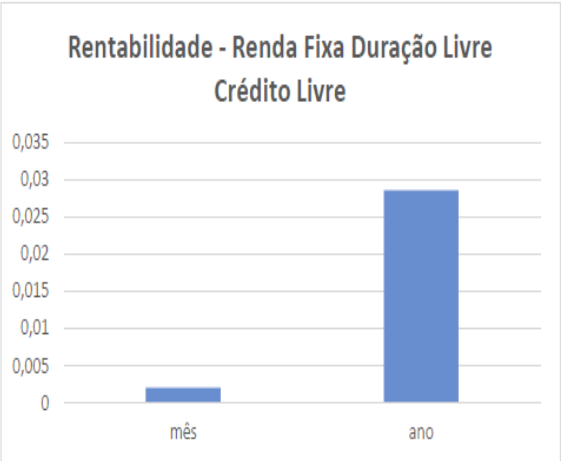

Rentabilidade - Ações Setoriais
0,8
0,7
0,6
0,5
0,4
0,3
0,2
0,1
0
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses

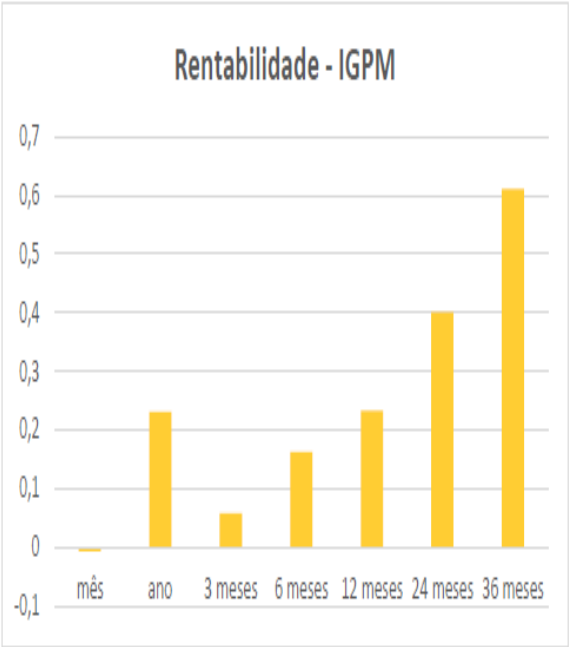

Rentabilidade - Ações Setoriais
0,09
0,08
0,07
0,06
0,05
0,04
0,03
0,02
0,01
0
mês
ano

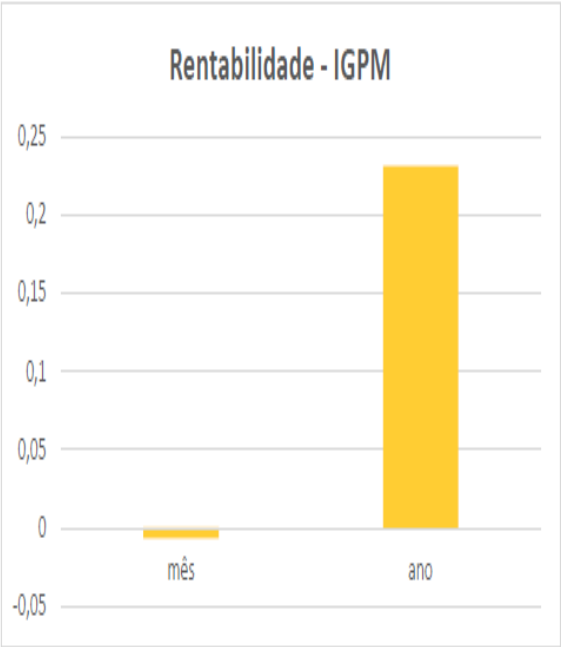

Rentabilidade - SMLL
0,7
0,6
0,5
0,4
0,3
0,2
0,1
0
-0,1
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses

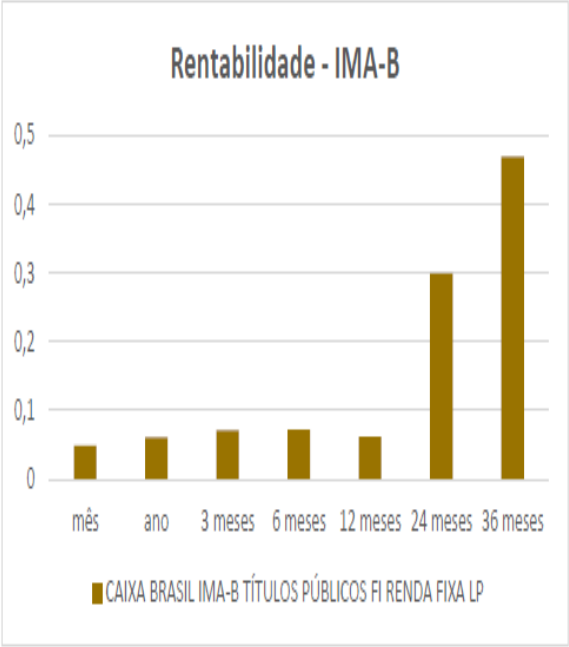

Rentabilidade - SMLL
0,1
0,08
0,06
0,04
0,02
0
-0,02
-0,04
mês
ano

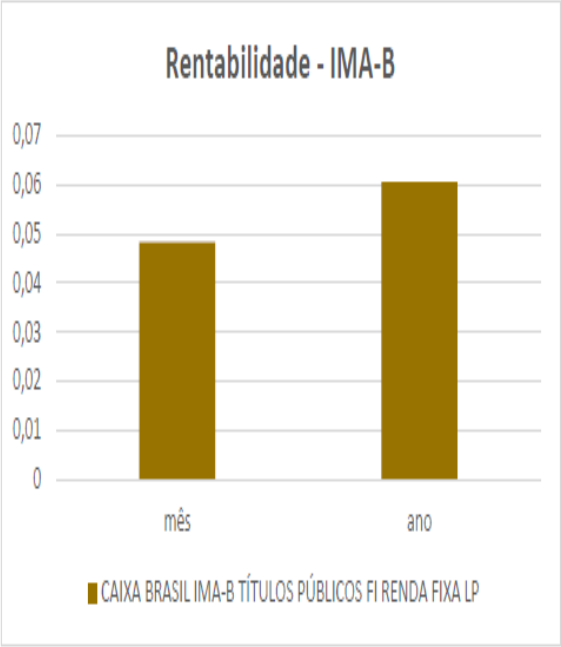

Rentabilidade - Renda Fixa Duração Livre Crédito Livre
0,3
0,25
0,2
0,15
0,1
0,05
0
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
Sharpe - Selic

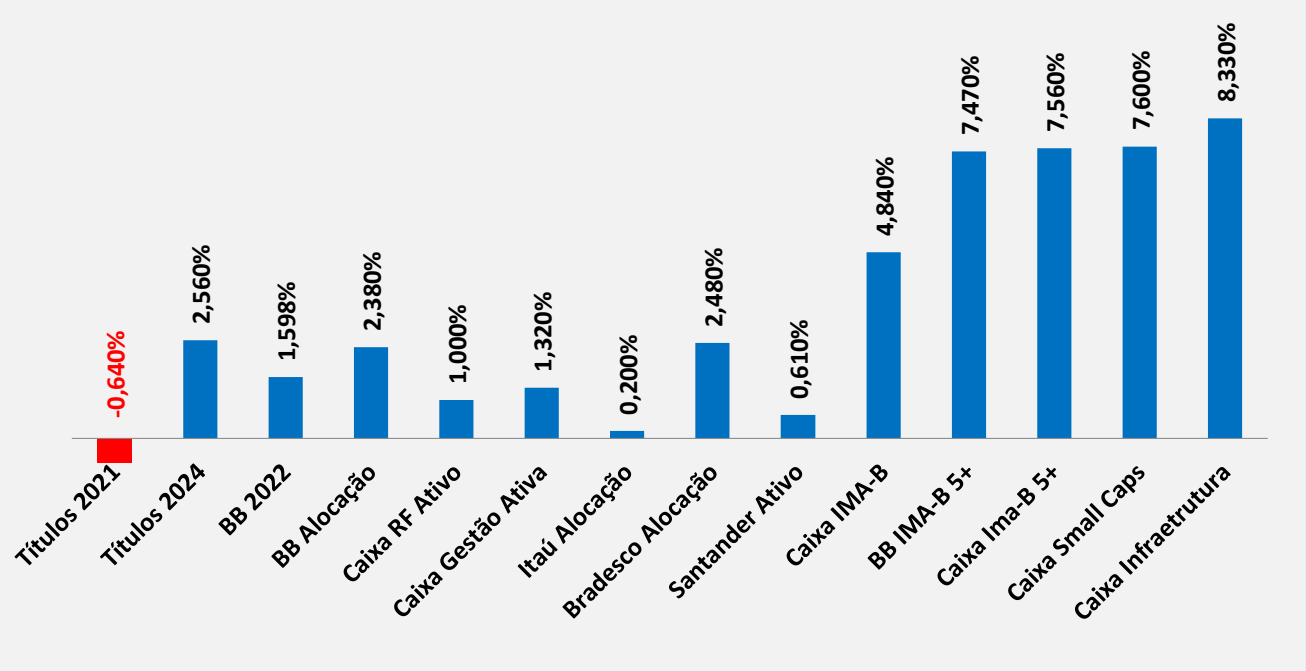

Rentabilidade - Renda Fixa Duração Livre Crédito Livre
0,035
0,03
0,025
0,02
0,015
0,01
0,005
0
mês
ano

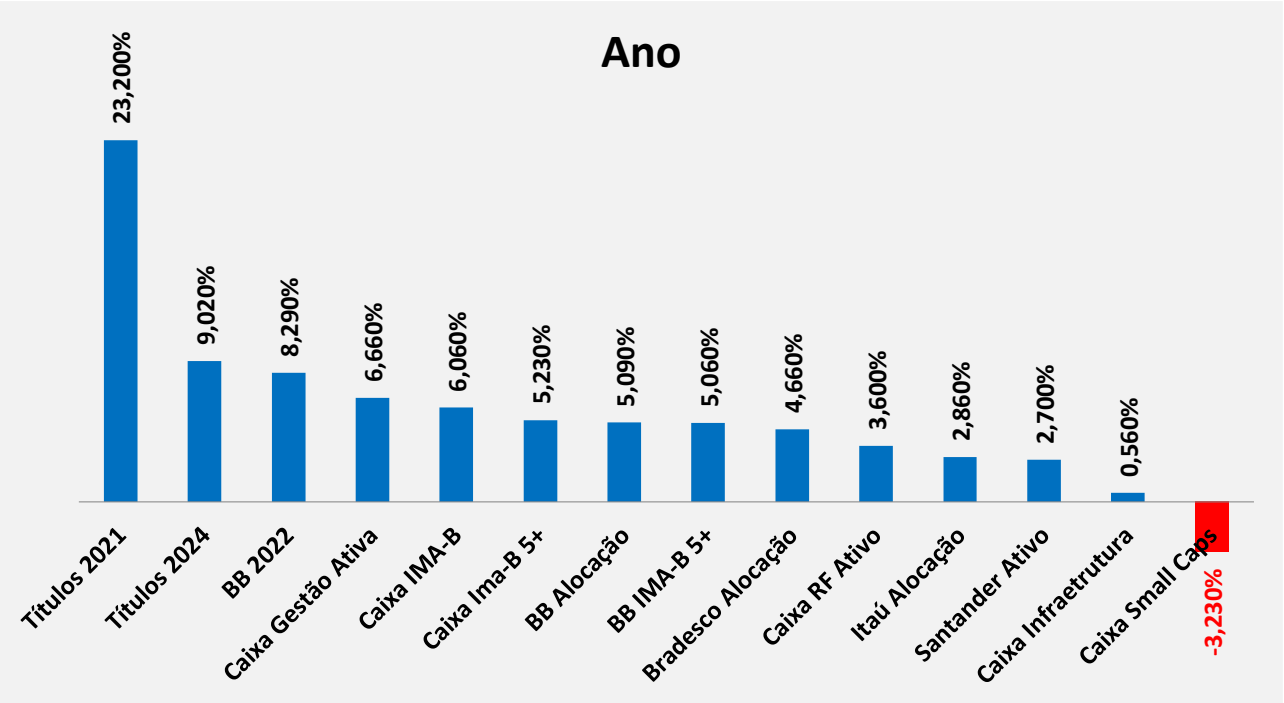

Rentabilidade - IGPM
0,7
0,6
0,5
0,4
0,3
0,2
0,1
0
-0,1
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses


Rentabilidade - IGPM
0,25
0,2
0,15
0,1
0,05
0
-0,05
mês
ano


Rentabilidade - IMA-B
0,5
0,4
0,3
0,2
0,1
0
mês
ano
3 meses
6 meses
12 meses
24 meses
36 meses
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP

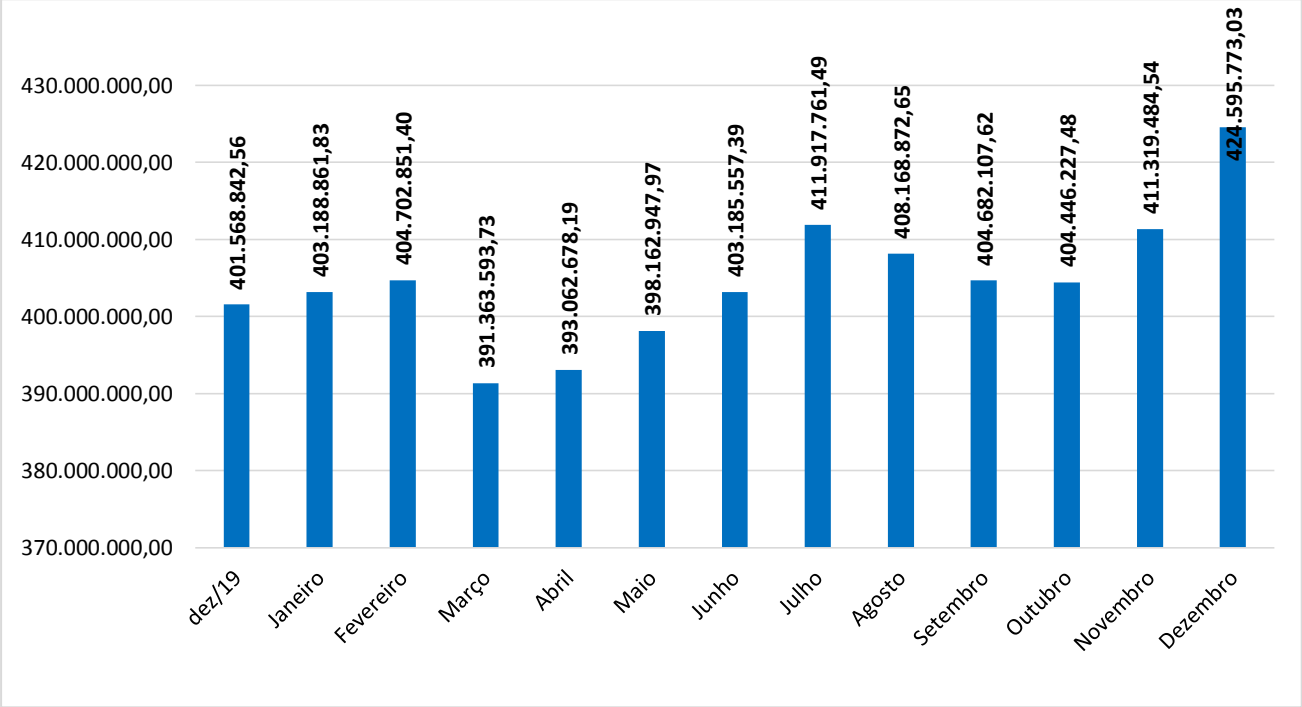

Rentabilidade - IMA-B
0,07
0,06
0,05
0,04
0,03
0,02
0,01
0
mês
ano
CAIXA BRASIL IMA-B TÍTULOS PÚBLICOS FI RENDA FIXA LP

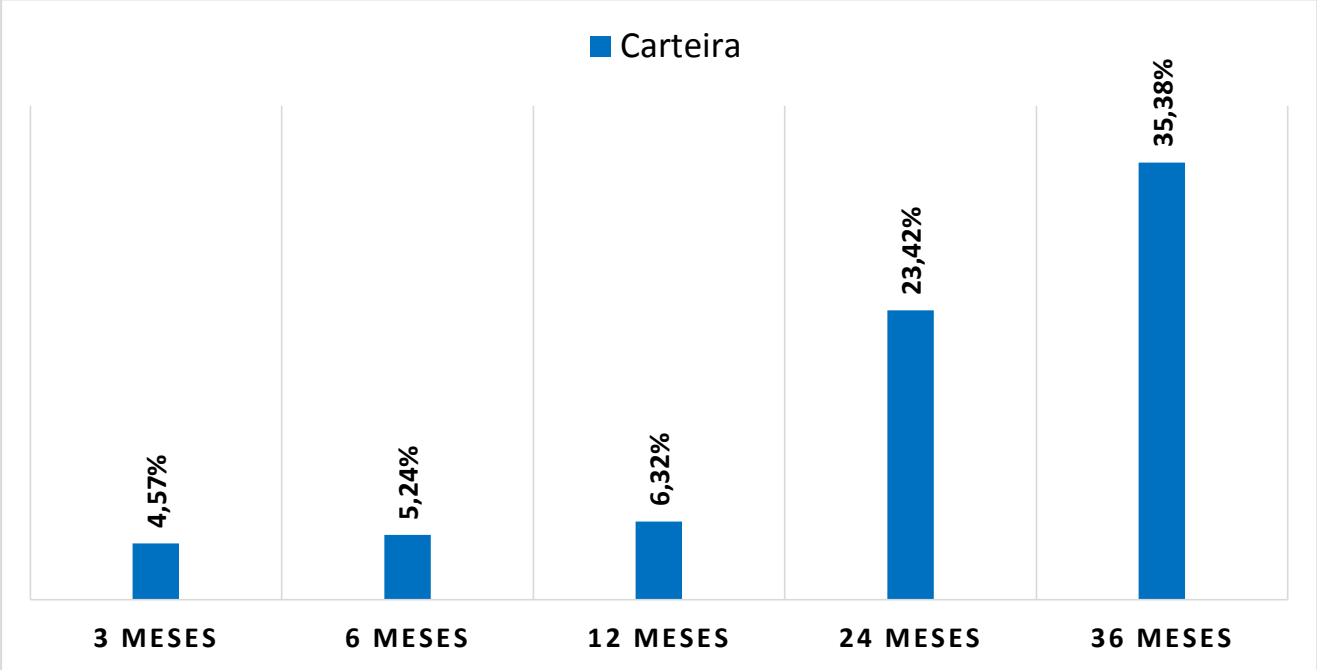

-0,640%
2,560%
1,598%
2,380%
1,000%
1,320%
0,200%
2,480%
0,610%
4,840%
7,470%
7,560%
7,600%
8,330%
Títulos 2021
Títulos 2024
BB 2022
BB Alocação
Caixa RF Ativo
Caixa Gestão Ativa
Itaú Alocação
Bradesco Alocação
Santander Ativo
Caixa IMA-B
BB IMA-B 5+
Caixa Ima-B 5+
Caixa Small Caps
Caixa Infraetrutura


Ano
23,200%
9,020%
8,290%
6,660%
6,060%
5,230%
5,090%
5,060%
4,660%
3,600%
2,860%
2,700%
0,560%
-3,230%
Títulos 2021
Títulos 2024
BB 2022
Caixa Gestão Ativa
Caixa IMA-B
Caixa Ima-B 5+
BB Alocação
BB IMA-B 5+
Bradesco Alocação
Caixa RF Ativo
Itaú Alocação
Santander Ativo
Caixa Infraetrutura
Caixa Small Caps

7.8- Evolução dos Investimentos nos últimos 12 meses

A evolução dos investimentos do IPMU nos últimos doze meses, reflete a desvalorização acentuada no primeiro trimestre de 2020 e a recuperação apresentada nos trimestres seguintes de 2020.





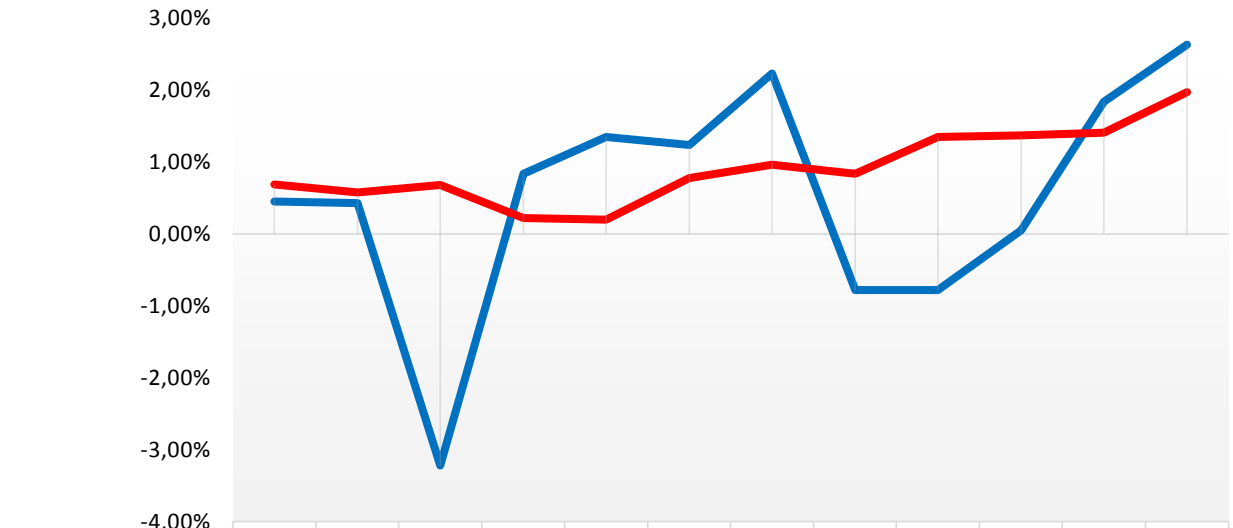
7.9 Meta Atuarial

O desempenho geral da carteira no encerramento do mês de **dezembro/2020** foi positivo, apesar da instabilidade do mercado financeiro. A rentabilidade consolidada da carteira do IPMU no período foi positiva em **6,34%,** mas distante da meta atuarial (IPCA + 5,86% a.a.) que encerrou 2020 em **11,60%.**

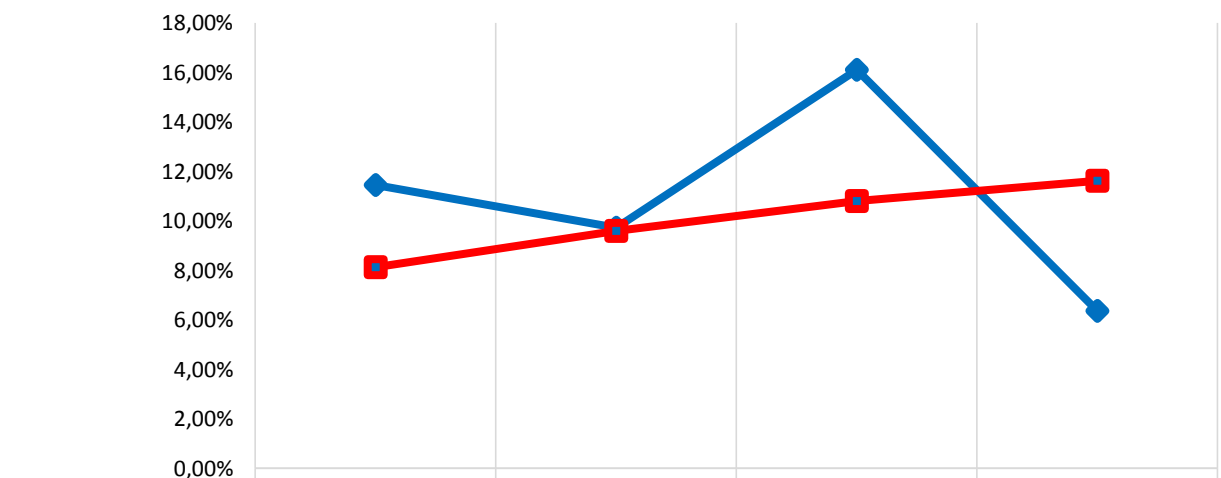
Mesmo com os avanços nos cenários econômicos e financeiros após março/2020, observa-se que a melhora perdeu velocidade, o que pode ser evidenciado pelos dados do mercado de trabalho, do setor industrial e do PIB de diversos países. A retomada se mostra mais lenta do que o esperado, refletindo no resultado dos investimentos, principalmente nos meses de agosto, setembro e outubro de 2020.

Retorno x Meta Atuarial

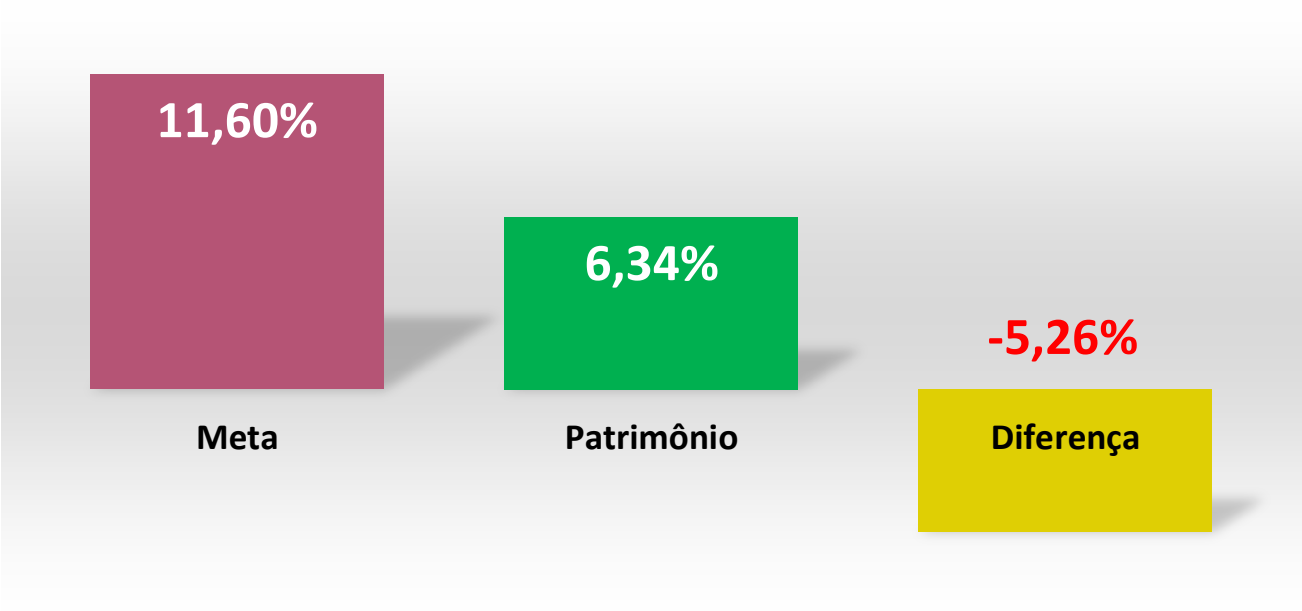
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Rent. Ano
2020	0,45	0,43	-3,22	0,84	1,35	1,24	2,23	-0,78	-0,78	0,05	1,84	2,63	6,34
INPC + 5,86%	0,69	0,58	0,68	0,22	0,20	0,78	0,96	0,84	1,35	1,37	1,41	1,10	10,66
p.p. indexador	-0,24	-0,15	-3,90	0,62	1,15	0,46	1,27	-1,62	-2,13	-1,32	0,43	1,53	-4,32
2019	2,36	0,52	0,65	1,13	2,41	2,83	1,13	-0,16	2,06	2,14	-1,26	1,28	16,10
INPC + 6%	0,87	1,01	1,21	1,09	0,66	0,45	0,63	0,63	0,44	0,57	1,01	1,71	10,78
p.p. indexador	1,49	-0,49	-0,56	0,04	1,75	2,38	0,50	-0,79	1,62	1,57	-2,27	-0,43	5,32
2018	1,76	0,58	1,28	0,26	-1,66	0,28	1,46	-0,26	0,54	3,44	0,39	1,30	9,72
INPC + 6%	0,74	0,60	0,56	0,70	0,92	1,92	0,76	0,53	0,74	0,91	0,21	0,60	9,59
p.p. indexador	1,02	-0,02	0,72	-0,44	-2,58	-1,64	0,70	-0,79	-0,20	2,53	0,18	0,70	0,13
2017	1,66	2,15	1,20	0,17	-0,47	0,45	2,55	1,13	1,23	0,17	-0,14	0,83	11,43
INPC + 6%	0,93	0,66	0,85	0,50	0,87	0,19	0,66	0,50	0,44	0,86	0,64	0,72	8,12
p.p. indexador	0,73	1,49	0,35	-0,33	-1,34	0,26	1,89	0,63	0,79	-0,69	-0,78	0,11	3,31

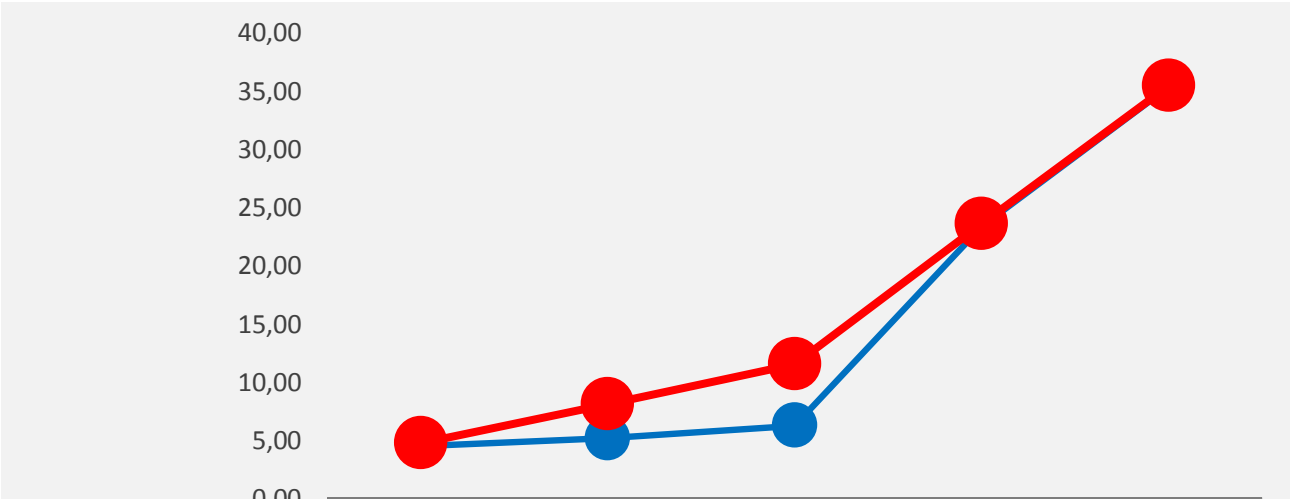


	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
Patrimônio	0,45%	0,43%	-3,22%	0,84%	1,35%	1,24%	2,23%	-0,78%	-0,78%	0,05%	1,84%	2,63%
Meta Atuarial	0,69%	0,58%	0,68%	0,22%	0,20%	0,78%	0,96%	0,84%	1,35%	1,37%	1,41%	1,97%



	2017	2018	2019	2020
Patrimônio	11,43%	9,72%	16,10%	6,34%
Meta Atuarial	8,12%	9,59%	10,78%	11,60%



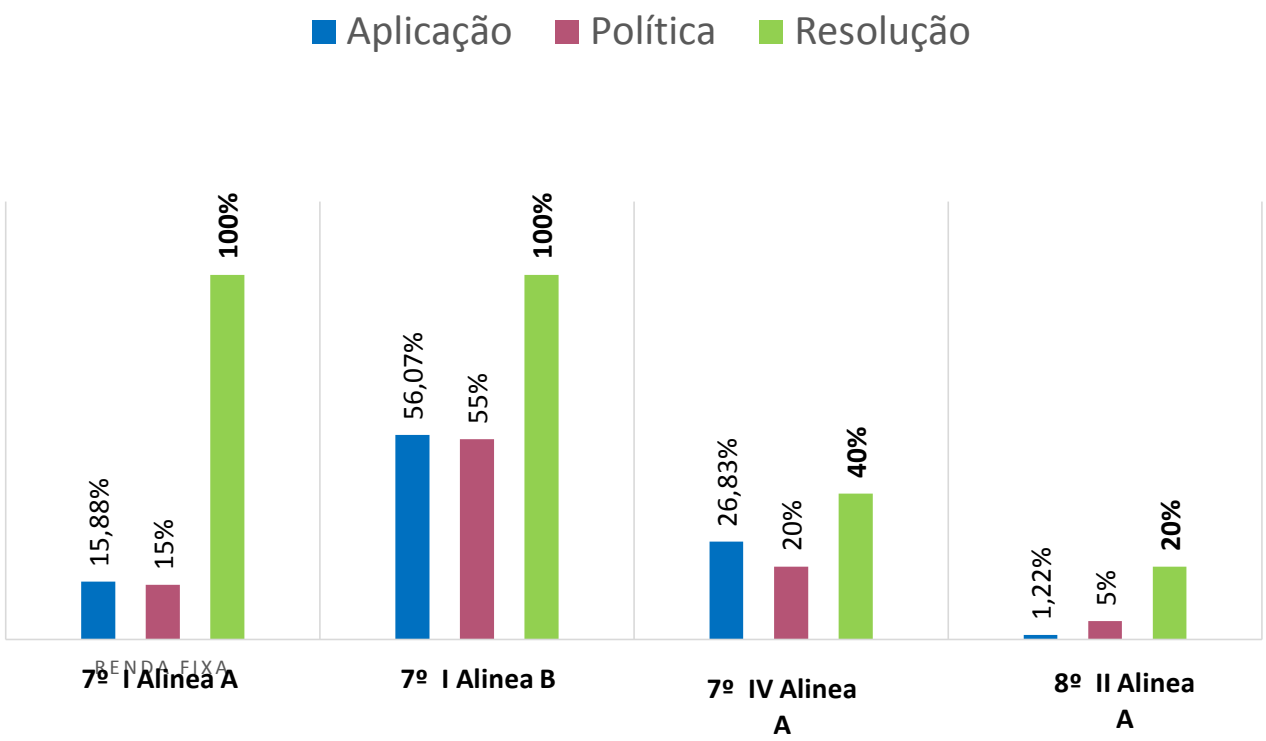


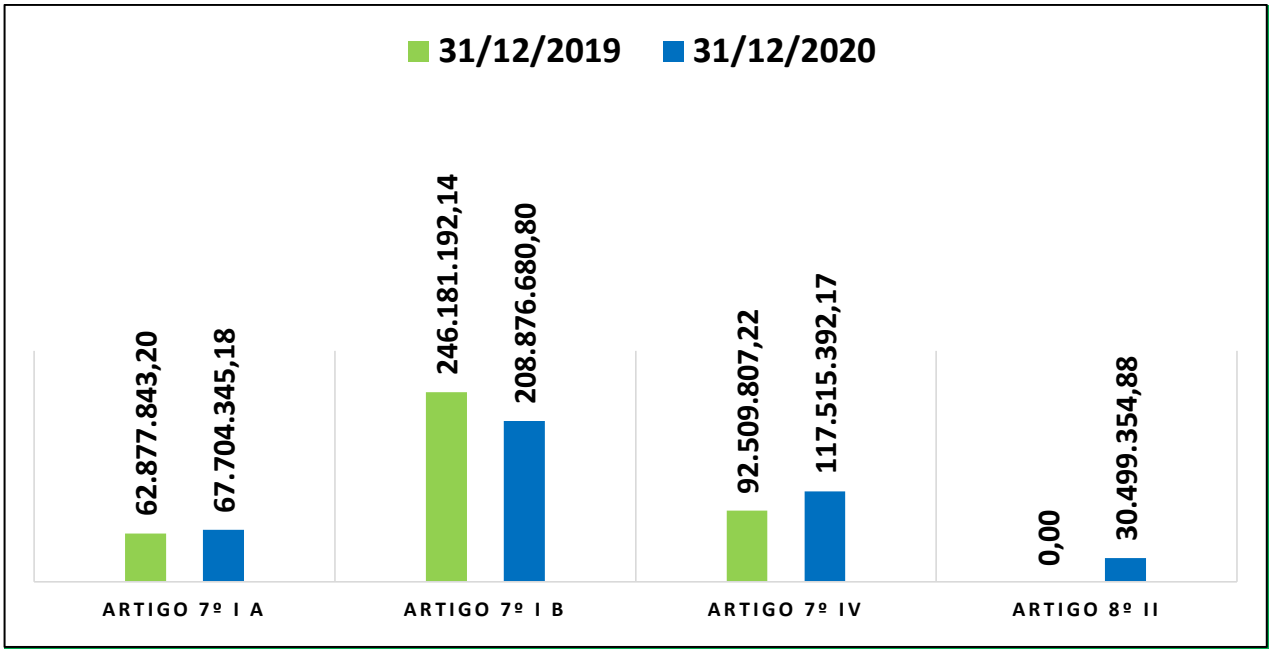
	03 meses	06 meses	12 meses	24 meses	36 meses
Carteira	4,57	5,24	6,32	23,42	35,38
Meta Atuarial	4,82	8,16	11,61	23,63	35,47

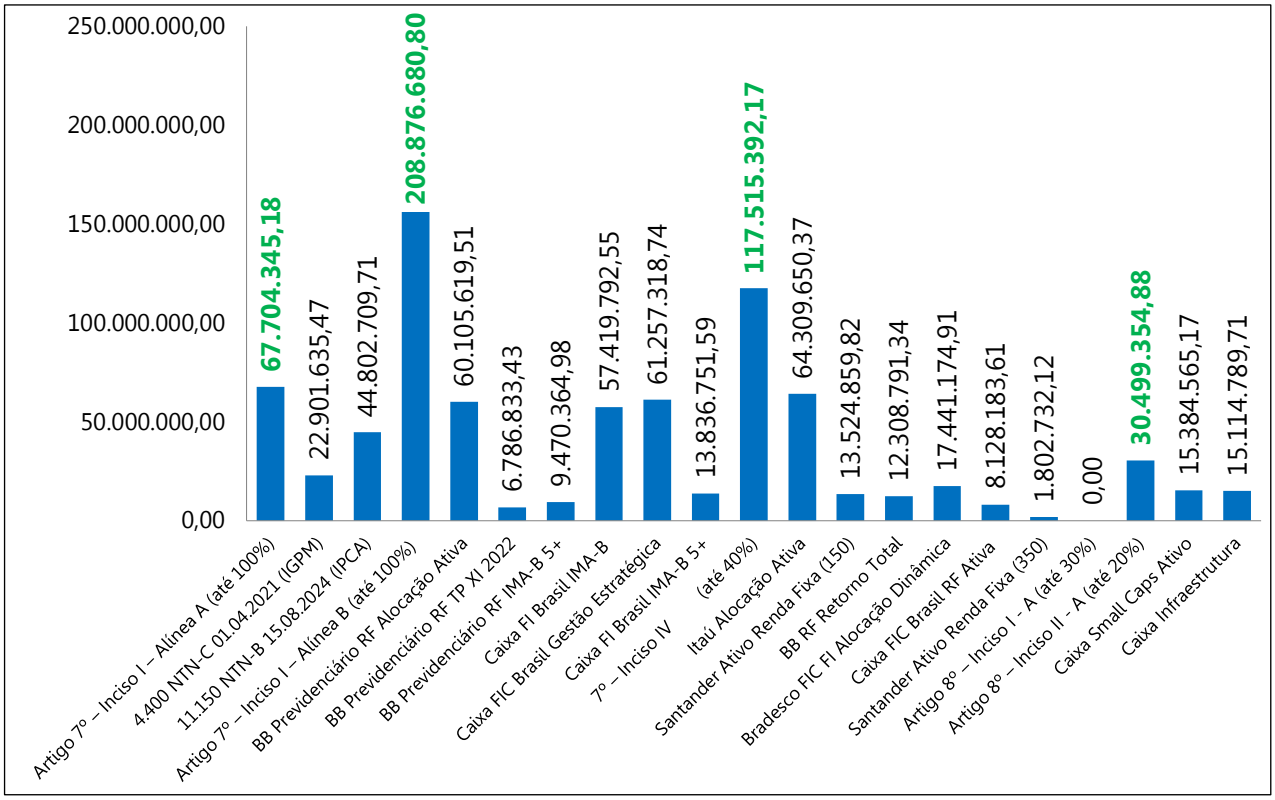
7.10- Aplicação por enquadramento

Com relação ao enquadramento, os recursos do IPMU estão corretamente distribuídos conforme os artigos da Resolução 3.922/10 alterada pelas Resoluções 4.604/17 e 4.695/18.

Enquadramento - Resolução					% Aplicação	Política de Investimentos		
Segmento	Artigo	Inciso	Alínea	Limite		Mínimo	Objetivo	Máximo
Renda Fixa	7	I	A	100%	15,88%	15%	15%	100%
	7	I	B	100%	56,07%	0%	55%	100%
	7	IV	A	40%	26,83%	0%	20%	40%
Renda Variável	8	II	A	20%	1,22%	0%	5%	20%

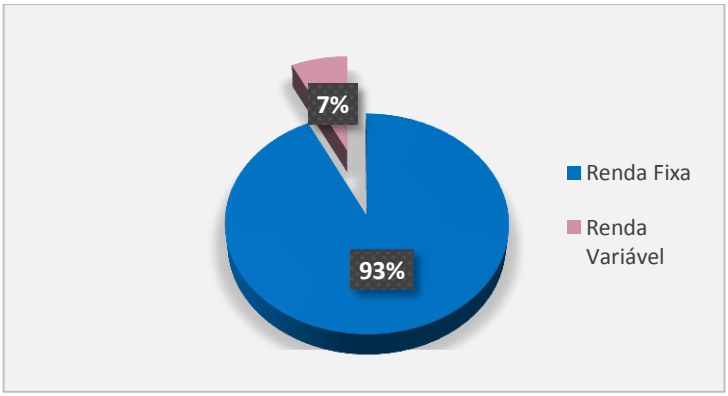



31/12/2019
31/12/2020
62.877.843,20
67.704.345,18
246.181.192,14
208.876.680,80
92.509.807,22
117.515.392,17
0,00
30.499.354,88
ARTIGO 7º I A
ARTIGO 7º I B
ARTIGO 7º IV
ARTIGO 8º II


250.000.000,00
200.000.000,00
150.000.000,00
100.000.000,00
50.000.000,00
0,00
67.704.345,18
22.901.635,47
44.802.709,71
208.876.680,80
60.105.619,51
6.786.833,43
9.470.364,98
57.419.792,55
61.257.318,74
13.836.751,59
117.515.392,17
64.309.650,37
13.524.859,82
12.308.791,34
17.441.174,91
8.128.183,61
1.802.732,12
0,00
30.499.354,88
15.384.565,17
15.114.789,71
Artigo 7º – Inciso I – Alínea A (até 100%)
4.400 NTN-C 01.04.2021 (IGPM)
11.150 NTN-B 15.08.2024 (IPCA)
Artigo 7º – Inciso I – Alínea B (até 100%)
BB Previdenciário RF Alocação Ativa
BB Previdenciário RF TP XI 2022
BB Previdenciário RF IMA-B 5+
Caixa FI Brasil IMA-B
Caixa FIC Brasil Gestão Estratégica
Caixa FI Brasil IMA-B 5+
7º – Inciso IV
(até 40%)
Itaú Alocação Ativa
Santander Ativo Renda Fixa (150)
BB RF Retorno Total
Bradesco FIC FI Alocação Dinâmica
Caixa FIC Brasil RF Ativa
Santander Ativo Renda Fixa (350)
Artigo 8º – Inciso I - A (até 30%)
Artigo 8º – Inciso II - A (até 20%)
Caixa Small Caps Ativo
Caixa Infraestrutura

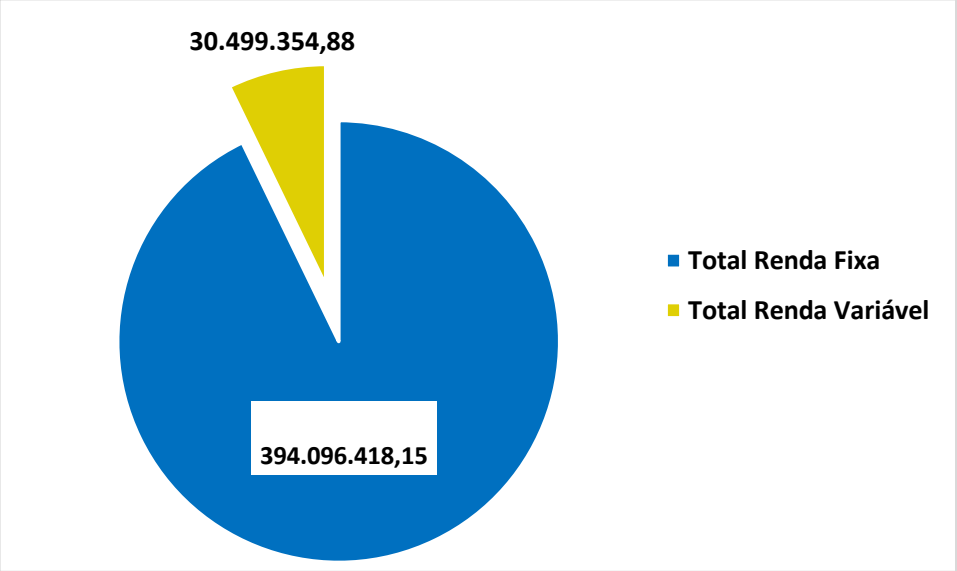
7.11- Composição dos Investimentos

A composição da carteira de investimentos do IPMU no encerramento do mês atende aos requisitos previstos em Lei e cumpre a Política Anual de Investimentos.



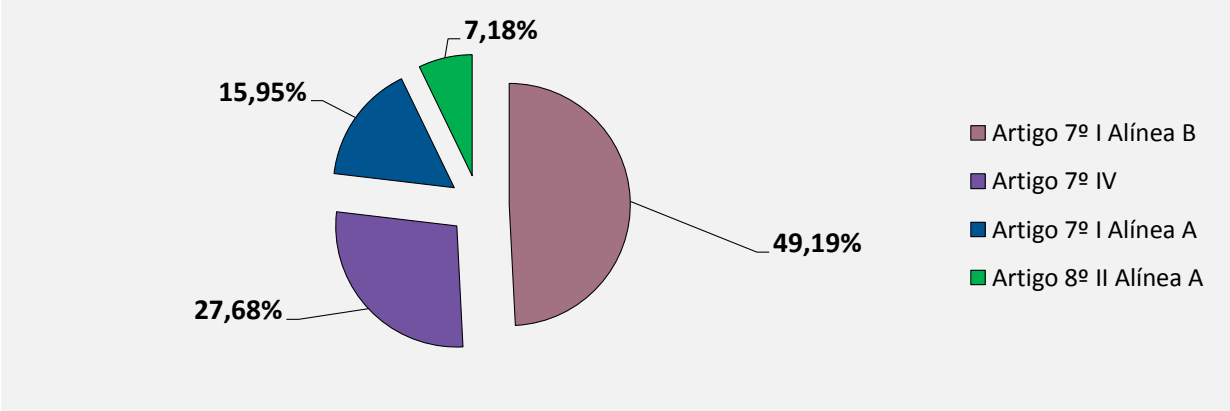
Os investimentos em **Renda Fixa** estão diversificados, com concentração em maior volume em "IPCA" seguido de "IMA-B Total". De forma geral, apresentando resultados compatíveis com o desempenho do mercado. O maior percentual dos fundos que compõe a "Carteira de investimentos" do IPMU, possuem gestão ativa, visando uma alocação dinâmica nos vértices do "IMA-B". Trabalhando tanto nos vértices da família IMA (IMA-B, IMA-B5 e IMA-B 5+), quanto nas taxas "Pré-Fixadas" mais curtas e inflação, buscando o melhor retorno, com o menor risco envolvido.

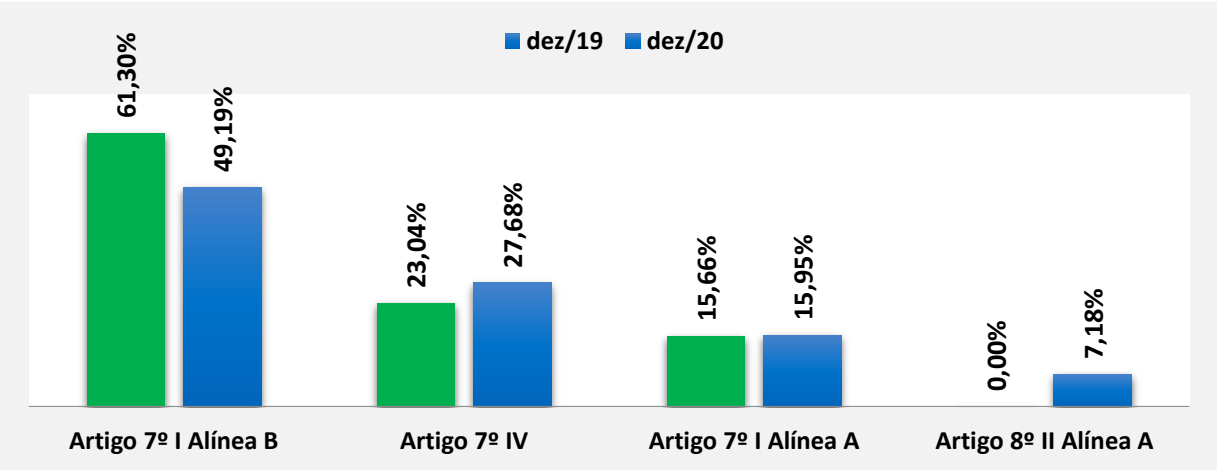
Os investimentos em **Renda Variável** estão distribuídos em "Small Caps" e "Infraestrutura". Dado ao momento político econômico que passamos em 2020, continuamos a ter grande volatilidade nos ativos de Renda Variável, apresentando preços mais ajustados do que no início da pandemia do Covid-19 em março/2020, mas ainda atrativo para uma alocação gradual, pensando em um horizonte de médio e longo prazo, estratégia adotada pelo Comitê de Investimentos que elevou a aplicação no segmento de 0,00% do PL em 2019 para 7,18% do PL no final de 2020.

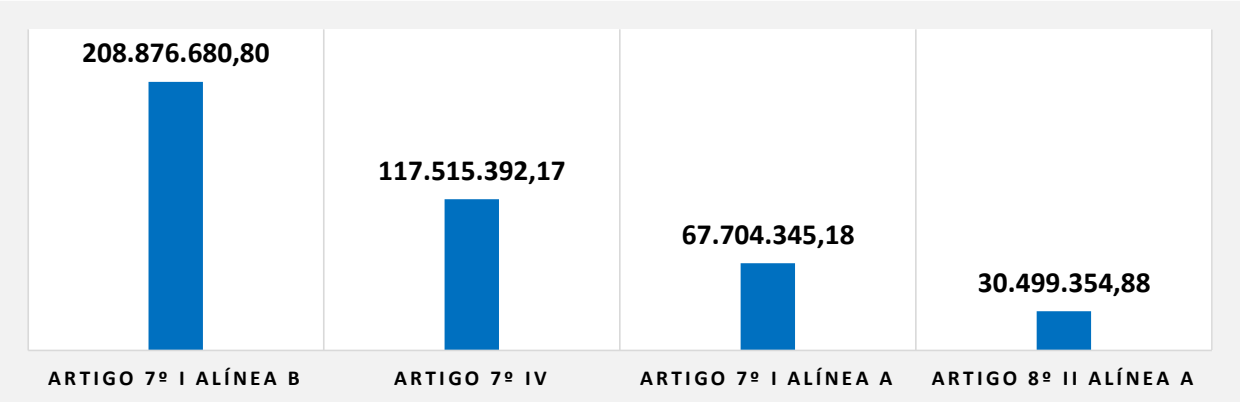


6.13- Diversificação por classe de ativos

Com relação à diversificação por classe de ativos/fatores de risco, observamos a seguinte distribuição:

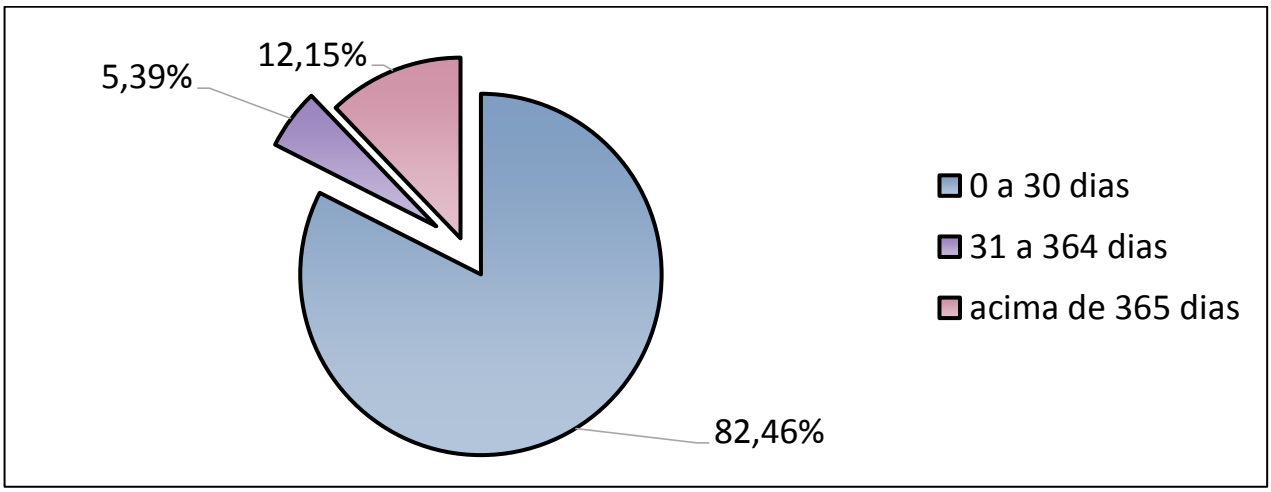






7.12- Análise de liquidez

Com relação à liquidez na carteira de investimentos, verifica-se que **82,22%** das aplicações financeiras tem liquidez de até 30 dias.



DE 0 A 30 DIAS

Ativo	Liquidação	Vencimento	Valor (R$)
FI CAIXA BRASIL IMA B 5+ TÍP RF LP	D+0		13.836.751,59
FI CAIXA BRASIL IMA-B TP RF LP	D+0		57.419.792,55
CAIXA BRASIL GESTÃO ESTRATÉGICA RF	D+0		61.257.318,74
CAIXA BRASIL RF ATIVA LP	D +1		8.128.183,61
ITAU INSTITUCIONAL ALOCACAO DINAMICA RF FICFI	D+1 du		64.309.650,37
SANTANDER RF ATIVO FIC (150)	D+1 du		13.524.859,82
SANTANDER RF ATIVO FIC (350)	D+1 du		1.802.732,12
BB PREV RF IMA-B5+ TP FI	D+2 du		9.470.364,98
BB PREV RF ALOCAÇÃO ATIVA FIC FI	D+3 du		60.105.619,51
BB PREVIDENCIÁRIO RETORNO TOTAL	D+3 du		12.308.791,34
FIA CAIXA INFRAESTRUTURA	D+3 du		15.114.789,71
FIA CAIXA SMALL CAPS ATIVO	D+3 du		15.384.565,17
BRADESCO ALOCACAO DINAMICA	D+4 du		17.441.174,91
			350.104.594,42

DE 31 A 364 DIAS

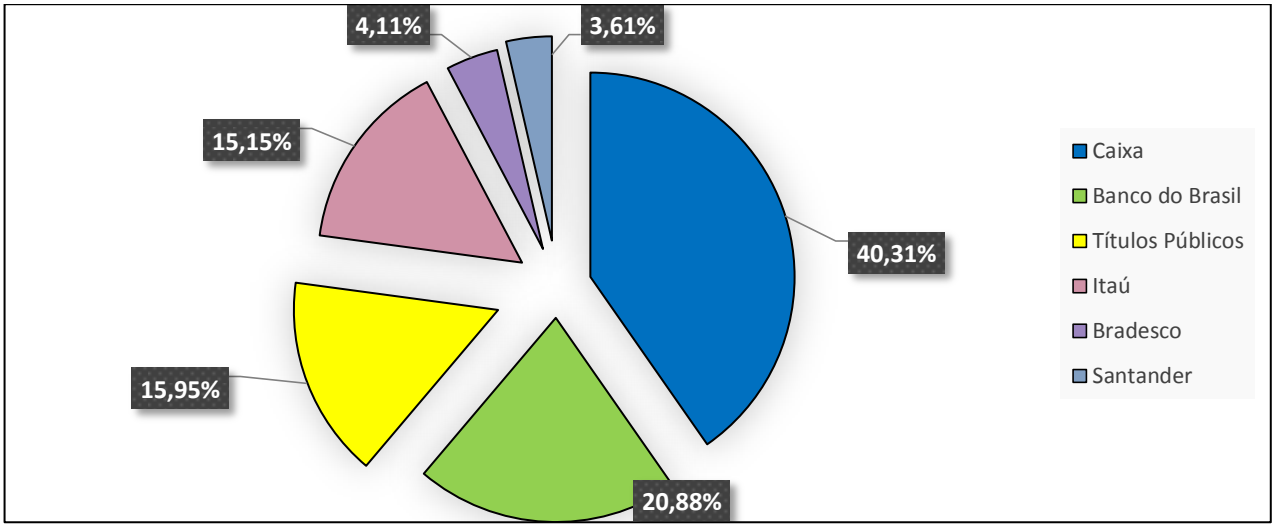
Ativo	Liquidação	Vencimento	Valor (R$)
NTN-C 010421		01/04/2021	**22.901.635,47**

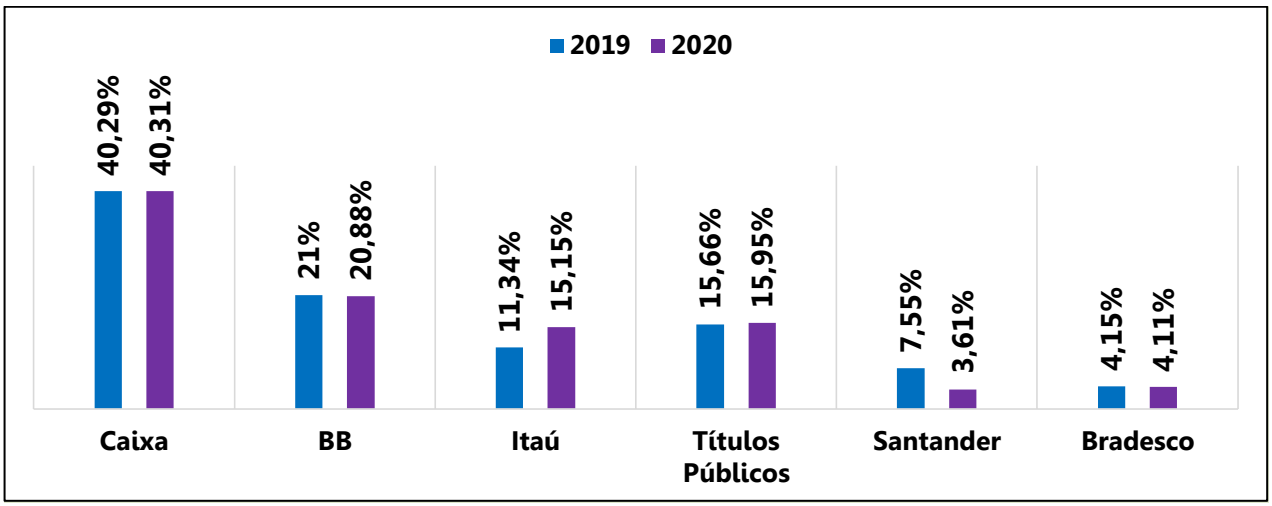
ACIMA DE 365 DIAS

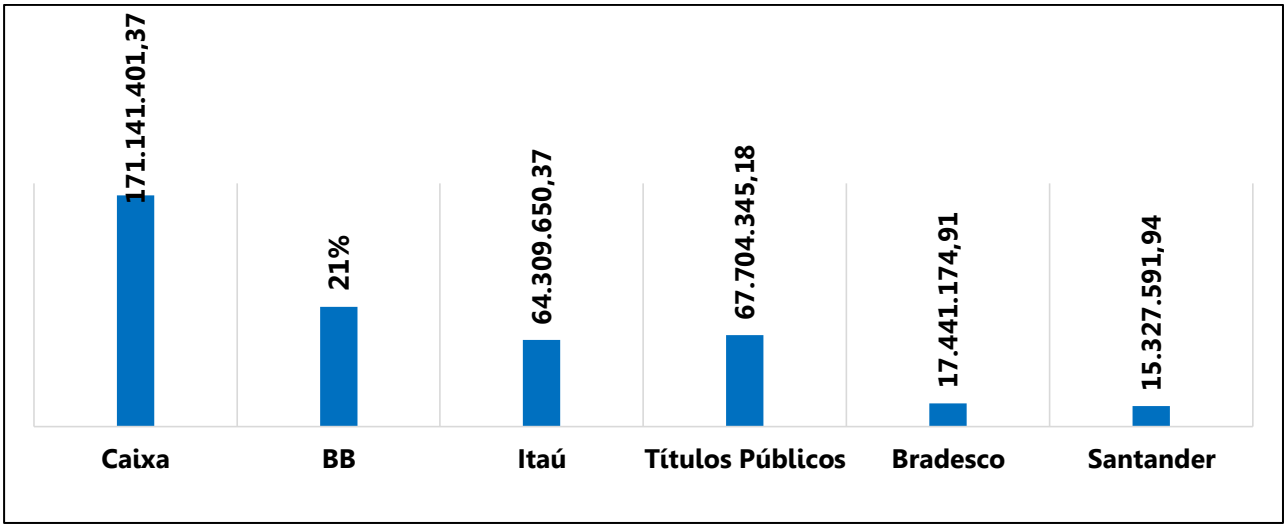
Ativo	Liquidação	Vencimento	Valor (R$)
BB PREVIDENCIÁRIO XI TP	D+0	15/08/2022	6.786.833,43
NTN-B 150824		15/08/2024	44.802.709,71
			51.589.543,14

7.13- Alocação por gestor

Para a diversificação de ativos, a Política de Investimentos para 2020 estabelece que o IPMU deverá manter seus recursos em no mínimo 03 (três) e no máximo 12 (doze) instituições financeiras, devidamente autorizadas a funcionar no País pelo Banco Central do Brasil, cujos gestores e administradores figurem entre os 10 (dez) primeiros colocados no ranking da Anbima – Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capital, não ocorrendo limitação de alocação por gestor/administrador.







Ubatuba, 15 de Janeiro de 2021

Sirleide da Silva
Presidente do Instituto de Previdência
Municipal de Ubatuba